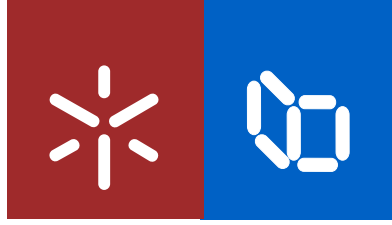




Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Ernesto Milando Fiti

**Toponímia de Cabinda: Contribuições
Lexicológicas e Lexicográficas
para a sua Harmonização Gráfica**



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Ernesto Milando Fiti

**Toponímia de Cabinda: Contribuições
Lexicológicas e Lexicográficas
para a sua Harmonização Gráfica**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências de Linguagem

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor Álvaro Iriarte Sanromán

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Agradecimentos

Curvo-me neste especial momento para exprimir a minha eterna gratidão a Deus pelo dom da vida e da ciência. É inarrável a lista de todos a quem devo um agradecimento de forma direta ou indireta, pois é bastante longa. A verdade é que parafraseando Umberto Eco, ninguém chega ao topo sozinho e quem chega ao topo sozinho falhou. Dai a necessidade de limitarmos a nomeação, mas *in profundis cordis*, carrego todos que mesmo com um bago de arroz puderam contribuir para que hoje eu fosse o homem que sou e esteja onde estou hoje, mesmo não sendo ainda “*Grande Gajo*”, como se diz na minha *banda*. Pelo que dirijo especialmente os meus agradecimentos:

À Universidade do Minho, na pessoa da Professora Doutora Maria Pilar Pereira Barbosa, Coordenadora do Mestrado em Ciências de Linguagem, pelo incentivo e carinho maternal. Ao Professor Doutor Álvaro Iriarte Sanromán, pela dedicação, simplicidade e confiança em mim, sobretudo por ter aceitado de coração aberto e sincero orientar este trabalho. À Coordenação do Projeto da Comissão Multisectorial para a Rectificação do Acordo Ortográfico de 1990, com vista a sua Ratificação na pessoa da Doutora Paula Henriques, pela confiança, consideração e sobretudo pelo carinho maternal. Que Deus vos dê a devida recompensa. Aos meus bispos Reverendíssimas D. Filomeno do Nascimento Vieira Dias e Belmiro Cuíca Chissenguete, pela amizade e confiança. Ao clero da Diocese de Cabinda, ao secretariado Diocesano de Educação e Ensino de Cabinda, na pessoa do seu Coordenador Dr. Raul Alberto Lello. À Secretaria Provincial da Cultura de Cabinda, na pessoa do seu secretário Dr. Ernesto Barros André, as Administrações Municipais de Cabinda, Cacongo, Bucu Zau e Belize, pela abertura. As autoridades tradicionais e outras fontes contatadas, pela paciência e colaboração. Aos Padres José Bassanza, Barnabé Lelo Tubi, Victor Macaia, Nicolau Cuebo pelas prestimosas contribuições e disponibilidade. Ao Padre António Alfredo Morais Púkuta pelo carinho paternal. Aos colegas do Projeto, especialmente a Luty Marla Lopes “minha colega de luxo”, Horácio Afonso, José Kondja, Alberto Simbo, Joana Bambi, Emília Mbiavanga entre outros, pela amizade e camaradagem. Aos amigos e colegas nas lides académicas na terra de Camões: Francisco dos Santos, Ezequiel Capita, Gime Luís “Velho Cristão”, Paulo Vicente.

Agradecimento especial a Gracinda Rodrigues Pires e toda a sua família, pela amizade, carinho, confiança e consideração. Graças a ti me foi possível ter uma família em Braga. Por fim à minha família, especialmente os meus filhos Fitilson, Cilson, Nequinho; a Dona Maria Bumba, minha mãe, guerreira de todos tempos, os meus tios/tias, os meus irmãos e irmãs, pelo carinho, atenção, consideração e a todo o povo de Cabinda, eterna gratidão.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Resumo

Toponímia de Cabinda: Contribuições Lexicológicas e Lexicográficas para a sua Harmonização Gráfica

O presente trabalho que intitulamos Toponímia de Cabinda: Contribuições Lexicológicas e Lexicográficas para a sua Harmonização Gráfica, surge como uma proposta de conciliação gráfica da toponímia residencial do Município de Cabinda, nos casos identificados como linguisticamente problemáticos. A presente dissertação teve como principais objetivos, trazer à luz a realidade linguística de Cabinda, fazer um levantamento da Toponímia residencial da Província de Cabinda, analisando de forma particular a do Município de Cabinda, selecionado como corpus. Durante o desenvolvimento temático, foi possível em linhas gerais trazer ao debate a realidade linguística de Cabinda, aglutinando as suas variantes numa entidade linguística comum que denominamos Ibinda, assumida por nós como a designação do conjunto das variantes linguísticas faladas em Cabinda, em substituição do termo Fiote, pejorativamente usado para designar a língua dos pretos. Igualmente apresentamos alguns subsídios que servem de base para a harmonização da grafia toponímica de Cabinda, tendo em atenção a Lei nº 14/16, de 12 de setembro. Atendendo aos vários fatores e origens de que os topónimos podem advir, foi possível fazer uma análise taxionómica, lexicológica, lexicográfica e sociolinguística do corpus.

Da classificação taxionómica apresentamos as cinco (5) maiores percentagens, pela ordem decrescente, destacando: antropónimos 16%, dirrematopónimos 16%, hierotopónimos 9%, sociotopónimos 8%, hidrotopónimos 5% e dimensiotopónimos igualmente com 5%. Na análise lexicológica, lexicográfica e sociolinguística foi possível identificar alguns problemas linguísticos da toponímia residencial do Município de Cabinda; sendo 46 % considerados graves, 2 % muito graves, 6 % menos graves. 40 % dos topónimos não registam nenhum problema linguístico e 6 % dos mesmos não foram detetados. Pelos resultados ora apresentados, é mister uma rápida solução desses problemas.

Em suma, o presente estudo constitui uma contribuição na afirmação e reafirmação da língua de Cabinda e dos cabindas, assim como no resgate histórico, cultural, social e identitário da realidade linguística da província de Cabinda, e sobretudo, por ter detetado os principais problemas da toponímia residencial do Município de Cabinda, servindo como ferramenta para a sua harmonização gráfica e como ponto de partida para ulteriores investigações nessa temática.

Palavras-Chave: Cabinda, grafia, harmonização, Ibinda, toponímia

Abstract

Toponymy of Cabinda: Lexicological and Lexicographic Contributions for its Graphic Harmonization

This work, which we call Toponymy of Cabinda: Lexicological and Lexicographic Contributions for its Graphic Harmonization, appears as a proposal for graphic reconciliation between the residential toponymy of the Municipality of Cabinda, in the cases identified as linguistically problematic. This dissertation had as main objectives, to bring to light the linguistic reality of Cabinda, to make a survey of the residential Toponymy of the Province of Cabinda, analyzing in a particular way that of the Municipality of Cabinda, selected as corpus. During the thematic development, it was possible in general to bring the linguistic reality of Cabinda to the debate, bringing together its variants in a common linguistic entity that we call Ibinda, assumed by us as the designation of the set of linguistic variants spoken in Cabinda, replacing the term Fiote, pejoratively used to designate the language of blacks. We also present some subsidies that serve as a basis for harmonizing the toponymic spelling of Cabinda, taking into account Law No. 14/16, of September 12th. Taking into account the various factors and origins that the place names may come from, it was possible to make a taxonomic, lexicological, lexicographic and sociolinguistic analysis of the corpus.

From the taxonomic classification we present the five (5) highest percentages, in decreasing order, highlighting: anthroponyms 16%, dirrematoponyms 16%, hierotoponyms 9%, sociotonyms 8%, hydroponyms 5% and dimensiopónimos also with 5%. In the lexicological, lexicographic and sociolinguistic analysis, it was possible to identify some linguistic problems of the residential toponymy of the Municipality of Cabinda; 46% considered serious, 2% very serious, 6% less serious. 40% of place names have no linguistic problems and 6% of them have not been detected. From the results presented here, a quick solution of these problems is necessary

In short, the present study constitutes a contribution to the affirmation and reaffirmation of the language of Cabinda and Cabindas, as well as in the historical, cultural, social and identity recovery of the linguistic reality of the province of Cabinda, and above all, for having detected the main problems of the residential toponymy of the Municipality of Cabinda, serving as a tool for its graphic harmonization and as a starting point for further investigations on this theme.

Keywords: Cabinda, spelling, harmonization, Ibinda, toponymy

ÍNDICE

Dedicatória	xiv
Agradecimentos.....	iii
Resumo	v
Abstract	vi
ÍNDICE	vii
Lista de siglas e Abreviaturas.....	ix
Índice de quadros.....	xi
Índice de gráficos	xii
Índice das figuras	xiii
Introdução	1
1. Justificação do tema.....	1
2. Enquadramento teórico.....	2
2.1. Enquadramento lexicológico do conteúdo toponímico	4
2.2. Enquadramento lexicográfico da forma toponímica	7
2.3. Enquadramento para-gramatical da função toponímica	9
3. Método e Plano Expositivo do Tema.....	10
CAPÍTULO I. CARACTERIZAÇÃO TERRITORIAL DE CABINDA	12
I.1. Caracterização histórica e territorial de Cabinda	12
I.1.1. Sobre Cabinda.....	12
I.1.1.1. Cabinda, enquanto topónimo colonial	12
I.1.1.2. Cabinda, enquanto territorialidade em historicidade	15
CAPÍTULO II: CARACTERIZAÇÃO LINGUISTICA E SUBSÍDIOS PARA UM CORPUS ONOMÁSTICO-TOPONÍMICO DE CABINDA	21
II.1. Sobre o Ibinda	21
II.1.1. Ibinda: origem do nome e sua função.....	21
II.1.1.1. Função sociolinguística de identificação paritária com Cabinda	23

II.1.1.2. Função sociolinguística de comutação e de tutela	23
II.1.1.3. Função sociolinguística neocomunitária	23
II.2. Outras características específicas do Ibinda	32
II.3. Em busca de um estatuto e de uma definição da língua de Cabinda	34
CAPITULO III: PROCESSAMENTO E ANÁLISE TAXIONÓMICO, LEXICOLÓGICO, LEXICOGRÁFICO E SOCIOLINGUÍSTICO DO CORPUS	39
III.1. Plano e execução do trabalho de campo	39
III.2. Apresentação e análise do corpus	42
III.2.1. Análise taxionómico do corpus toponímico residencial do Município de Cabinda.....	42
III. 2.2. Processamento e análise lexicológica, lexicográfica e sociolinguística do corpus selecionado	55
III. 2.2.1. Tabelas analíticas da toponímia residencial do Município de Cabinda	57
CONCLUSÃO.....	179
BIBLIOGRAFIA.....	182
Anexos.....	188

Lista de siglas e Abreviaturas

Adj. = adjetivo;

Adv. = advérbio;

Al. =alínea

Art. °.= Artigo

Av. = Avenida

B =Bairro

B. N. A. = Banco Nacional de Angola

Cf.= conferir

Contr. = contração;

CPLP= Comunidade de Países de Língua Portuguesa

CRA =Constituição da República de Angola

D = determinante;

E.U.A.= Estados Unidos da América

ELNOA =Estatuto das Línguas Nacionais de Origem Africana

FNLA = Frente Nacional de Libertação de Angola

I.G.C.A. = Instituto Geográfico e Cadastral de Angola

INE =Instituto Nacional de Estatística

L1 = Língua primeira ou materna

L2 =Língua segunda

Loc. = locução;

MC = Município de Cabinda

MPLA = Movimento Popular de Libertação de Angola

N = nome;

NAO = Novo acordo ortográfico

N° /n° = número

Num. = numeral;

P =Povoação

P. IEL = Projecto de Inovação no Ensino de Leitura

PALOP = Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

Pref. = prefixo;

R = Rua

RDC = República Democrática do Congo

SC = Sede Comunal

SM = Sede Municipal

T = Travessia

UNITA = União Nacional de Independência Total de Angola

V = verbo

Vd = vide

Índice de quadros

Quadro 1:Quadro territorial das variantes do Ibinda (vd. Anexo nº 1)	26
Quadro 2: Quadro fonológico das variantes do Ibinda	26
Quadro 3: Línguas habitualmente faladas em casa pela população residente com mais de 2 anos	36
Quadro 4: Classificação Taxionómica da Toponímia Residencial do Município de Cabinda	45

...

Índice de gráficos

Gráfico 1: Gráfico toponímico residencial da Província de Cabinda.....	42
Gráfico 2: Classificação Taxionómica do corpus segundo a natureza	50
Gráfico 3: Classificação Taxionómica Geral do corpus selecionado	51
Gráfico 4: Grau problemático da toponímia residencial do Município de Cabinda	177

Índice das figuras

Figura 1: Processamento teórico do tema	9
Figura 2: Diferentes caracterizações geográficas da Província de Cabinda	17
Figura 3: Cabinda - Mapa Político Administrativo.	20
Figura 4: Mapa marcador das cinco (5) variantes prosódicas do Ibinda	31
Figura 5: 477 Topónimos residenciais da Província de Cabinda distribuídos por municípios.....	41

Dedicatória

Dedico este modesto trabalho aos meus filhos Fitilson, Cilson e Nequinho.

A todo o povo de Cabinda a quem destino essa reflexão e pelos que lutam pela verdade científica e cultural.

Introdução

Importa, como numa composição musical, abrir com uma clave a pauta e definir a gama enquadradora das notas musicais. É com esta mesma pretensão, de circunscrição do enquadramento teórico do tema desta dissertação, que este passo introdutor passa a desenvolver-se com foco em três aspetos:

- i) Justificação do Tema;
- ii) Enquadramento teórico relevante;
- iii) Método e Plano Expositivo do Tema.

1. Justificação do tema

Se o presente trabalho é o primeiro a aproximar a onomástica topográfica de Cabinda em sua harmonização (orto) gráfica, não será, porém, o único nem o último desta índole temática em Angola. Ele encaixa-se na complementaridade e continuidade distributiva de outros trabalhos da índole, institucionalmente dirigidos, em torno do Projeto da Comissão Multisectorial para a Rectificação do Acordo Ortográfico de 1990, com vista a sua Ratificação. Os trabalhos de temática homóloga já feitos¹ estão todos ligados a este âmbito Institucional.

Com efeito, o Novo Acordo Ortográfico (NAO) tem, para com os países membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), e, no caso de Angola, e para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), em particular, ponderações que ainda se processam para uma conseqüente ou inconseqüente, oportuna ou inoportuna implementação efetiva. Daí a necessidade de formação de mais técnicos nas diferentes áreas da Linguística, sendo mais ainda esta uma nação multilingue, com o fito de um estudo mais aprofundado das suas realidades etnolinguísticas, possibilitando assim uma contribuição e participação ativa ao NAO.

Outrossim, o domínio da grafia toponímica de Angola, para cuja prevenção de impactos entre convergência uniformizadora ortográfica do NAO e identificações gráficas valoradas pelo Estado, concorre a este trabalho a Lei nº 14/16, de 12 de Setembro, designada Lei de Bases da Toponímia. Não pretenderá prestar o tema da “Toponímia de Cabinda: Contribuições Lexicológicas e Lexicográficas

¹ Tomás, (2015) ; Alexandre, (2015) ; Menezes,(2015) ; Pedro, (2015) ; Salgueiro,(2016).

para Harmonização Gráfica,” se não se comprometer explicitamente com a referida lei, nomeadamente, nos termos dos seus Artigos 4º e 7º, fixadores das funções e da regra de grafia dos topónimos, respetivamente, e assim:

Artigo 4º (Funções da toponímia): “A atribuição de topónimos tem como principais funções: (...) c) manter vivos e perpetuar aspectos culturais de honorabilidade; (...); e) Perpetuar nomes de personalidades nacionais e estrangeiras e de edifícios históricos; f) Preservar e valorizar a cultura nacional e internacional.”

Artigo 7º. (Regra de grafia dos topónimos): 1. “Os topónimos são escritos em língua portuguesa, segundo a grafia de origem latina. 2. Os topónimos nas demais línguas de Angola, são escritos em conformidade com as regras de grafia da língua correspondente, devendo ser certificados pelo Instituto de Línguas Nacionais.”

As normas jurídicas atrás transcritas são injuntivas nesta tarefa científica, de busca de harmonização gráfica, sem prejuízo do rigor académico-linguístico, para o que, abaixo, se assume um enquadramento teórico relevante para processamento do tema.

2. Enquadramento teórico

A formulação do tema – “Toponímia de Cabinda: Contribuições Lexicológicas e Lexicográficas para sua Harmonização Gráfica” – é, em si, indutor de vários aspetos linguísticos, e nem todos podem ou devem ser aqui tratados. Esta abordagem limita-se aos aspetos mais relevantes do tema, mas também aos compatíveis com alguma exequibilidade, sem descurar os objetivos preconizados.

Toponímia de Cabinda: Contribuições Lexicológicas e Lexicográficas para sua Harmonização Gráfica, coloca-se, sem disfarces, no âmbito Linguístico, nomeadamente na Lexicologia e na Lexicografia. Isto demonstra claramente a existência neste tema de duas áreas, sendo a primeira, de porte semântico e a segunda ortográfico.

A expressão “harmonização *gráfica*” parece, assim, quase redundante na escrituração para com o termo “lexicografia”. Poderia pensar-se que o tema se situa num quadro gramatical prescritivo, a aplicar sobre um corpus toponímico, para a sua harmonização gráfica. No entanto, há mais um aspeto, de especificação Linguístico-disciplinar, indicado pelo termo “Toponímia”, filiado na Onomástica. A onomástica é considerada por Ramos (2010, p. 86) como sendo o campo das ciências lexicais ocupado do estudo do nome próprio, dividindo-se em dois ramos – a Toponímia (estudo do topónimo ou nome de lugar) e a Antroponímia (estudo do nome pessoal).

A Onomástica tem aspetos para cujos crivos lexicológico-lexicográficos a própria Gramática exclui todo o controlo ou aplicabilidade normativos. Daqui se pode perceber que há um outro vetor, de “pergunta-tarefa”, subjacente aos termos do tema, e que permitirá compreender o mesmo tema, e processar-lhe um enquadramento teórico mais consentâneo.

O relacionamento do tema com a sua justificação institucional articula, tácita, mas intencionalmente, uma pergunta e uma resposta, não conclusiva, mas justificativa desta tarefa dissertativa. A pergunta seria: será que há razões científicas para se falar da harmonização (orto)gráfica dos topónimos de Cabinda, tendo em conta a sua função identitária e memorial prevalecente, a salvaguardar e a transmitir (art.º. 4º)? E a resposta-tarefa é: só uma indexação destes topónimos a conhecimentos e critérios gramaticais da Lexicologia e Lexicografia, por um lado, e a conhecimentos e critérios onomástico - toponímicos, por outro lado, poderá permitir, genérica ou casualmente, necessidade de harmonização gráfica sobre eles. Daqui se facilita a circunscrição material e metódica de incidência do trabalho, porque a “resposta-tarefa” assumida abre caminho para uma identificação de aspetos prementes do tema.

Elegem-se três aspetos do tema para a sua ancoragem a outros três instrumentos teóricos e metodológicos processadores. Estão em causa os aspetos (i) de conteúdo, (ii) da forma e (iii) da função dos topónimos levantados, para o que se referenciam instrumentos teóricos processadores (i) do domínio Lexicológico, da inovação lexical, neológica e da semântica, (ii) do domínio Lexicográfico, controlador das palavras e de suas relações, e (iii) do domínio linguístico-antropológico, versado na função cultural e identitária da onomástica toponímica. Pode dizer-se que os dois primeiros domínios são de escopo linguístico gramatical descritivo e prescritivo, mas o terceiro é de escopo intercetivo da Linguística com a Antropologia ou a Sociologia, podendo colar-se quiçá à Sociolinguística², e, claro, para-gramatical e descritivo (vd. Fig. nº1).

Todavia, constituem objetivos desta reflexão os seguintes:

- a) Apresentar em linhas gerais a realidade histórico - linguística de Cabinda;
- b) Fazer um levantamento e processamento toponímico do Município de Cabinda;
- c) Detetar os eventuais problemas existentes na toponímia residencial do Município de Cabinda;

² Não seria uma colagem ao conceito da Sociolinguística em seu sentido restrito (rama de la lingüística que estudia la variación de los fenómenos lingüísticos y sociales, estableciendo eventualmente una relación de causa – efecto, conforme describe o Dicionário terminológico de Arnau et al., 1997, p. 767), mas em seu sentido lato, de Linguística aglutinadora das diversidades e depositária de um património societário, memorial e comum, diluidor das variações.

- d) Fazer a classificação taxionómica, lexicográfica, lexicológica e sociolinguística do corpus selecionado;
- e) Apresentar algumas contribuições linguísticas que sirvam de suporte para a harmonização gráfica da toponímia residencial do Município de Cabinda, tendo em atenção a Lei nº 14/16, de 12 de setembro

2.1. Enquadramento lexicológico do conteúdo toponímico

A lexicologia na sua génese remete-nos ao ramo da linguística dedicado ao estudo científico do léxico. Por isso, e com certa razão, Pavel e Nolet a consideram como “ técnica de elaborar dicionários, com base em estudos da forma, do significado e do comportamento das palavras em uma língua particular” (Pavel & Nolet, 2002, p. 124). Neste diapasão Lino (1984, p. 150), diz que a Lexicologia constitui uma das disciplinas centrais dentro da Linguística, que tem como objeto o léxico. Já Ullmann (1987) advoga que Lexicologia tem por finalidade estudar a morfologia e a semântica lexicais. Na mesma senda, Vilela (1994, p. 10) entende que a Lexicologia estuda as unidades lexicais de uma língua, em todos os seus aspetos: pode incluir a etimologia, a formação de unidades lexicais, a morfologia, a fonologia, a sintaxe, mas também tem uma interligação especial com a semântica. Pelo objeto de estudo da nossa reflexão, identificámo-nos melhor com a definição proposta por Vilela (1994). A Lexicologia neste caso ajuda a interpretar o *modus vivendi* de uma determinada comunidade ou região, por meio do estudo do seu léxico, da interpretação das características e dos aspetos culturais. Como bem escreve Fernando Baptista, é na lexicologia ou lexicogramática, onde reside “o coração da linguagem” e “a fonte da sua energia semiótica”, constituindo assim “a casa do poder semiogénico de uma língua”, poder que transforma o léxico no “centro nevrálgico” da construção de todas as significações e de todos os sentidos, numa palavra de todo o conhecimento, uma vez que é ele o insubstituível codificador, ordenador, sistematizador e informante noético – noemático e semiótico e , assim o imprescindível sustentáculo operatório da ação do verbo comunicativa, expressante e interpretante” (Baptista, 2016, pp. 55, 166). O léxico toponímico do Município de Cabinda será o nosso corpus de análise. Bastuji, (1978), citada por Lino (1979, p. 13) define o léxico

“Comme une combinatoire syntaxique et sémantique partiellement ouverte, que l`activité métaphorique s`y déploie nécessairement et que tout lecture ou toute production d`énoncés est à las fois une obéissance aux règles de la langue et une création à partir de ces ègles: criation qui bien sûr ouvre un large champ à l`activité discursive”.

Para Seabra (2004, p. 15) «tradicionalmente, o léxico é definido como o conjunto de palavras de uma língua, responsável por nomear e exprimir o universo de uma sociedade». Na mesma linha de

ideias, Correia & Lemos (2009, p. 75) advogam que o léxico é um conjunto virtual de todas as palavras ou unidades lexicais que fazem parte do acervo de uma língua.

Relativamente à toponímia, Seemann define - a como estudo etimológico dos nomes de lugares (Seemann, 2005, p. 207), ao passo que Dick concebe - a como estudo dos designativos geográficos em sua bipartição física (rios, córregos, ilhas, morros) e humana (aldeias, povoados, cidades, fazendas), constituindo assim uma imprescindível contribuição lexical (Dick, 1992, p. 119). Na mesma linha, abeirando-nos à legislação angolana, o art.º. 3º al. a) da Lei nº 14/16 de 12 de setembro, define a toponímia como estudo histórico e linguístico da origem e evolução dos nomes próprios dos lugares ou a designação das localidades pelos seus nomes. Entretanto, no caso em estudo, os topónimos que constituem o nosso corpus têm em muitos casos segmentos a decifrar, com o fim de se identificar as camadas morfológicas e etimológicas que os compõem. A associação dos topónimos à localidade – Cabinda – e à história colonial luso-cabindesa, em particular, e luso-angolana, em geral, permite, desde logo, aproximá-los como uma onomástica toponímica de autoria portuguesa, mas comportando uma lexicalização híbrida (Ibindo-Lusófona), em seus conteúdos, o que impõe um exercício morfológico-semântico analítico dos estratos componentes. O conhecimento, mas também o reconhecimento do Ibinda³ e do Português como línguas, dão partida para um exercício eficiente de aproximação dos dados léxicos-alvo.

Importante ressaltar que ao se estudar o léxico de uma língua, pode-se também apreender a realidade do grupo que a utiliza, isto é, a sua cultura, história, modo de vida e visão de mundo. As palavras que constituem o sistema lexical de uma língua são como um espelho: refletem os aspetos do mundo concreto em uma realidade; é o que encontramos ao se fazer um estudo aturado da onomástica da Província de Cabinda. Assim, Andrade (2010, p. 106) afirma: “ o ser humano, ao utilizar-se do léxico, sempre atribui nome a tudo que o cerca: às coisas, aos animais, às pessoas, ao espaço físico e cultural em que vive”. Nomear é, para o homem, uma necessidade de organização e de orientação. É no plano da denominação que o topónimo surge como o resultado da ação do nomeador ao realizar um recorte no plano das significações, representações, ou seja, praticar um papel de registo no momento vivido pela comunidade. É nessa etapa, portanto, que compreendemos que, no ato de denominar a coisa, o recorte cultural apreendido, estabelece-se um vínculo de afetividade com a coisa nominada, o lugar, corporificado e materializado. No entanto, não podemos nos esquecer que o signo toponímico é motivado, sobretudo, pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e

³ O tratamento do Ibinda vai situar-se no âmbito genérico da Linguística Banta, e, noutro específico, de estudos já existentes em torno do Ibinda e demais línguas-Kongo, com incidência fundamental nos trabalhos seguintes: Chicuna (2015); Lino et al. (2010); Mazunga (2011) ; Futi (2012) e Nzau (2004).

sentimentos do denominador. É um fato que nome e lugar constituem uma unidade identitária, que marca o recorte cultural. Particularmente, entendemos essa unidade (nome e lugar) como um sentimento de ligação, de alma, de afetividade, pelo que a sua distorção gráfica, constitui a distorção desse sentimento de afetividade. Daí a justificação da harmonização gráfica.

Tuan (1983, p. 3) citado por Mello (2011, p. 9) inicia sua obra com a frase “Não há lugar como o lar”. No entanto, ao ser questionado o que era o lar, de forma simples responde: é a gênese da alma dos lugares que estabelece os laços de afetividade e de convivência entre os homens que ocupam os espaços. Qualquer rutura que ocorra em um desses elementos causa perda, protestos. É o que acontece quando o nome de um lugar é alterado. Tem - se, nesse caso, um sentimento de dor, abandono, aflição. O sentimento de identidade é afetado profundamente pelo vazio da perda, da desesperança, da angústia. Não se sabe o que vem pela frente, o que era sólido, firme e resistente, torna-se líquido, dilui, entra pelas frestas. E daí o caminho, outrora conhecido, vivido e experienciado passa a ser uma incógnita. O que era luz vive a penumbra; o que era afeição desanda ao mistério. Mas a essência permanece, pois ela constitui a natureza permanente e universal de uma coisa. Nota-se, no entanto, que, embora o nome tenha sofrido uma alteração, ao deixar de existir, isso não acontece com a essência do lugar, ela permanece no íntimo e na alma de cada morador. Os vínculos estabelecidos, em tempos passados, evocam sentimento de posse, são elementos de significado. Ao alterar o nome, por exemplo, o homem sente-se despido de um invólucro, e devido ao seu sentimento de pertença, percebe-se abalado diante das perplexidades do mundo. Daí a nossa apologia na conservação dos nomes e das memórias culturais do povo de Cabinda e não só.

Numa lógica de paralelismo, Tuan (2012, p. 136), considera que “os pertences de uma pessoa são uma extensão de sua personalidade; ser privado deles é diminuir seu valor como ser humano, na sua própria estimacão”. A memória, nos estudos de nomes de lugares, constitui-se em elemento essencial para o conhecimento e a interpretação do espaço/ lugar referencial ou imaginário. Grafar um nome de forma correta, possibilita a sua leitura correta, a sua compreensão e interpretação na língua do qual é originário. Daí corroborarmos com Pereira (2013, p. 90) de que vivemos e nos relacionamos com um mundo cheio de significados, e no debate sobre o lugar está imbricado a reflexão sobre o mundo, uma vez que construir o lugar é também construir a nós mesmos. Nesse sentido, “Compreender um lugar e o nome que este carrega consiste em traduzir a emoção bruta que esse encontro faz nascer e crescer em nós, em outra linguagem possuidora de um poder de elucidação. Compreender é interpretar um sentido imediatamente percebido porque pertence ao próprio lugar” (Besse, 2011, p. 130 citado por Pereira, 2013, p. 90).

Na visão de Tuan (2012, p. 135), o sentimento e o seu objeto são, muitas vezes, inseparáveis. Aqui ele faz referência à topofilia, que pode ser definido, em sentido amplo, como incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.

O nome de lugar é compreendido como patrimônio linguístico e cultural, testemunho de uma comunidade. Materializado e corporificado, o nome é um produto e o reflexo social e cultural da cosmovisão de um grupo. Importante ressaltar que a Toponímia é capaz de “evidenciar marcas na história social (formação étnica, processos migratórios, sistema de povoamento de uma região administrativa) e perpetuar características do ambiente físico (vegetação, hidrografia, geomorfologia, fauna e outros) de uma região” (Isquierdo & Seabra, 2010, p. 79). É fundamental compreender os topônimos a partir dos diferentes significados, olhares e áreas de atuação, pois, por se organizarem de maneira dinâmica, constantemente (re) inventam-se no tempo e no espaço, sobrepondo-se valores socioculturais, econômicos, políticos e religiosos. É o que sobretudo poderemos constatar no corpus toponímico residencial do Município de Cabinda. É nesse sentido que o estudo dos nomes de lugares sugere um movimento de aglutinação de múltiplos aspetos sócio históricos, culturais, geográficos e linguísticos.

O sujeito (o enunciador, o emissor) tem um papel fundamental na nomeação do lugar. É ele quem estabelece os parâmetros de seleção das motivações, sejam elas de força da natureza ou humana.

Dick (2008, p. 179) ao dizer que nome e lugar constituem-se uma unidade identitária, referencializada e referenciável faz outra observação: “o de lugar e o de não-lugar, que correspondem, contrastivamente, ao nome-dito e ao não nome”. O *lugar* refere-se ao ponto do espaço, ao recorte propriamente dito, vincula-se à relação nome/lugar (denominação/referência) de modo transparente.

2.2. Enquadramento lexicográfico da forma toponímica

A dimensão instrumental da morfologia gráfica dos topônimos em estudo permite, com demais níveis – fonológico e semântico – resgatar morfologicamente os constituintes etimológicos ou ideológicos dos vocábulos. Mas, ao ser uma codificação e um manifesto de ideias ou significados presentes numa cognição ou numa visão do mundo, a morfologia gráfica é, em si própria, uma resultante de regras técnicas, configuradoras da identificação paradigmática da ortografia de uma língua. Na vertente neológica, entra em causa um operador bilingue com implicações tradutoras ou

dicionarísticas. Alguns exemplos de “harmonização gráfica”⁴ em curso em Angola, apontam justamente, para uma conformação da escrita das palavras com a codificação e a legibilidade induzida. Este segundo exercício sobre os dados levantados consiste numa triagem classificativa de cada um deles, enquanto unidade lexicográfica. A lexicografia na sua essência é definida como arte de confecção de dicionários, como realização de dicionários e como estudo teórico e análise dos dicionários, da sua elaboração (metodologia) e da sua estrutura (Lino et al., 1991, p. 188) citado por Chicuna (2015, p. 61). Pavel e Nolet, no seu Manual de Terminologia, definem a lexicografia como “disciplina que se ocupa de compilar e estudar a forma e o significado das palavras de uma dada língua” (Pavel & Nolet, 2002, p. XVII). Al – Kasimi (1983, p. 1) citado por Iriarte (2001, p. 54) reduz a lexicografia a “arte ou técnica” de compor dicionários. Na mesma lógica, Dubois (1973, p. 188) define a Lexicografia como técnica de confecção dos dicionários e análise linguística dessa técnica. Ora, essa área da linguística ganhou grande interesse nas últimas décadas, fazendo surgir uma nova disciplina chamada metalexigrafia, que segundo Correia (2009, p. 17), se ocupa do estudo dos dicionários, das suas formas, estruturas e usos, da sua crítica, história e papel social, das metodologias lexicográficas e dos fundamentos teóricos da sua prática.

Como podemos notar, apesar de terem objetos de estudos diferentes, existe uma interligação entre a Lexicologia e a Lexicografia, que levou autores como Gaudin e Guespin a afirmarem o seguinte: “La lexicologie et la lexicographie constituent deux disciplines soeur (...). la première désigne l'étude du lexique d'une langue tandis que la seconde renvoie à la confection de dictionnaires”(Gaudin & Guespin, 2000, p. 15). Por esta razão, Mário Vilela chama atenção ao afirmar “a Lexicologia não pode ser confundida com a Lexicografia”(Vilela, 1994, p. 14).

Contudo, durante essa reflexão, pretender-se-á detetar, se assim se justificar, as regras gráficas envolvidas na Toponímia do Município de Cabinda, para configurar numa osmose lexicográfica aquela hibridade linguístico-semântica subjacente, e por outro lado, classificar os vocábulos em presença na sua estrutura lexical, morfológica, semântica e sociolinguisticamente. Os instrumentos teóricos chamados ao trabalho para execução deste exercício remetem-se a consultas de dicionários e dos dados recolhidos no campo, assim como outras bibliografias que retratam sobre o assunto. A figura nº 1 ilustra o processamento teórico do tema.

⁴ Entre algumas alterações implementadas: [~~Kwa~~=Cua / ~~Kwi~~=Cui] “~~Kwanza Sul~~” = “Cuanza Sul”, “~~Kwite~~” = “Cuito”, exceptuando-se à regra, entre outros, a moeda nacional angolana grafada sempre “Kwanza”.

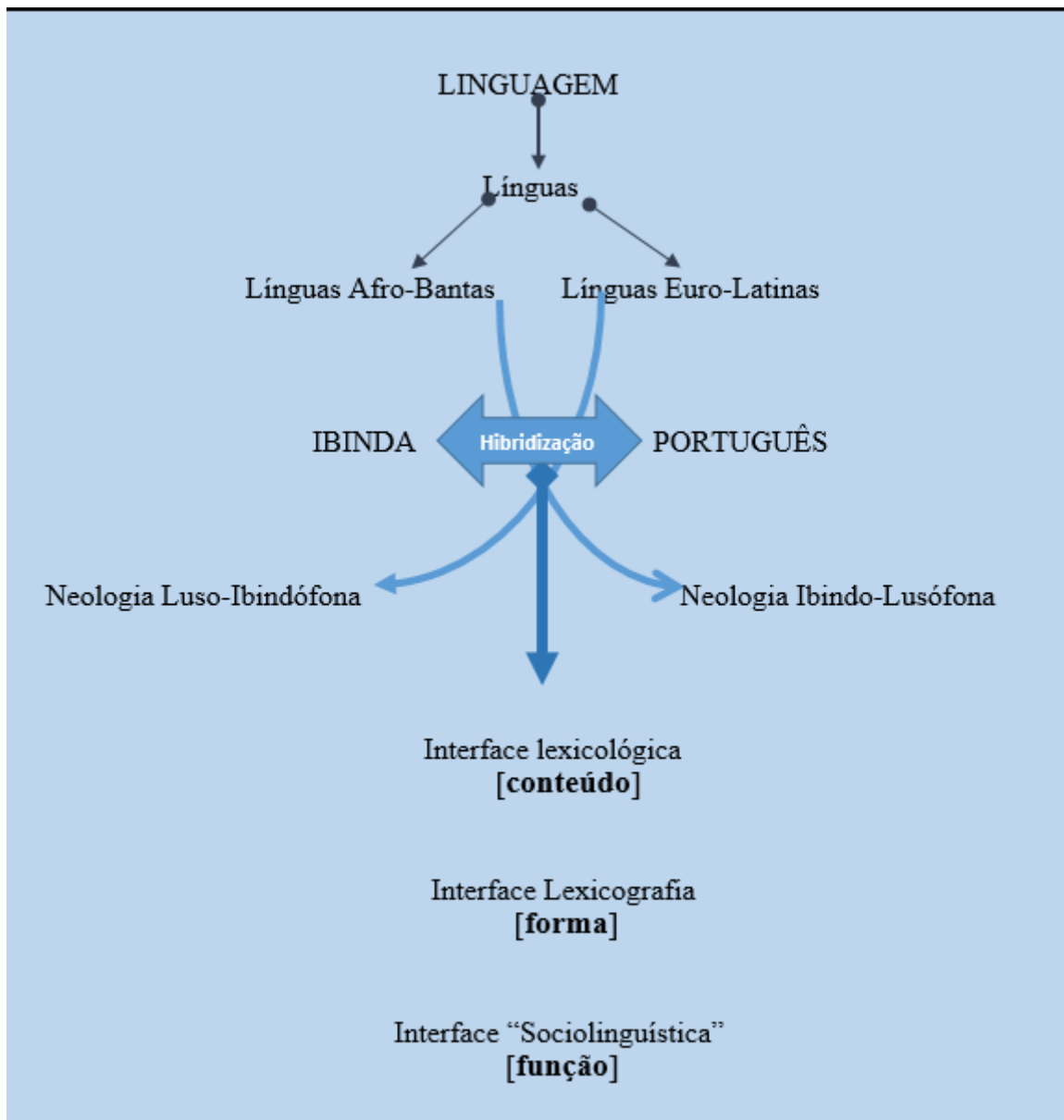


Figura 1: Processamento teórico do tema

2.3. Enquadramento para-gramatical da função toponímica

Além das duas interfaces – (i) a do seu conteúdo e (ii) a da sua forma – que relevam neste tema para o estudo linguístico da toponímia em causa, emerge ainda uma terceira interface, que a própria gramática trata como incluída na Linguística, mas excepcional ao crivo metódico normativo. A Onomástica não é só um acervo de nomes próprios, antropónimos ou topónimos, por exemplo, que se devem escrever com iniciais maiúsculas, não podendo ser traduzidos nem corrigidos em sua integridade fonética e morfológica. Podem, sim, ser escritos em conformação com o tipo de escrita da língua em que sejam referenciados. A função da toponímia levantada e aqui estigmatizada diz respeito

ao fato de estes nomes dados pelos habitantes aos seus lugares residenciais densificar a sua própria territorialidade, isto é, a sua identidade locativa antropológica, o seu lar em seus recantos, a sua “*homeland*”, de forma imutável e transgeracional. Há que perscrutar se esta função está mais ou menos ativa e para quem, nos vocábulos levantados, em sua lexicalização de autoria portuguesa, e em sua correspondente lexicalização de autoria autóctone. Este exercício é também, em sentido lato, aqui assumido como uma análise sociolinguística dos topónimos. Sai-se de uma certa gramaticalidade, para se passar, sem sair das Ciências da Linguagem, para uma certa agramaticalidade. A fonte ou ancoragem teórica para processamento sociolinguístico desta terceira e última interface, funcional, dos topónimos de Cabinda é, aqui, ligada a trabalhos de estudiosas como Carvalhinhos (2003) e Dick (1987, 1990, 1992), 1998), a título exemplificativo.

3. Método e Plano Expositivo do Tema

Apresentado o quadro modular das matérias e do processamento teórico do tema, importa já, de seguida, apresentar a metodologia e o plano discursivo por que se rege.

O método, enquanto conjunto de opções tomadas para “fazer uma caminhada” eficazmente dirigida para um termo preconizado, implica três alavancas propulsoras do tema: (i) a heurística, (ii) a hermenêutica-analítica e (iii) a integração sistémica. Por outras palavras, o trabalho desenvolve-se com uma recolha de dados, focalizada em fontes variadas: livros, painéis topográficos, respostas a breves inquéritos e conversas promovidas a toponímia junto de residentes, e documentos administrativos (coloniais e atuais). A hermenêutica vinculou-se de forma direta nesses diferentes dados recolhidos no trabalho de campo, sem pôr de parte as sensibilidades identitárias dos diferentes entrevistados e informantes. A integração sistemática dos dados recolhidos propulsiona todo o tema para processamentos linguísticos julgados adequados para garantir um cunho científico a este projeto.

Desta feita, para o alcance dos objetivos preconizados, estruturamos o nosso trabalho em três (3) capítulos, sem pôr de parte a introdução e a conclusão, como é óbvio.

O primeiro, intitulado caracterização territorial de Cabinda, com o fito de apresentar em linhas gerais a província de Cabinda enquanto território histórico e enquanto topónimo de uma região. O segundo capítulo, na tentativa de manter o nexu lógico com o primeiro, intitulamos caracterização linguística e subsídios de um corpus onomástico-toponímico de Cabinda. A intenção principal deste capítulo é demonstrar a realidade linguística de Cabinda e os seus contornos no estudo toponímico, trazendo subsídios que possam servir para a harmonização da grafia toponímica da região. Finalmente

o terceiro capítulo é intitulado processamento e análise lexicológica, lexicográfica e sociolinguístico do corpus. Este capítulo é para nós o ponto de aterragem de todo desenvolvimento, pois, nele analisamos o corpus selecionado nos diferentes aspetos, tendo em consideração os objetivos inicialmente traçados. É, em seio deste último momento discursivo, que se pretende fazer brotar uma conclusão, cientificamente fundamentada, para uma criteriosa “harmonização gráfica” toponímica, cirúrgica ou genérica, fazendo igualmente a classificação taxionómica da toponímia residencial do município de Cabinda.

Pretende-se com este trabalho dar um contributo no resgate da historicidade cultural, sociológica, linguística e identitária da toponímia residencial de Cabinda, abrindo caminho para ulteriores investigações neste campo.

Outrossim, sendo um trabalho feito por mãos humanas, não está isento de imperfeições. Igualmente não é uma obra acabada, pelo que está sujeita a críticas e a contribuições valiosas para o seu melhoramento.

Desde já o autor agradece o contributo de todos.

CAPÍTULO I. CARACTERIZAÇÃO TERRITORIAL DE CABINDA

Este capítulo tem como objetivo fundamental a caracterização da área territorial do nosso estudo, que se chama Cabinda, nos aspetos cuja importância influi neste trabalho. Deste modo, alinham-se o seguinte:

I.1. Caracterização histórica e territorial de Cabinda

Pretende-se, neste subcapítulo, e, para o que baste e interesse tematicamente neste trabalho, sobre Cabinda – território e comunidade habitante, relacionar o nome e a territorialidade “Cabinda” a um processo histórico. Tecemos neste caso o seguinte:

I.1.1. Sobre Cabinda

Desenvolvem-se, aqui, sobre Cabinda dois aspetos característicos:

- (i) Cabinda, enquanto topónimo colonial;
- (ii) Cabinda, enquanto territorialidade em historicidade.

Note-se que o primeiro aspeto caracterizador aponta para prestações exógenas, sobretudo luso-coloniais, constitutivas de Cabinda, enquanto o outro aspeto incorpora fatos e perceções endógenas, de uma cabindanização ou cabindanidade dos próprios cabindeses.

I.1.1.1. Cabinda, enquanto topónimo colonial

O documento escrito mais antigo onde figura a palavra Cabinda (“Port of Cabinda”) é porventura, o relato do inglês Andrew Battel, que comerciou a norte do rio Zaire, na região designada pelos portugueses por “ Baía das Almadias”, entre 1589 e 1616 (Pinto, 2003, p. 5). Nesta baía situava-se, num período anterior à presença europeia na região, o mercado litoral de Tchoua, onde permutavam, quer os bens essenciais ao consumo imediato das populações locais – como peixe e o óleo de palma – quer os produtos destinados ao comércio de longa distância – o sal e os bens de prestígio, como os panos *libongos* – com outras sociedades do interior africano, de onde provinham, pela troca, outros bens de prestígio (metais, marfim ou escravos).

Várias versões são ventiladas para justificar a origem do termo “Cabinda”, enquanto designação da província nortenha de Angola. Destacamos as seguintes escritas por Conga da Costa:

1. “Segundo a tradição oral, a palavra Cabinda teria derivado de um grito de alarme, proferido pelo primeiro autóctone entrevistado pelos brancos na praia de Cabinda. Logo, quando o barco acostou à Praia de Cabinda, um tripulante português teria perguntado, o nome da localidade, à um nativo encontrado casualmente na Praia. Com efeito, o autóctone não percebendo a língua do seu interlocutor, teria gritado: “*MBINDE E!*” querendo dizer *AZAR!* Dessa expressão derivaria o termo Cabinda que passou a designar todo o território e os naturais de Cabinda”.
2. A outra tradição dizia que, quando o navio acostou à praia, um tripulante europeu perguntou a uma pessoa encontrada no local, o nome daquela localidade. Esta por sua vez, chamou o seu companheiro de nome Binda para vir responder à pergunta. Desta feita, o branco entendeu que a localidade se chamava Cabinda.
3. A versão mais conhecida é a que a palavra Cabinda derivaria de Mafuka Binda, ministro do comércio do reino de Ngoio que recebeu o colonialista português Rui de Sousa em 1491”. (Costa, n.d., p. 23)

Ora, enquanto topónimo colonial “Cabinda”, conforme atrás enunciado, sem descartar, mas envolvendo determinadas propostas já feitas, como aquela que sugere um étimo aglutinador de “Mafuka + Binda” (Costa, n.d., p. 23 ; Oliveira, 2007, p. 13), há lugar linguístico-lexicológico para clarificações sobre a origem deste topónimo.

Pinto acha pouco credível essa hipótese, daí escreve:

“Esta hipótese não nos parece credível, pois, não podemos deixar de observar que nas línguas bantu, particularmente o Kikongo e o Kimbundu, o radical **mbinda** e o prefixo **ka** assumem significados específicos. Mbimda ou mbenda, sinónimo de sanga ou disanga ou zanga, é um substantivo que designa nessas línguas, os recipientes de água ou as baías. Acrescido do prefixo **ka**, aqui na qualidade de pronome possessivo, transformar-se-á em adjetivo, passando a ser kambinda (ka + mbinda), isto é, relativo a baía, “ da baía” (Maia, 1994, p. 68, citado por Pinto, 2003, p. 6).

Pinto (2003, p. 7) acrescenta “ se entendermos o prefixo **ka** como uma abreviatura de muku a (natural de em Kimbundu) ou de úku a (natural de em Kikongo), o termo é aplicável evidentemente aos indivíduos naturais do local”. O referido autor acredita que a palavra Cabinda designava, por isso, toda a baía onde se situava o porto africano pré colonial de Tchioua, chamado Porto Rico pelos europeus no período do tráfico de escravos (Pinto, 2003, p. 7).

Para nós, do ponto de vista lexicológico, a palavra “Mafuka” existe, sim, no lbinda como um título de chefia na comunidade. **Ma⁵-Fuka⁶** era o fidalgo que cobrava os impostos no litoral do Reino;

⁵ O prefixo **ma** ou **mo** deriva do **muene** ou **mane** ou **mani** ou **mõe** que significa senhor de terras, detentor do **wene**, o poder sagrado que lhe vem dos antepassados por via de terra.(Pinto, 2003, p. 5)

havia vários, tendo cada um deles uma porção de costa a seu cargo (Vaz, 1970, p. 13). Martins diz que Ma – Fuka nos antigos reinos de Loango, Kakongo e Ngoio era como que intendente geral do comércio e o homem da confiança do rei, que, em seu nome, tratava todas as transações comerciais, de um modo muito especial com os europeus (Martins, 1972, p. 38). Mas, já a palavra “Binda”, enquanto antropónimo, é de existência raríssima ou nula. Pelo contrário existe e está em fontes documentais múltiplas o antropónimo, com até topónimos ainda existentes, “Mbinda”⁷. Admite-se que “Binda” seja “Mbinda”, mas não o contrário, tanto mais que, do ponto de vista linguístico, a aférese⁸ da sílaba nasal afrobanda regularmente ocorreu em europeus, quando mimeticamente reproduziram os nomes (Muaca, 2001, p. 15). Verificar-se-á isto mesmo, particularmente, nas análises ao corpus toponímico deste estudo. Outrossim, a saliência articulatória e perceptiva das sílabas tónicas e mais entoacionais, que, em Mafuka é “fu” e em Binda é “Bi” não facilitaria a percepção e a retenção pelo estrangeiro do “-ka” em detrimento do “-fu-”, de “Mafúka”, para operar tal aglutinação, com preterição ou aférese e síncope⁹ de “Mafú -“, entre a sílaba átona “ ka ” e a palavra “Binda”, de que resultaria [⊙ Ka Binda > Cabinda].

A possibilidade lexicológico-linguística de Cabinda provir da mimetização perceptiva e articulatória pelo estrangeiro europeu de outro par de palavras nativas como “Mafuka Mbinda” (chefe Mbinda), que lexicalmente poderiam ter ocorrência correta, conjunta, factual e verosímil, parece a descartar, no entendimento deste estudo. Na verdade, em quase toda linha, nota-se a ausência deste modelo: está por verificar-se um modelo euro-mimético de apelidos afrobandas apagador de sílabas tónicas e mais entoacionais de toda uma palavra, e, mais do que isto, gratuitamente, isto é, anti-fonologicamente processador de um aglutinador de palavras ou de seus segmentos bem distinguíveis e perceptíveis como tal com fronteira pausal.

⁶ **Ma-Fuka** : usava um barrete, de nome nzita, feito de fibras vegetais, e que lhe chegava até ao pescoço. Era também uma das suas insígnias uma espécie de romeira, chi-nzamba, feita de fibras silvestres e que lhe tapava todo o tronco até aos cotovelos, tendo uma abertura na frente. (Vaz, 1970, p. 17)

⁷ “ÁRVORE DE ASCENDÊNCIA: NZING'A NKŪWU NTI NU'A MBENZA NI MAVŪNGU MVIDI'A VŪNGU MBĒNZA YE MANYĀNGA é nome de cidadania/cargo social. Logo, é um documento evidente a fim de explicar a ascendência. Em princípio, é da família (lúvula) kinzinga desde as suas mães (da mãe à avó, da avó às bisavós e trisavós, etc.). Pertence, no entanto, à família de kinkúwu desde o seu pai e às mães deste último. Ngôyo, sendo a sua origem directa e pertencente à família das autoridades, seria descendente de Nkânga (Nzing'a Nkânga) ou, ainda, de Ne Nkânga. O pacificador deste país de Lwangu foi MPĀNDA MVĀNGI, chamado Ne-Nkânga. Não obstante entre Ne Nkânga e MBĪNDA MVĀNGI (outra autoridade do Kôngo, um dos Heróis de Lwângu, Ngôyo, mais especificamente) assim informam as significações destes nomes, passou-se uma época (época em Kôngo inclui várias gerações): porque Nkânga é pacificador e Mbinda caçador vem continuar a realização deste MVĀNGI ou MPĀNDA MVĀNGI. Ora, de acordo com os elementos textológicos inerentes às fases civilizacionais de Lwângu, mvângi parece sequência semântica de nkânga. Caçador insinua a introdução de uma cultura (de caçador) que não existia anteriormente. De Mbinda surgiu Mbênza (justiça), porque não só as insígnias da justiça são instrumentos dos caçadores (lança, faca, etc.) mas também as anedotas confirmam que entre os caçadores se passa a justiça espontânea” (Batsikama, 2010, p. 121).

⁸ Aférese é a supressão, queda ou desaparecimento de um som ou de conjunto de sons em início de uma palavra (Barros, 2018, p. 4).

⁹ Síncope (do grego *synkôpe* > encurtamento) = é a supressão, queda ou desaparecimento de um som ou de uma vogal no interior da palavra. (Hricsina, 2013, p. 209).

Assim, a hipótese lexicológico-linguística, aqui proposta sobre a origem do nome Cabinda – topónimo, de resto, incluído no corpus em análise, e sobre o qual incidem, pois, oportunamente, mais indicações analíticas – é a da aglutinação euro-mimética “Ku-Mbinda”. Por um lado, sabe-se e é perceptível: a articulação Woyo do morfema locativo ou deítico ibindófone “Ku / kù-aku, kuku / a-kuku, a-kuna (aqui, lá, aqui, este local, neste local, nesta terra) é breve e quase muda (Mingas, 1989, p. 149) “K’Mbinda / K’binda”. Por outro lado, este monema morfológico não é fronteiro, é separado por pausa, mas pelo contrário, é de uso dependente e morfológicamente uno para com o topónimo que especifica. Deste fato, deduzimos que a mimetização europeia de “K’Binda” ter resultado em Cabinda, com a silabação euromimética ou eurolusa, óbvia do [K’], pela inserção do [a].

Se esta formação do nome de “Cabinda” se revela processada pela ativação de regras bidirecionais, de aquisição-aprendizagem, haverá que distinguir a natureza do processo ou da operação mental e os graus da mesma natureza. Se a direccionalidade linguística operada implica que confluem gramáticas, categorias e materiais de língua 1 (L1) com os da língua 2 (L2), num primeiro momento, aponta-se para um grau, aqui chamado de “mimetismo”, quer dizer, que a intenção do eurofalante (miscigénea de língua banta e dominadora) não é a de aprender para saber, mas apenas é a de tentar imitar, perceptivelmente. A este grau pobre de aquisição-aprendizagem entendemos chamá-lo de “euro-mimetismo”, sem prejuízo de que outros graus deste mesmo processo poderão ser, oportuna e casualmente indicados.

“Cabinda”, admite-se aqui, substantivado lexicologicamente oriundo do antropónimo “Mbinda”(Batsikama, 2010, p. 121), passou a ser não abruptamente, mas progressivamente¹⁰ designação com duplo alcance apelidacional, referencial e mesmo semiótico: o alcance “real” e o seu alcance “virtual ou sinédóquico”, por isso, ficou a cidade capital do território – real terra do Mbinda – “Cabinda”, mas todo o território com esta povoação-capital colonialmente envolvido – virtual terra do Mbinda – Cabinda, então, em sua globalidade unitária, de território colonial.

I.1.1.2. Cabinda, enquanto territorialidade em historicidade

A territorialidade de Cabinda reclama uma historicidade, que não se esgotaria no seu processo específico, de constituição luso-colonial. “Mbinda”, ancestral de cujo nome, na perspetiva

¹⁰ O art. 2º do primeiro texto constitucional, referia Cabinda e Malemo como territórios portugueses compreendidos entre o paralelo 5º. 12’ e o 8’, latitude Sul (Bembe, 2009, p. 123)

deste trabalho, se faz, então, posteriormente, a designação de um território colonial de cerca de 7.283 km², era um dos soberanos “membros de uma Fraternidade”, com descendência comum na mítica “Mãe dos 9 Seios [*Vwa-di-Maben*]”, cuja pátria natal é Vungu / Nsanda-Nzondo.¹¹ Pretende-se, assim, neste ponto, caracterizar Cabinda como um momento superveniente sobre uma unidade identitária comunitária, pré-colonial.

Por conseguinte, o processo de “lusocabindanização” das diversas populações colonialmente envolvidas, conceitua-se não como uma distorção sociológica grave, mas, na verdade, como um momento catártico, processador de uma Cabindanidade, cujo fulgor endógeno, místico e de destino comum, estava vaticinado e despontaria com qualquer inovação histórica. Trata-se de se colocar “Cabinda: 1885 até hoje”, conforme aconteceu numa unidade de alma comunitária das populações, por isso, cotitulares e cos identificadores assumidos de mesma língua materna – o Kisi-Cabinda, ou Ibinda – numa ampla historicidade, de territorialidade ampla.

Estas amplas historicidade e territorialidade caucionam-se, aliás, na modelação e na concretização, interativa, do paradigma colonizador luso-vinculativo. O processo colonial de Cabinda, definidor do seu território e do seu estatuto colonial, baseia-se em dois dados, interativos e interligados: o primeiro dado é a outorga de três Tratados entre Portugal e Soberanias desta Comunidade, dos quais o mais importante, revisor dos dois outros, é o Tratado de Simulambuco, assinado no dia 1 de Fevereiro de 1885 (Bembe, 2013, p. 32); o segundo dado, consequencial ao primeiro, é a estatuição de Cabinda, vulgo Protetorado do Enclave de Cabinda, em Constituição Portuguesa¹², como entidade luso-colonial singularizada desde o princípio até ao fim, quer dizer, até ao momento descolonizador. Por isso, Raul Tati na sua recente obra escreve:

Temos a nação cabindesa (...) que apresentou ao mundo a tese de que era uma entidade política, histórica e jurídica distinta de Angola (...) a descolonizar por via da autodeterminação tal como desenhada na Carta das Nações Unidas e nos mesmos moldes em que as demais colónias lusitanas ascenderam às suas independências (Tati, 2017, p. 43).

Neste caso, podemos marcar três (3) momentos nesta ampla territorialidade e historicidade, indicando-se o momento pré-colonial, que se podemos chamar por “Cabinda 0”, o

¹¹ Os três “Reinos” ou Soberanias, Malwango, Makongo e Mangoyo, da margem Norte do rio Nzadi, são antes de constituírem Cabinda, a ascendência, originante e criadora (e não descendente, ou subordinada) do “Reino do Kongo”, de São Salvador. Assim, o núcleo toponímico deste fenómeno da KONGOLIZAÇÃO é NSANDA-NZONDO, mesma coisa que VUNGU (Mue-Nlimba & Troesch, 1953, pp. 18–19; Muanda, 2009, pp. 29–33)

¹² Artº 1º nº 2 da Constituição Portuguesa, publicada no Diário do Governo, de 22 de Fevereiro de 1933, nos termos do Decreto nº 22241 e entrou em vigor a partir do dia 11 de Abril de 1933.

momento Cabinda 1 ou colonial, e o momento Cabinda 2 ou pós-colonial, com os suportes geográficos referidos na Fig. 2.

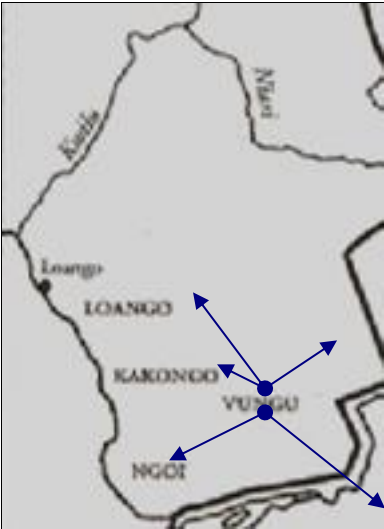

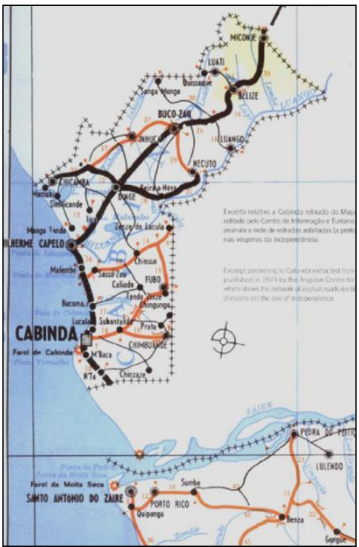
Suportes GEOGRÁFICOS		
CABINDA 0 ¹³ (Nsanda-Nzondo – Vungu / sec. XII / XIII?)	CABINDA 1 (1885-1975) ¹⁴	CABINDA 2 ¹⁵ (1975 até Hoje)
		

Figura 2: Diferentes caracterizações geográficas da Província de Cabinda

Estas linhas de caracterização “Sobre Cabinda”, mostram suficientemente, porque os cabindeses têm, querem e defendem uma história e uma Língua, com que se identificam e comunicam, e com que explicam as respetivas variações ou falas.

Até meados do século XVI, o território de Cabinda era conhecido por Tchioua, topónimo que vem simplesmente de “ mercado litoral”, onde se fazia a permuta de produtos diversos (Pinto, 2003, p. 5). Tchioua escreve Barnabé, quer dizer “ empório de grande comércio de pescado” (Tubi, 2018, p. 52). Em fins do século XVI e início do século XVII, surgiram os nomes de Kapinda e Kabinda, paralelamente com os de Negoio (Ngoyo), Lândana e Malembo; no século XIX, o território ficou

¹³ Pigafetta & Lopes, (2002, p. 25)

¹⁴ Mapa do arquivo pessoal cedido por gentileza pelo Padre Barnabé Lelo Tubi, sacerdote e Decano do clero Diocesano de Cabinda.

¹⁵ Mapa cedido por gentileza dos arquivos do IGCA (Instituto Geográfico e Cadastral de Angola) de Cabinda

conhecido com o nome de Porto Rico. A partir de 1885 e após a conferência de Berlim, o território passou a ser grafado por enclave de Cabinda. Por Decreto Lei de 31 de maio de 1887, a sede do Distrito do Congo, criada por carta de Lei de 18 de julho do mesmo ano, passa a ser Cabinda. Em 1896, o burgo de Cabinda foi batizado de Vila Amélia, pelo Governador Serpa Pimentel e permaneceu com esse nome até 1910. Em julho de 1890, a sede de Circunscrição Administrativa, Cabinda, é elevada a categoria de vila (Nzau, 2004, p. 20).

Porém, Cabinda adquiriu o estatuto de Distrito da colónia, por força do Decreto – Lei nº 571, de 24 de Fevereiro de 1934. A vila de Cabinda, sua capital, é elevada a categoria de cidade em 1956, por força do Diploma Legislativo nº 2757, de 28 de maio, data em que até hoje são comemoradas as festividades da cidade de Cabinda (Pinto, 2003. p. 9 ; Nzau, 2004, p. 20). Nos anos setenta do século XX, por virtude da produção petrolífera, que começa e em fins de 1968, com a extração de 30 mil barris por dia, sendo inicialmente explorado pela Gulf Oil Company, dos Estados Unidos da América (E.U.A.), Cabinda passou a ser designado por “ Biafra angolano”, “ Koweit Africano”, ou a “ Esponja do Petróleo” (Mbunga, n.d., p. 82). Com a independência de Angola em novembro de 1975, Cabinda passou a integrar as dezoito (18) províncias que hoje constituem a República de Angola.

Não se pretendendo, sobre o território-comunidade pré-colonial, colonial e pós-colonial, desenvolver mais indicações, apenas dizer que hoje Cabinda é considerada uma das dezoito (18) Províncias de Angola, situada ao ponto mais norte do mesmo país. Esse Território encontra-se na costa Atlântica africana, com cerca de 7680 Km², tendo como fronteiras terrestres, a Norte a República do Congo (Brazzaville), numa extensão de 196 km², a Nordeste, Leste e Sul a República do Congo Democrático, com 153 e 100 km respetivamente, e a Oeste o Oceano Atlântico com 103 Km (in Revista Ngonje), citado por Bembe (2013, p. 124).

Segundo os dados do censo populacional realizado em 2014, a população de Cabinda ronda atualmente com cerca de 716.076 habitantes (I.N.E., 2016, p. 82).

Em termos administrativos, Cabinda tem quatro Municípios e doze comunas, nomeadamente: Cabinda (Comuna Sede, Malembo e Tando – Zinze), Cacongo (Comuna Sede, Massabi e Dinge), Buco – Zau (Comuna Sede, Inhuca e Necuto) e Belize (Comuna Sede, Luali e Miconje) respetivamente (vd. figura nº 3).

Em termos de recursos, trata-se de uma província com uma grande rede hidrográfica, com vários rios e seus afluentes, lagos, lagoas, pântanos e com uma longa orla marítima. Tem potencialidades naturais, com destaque a floresta do Mayombe, que produz enormes quantidades de madeira. Tem outros recursos como petróleo, burgau, mica e ouro (Oliveira, 2007, p. 5). A sua população é maioritariamente agrícola.

A capital da Província de Cabinda é a cidade de Cabinda, conhecida também com o nome de Tchiowa¹⁶, Tchiowa ou Chioua (Oliveira, 2007, p. 13), apesar de que a cada dia se tenta ofuscar esse nome¹⁷. O jornalista Jorge Monteiro, citado por Barnabé escreve:” O nome de Cabinda é mais utilizado pelos brancos, pois os naturais, entre si, continuam a designá-la de Tchiowa”(Tubi, 2018, p. 53).

Aproxima-se, agora, uma caracterização de Cabinda, em seus aspetos linguísticos.

¹⁶ Tchowa Tchimuisi, é uma designação dada pelos antepassados. Tchimuisi (nome da Sereia que habitava nos arredores da cidade de Tchowa).in *(Cabinda 52: Elementos Históricos Sobre os Reinos de Cabinda, seus Usos e Costumes, 28 de Maio - dia da cidade, n.d., p. 2)*

¹⁷ Barnabé Lelo Tubi, sacerdote católico, na sua recente obra intitulada Cabinda, Capital Tchiowa, Carta Aberta aos Deputados da Assembleia Nacional, exorta aos deputados da Assembleia Nacional da República de Angola a reposição do nome (Tubi, 2018, p. 63).



Figura 3: Cabinda - Mapa Político Administrativo.

Fonte: Disponível em:

https://br.images.search.yahoo.com/search/images?p=mapa+de+cabinda&fr=mcafee&imgurl=http%3A%2F%2F2.bp.blogspot.com%2F-ZZL7_s07Ho%2FU-ohzcBOs5I%2FAAAAAAAAAAJf4%2FbxWfTgziuTo%2Fs1600%2Fcabinda9.png#id=0&iurl=http%3A%2F%2F2.bp.blogspot.com%2F-ZZL7_s07Ho%2FU-ohzcBOs5I%2FAAAAAAAAAAJf4%2FbxWfTgziuTo%2Fs1600%2Fcabinda9.png&action=click. Acesso aos 05/03/2019

CAPÍTULO II: CARACTERIZAÇÃO LINGUÍSTICA E SUBSÍDIOS PARA UM CORPUS ONOMÁSTICO-TOPONÍMICO DE CABINDA

Depois da caracterização territorial de Cabinda, serve este passo discursivo para a sua caracterização linguística, especificamente do lbinda e conseqüentemente apresentar alguns subsídios que servem de base para a harmonização gráfica do corpus onomástico – toponímico de Cabinda. Para tal, passamos a tecer duas articulações, a saber:

- (i) lbinda: origem do nome e sua função, isto é, como, de quem e donde terá nascido o nome “lbinda”, hoje, espraiado com estrondoso plebiscito pelos cabindenses, como designação de sua língua?
- (ii) lbinda: seu processamento; como se coloca, aqui, o lbinda, ante os vernáculos nativos dos cabindeses?

II.1. Sobre o lbinda

O nome «lbinda» foi gizado na diáspora cabindesa, de 1975, na região do Bas-Zaire, atual Congo Central, da República Democrática do Congo (RDC). Mais do que uma designação proposta sobre uma língua, então, existente como “Fiote”, pretendia-se e fez-se um conceito operador da cabindanidade. Por conseguinte, impõe um desafio técnico, fundamentalmente, da ciência da Linguística, em catalisar, todos os vernáculos nativos cabindeses.

II.1.1. lbinda: origem do nome e sua função

A origem do termo lbinda é de criação dos povos autóctones daquela região, durante o exílio, com o intuito de se distinguirem dos outros povos e da sua língua. Por isso, escreve Futi:

Le terme ibiinda date des années mil neuf cent soixante-dix. En effet, sui à la guerre qui a suivi l`indépendance de l` Angola et l` occupation du Cabinda par l` armée angolaise em 1975, plus de quatre-vingt mille cabindais ont traversé les frontières pour chercher refuge dans les pays voisins à savoir: le Congo Démocratique et le Congo Brazzaville. D` autres sont allés jusqu` au Gabon. Les habitants de Tshela¹⁸ (une petite ville située dans la région du Bas – Congo, dans la République Démocratique du Congo) ont créé un terme pour distinguer les différents parlers des réfugiés cabindais de leur propre

¹⁸ La ville de Tshela a accueilli le centre d` entraînement militaire du F.L.E.C (Front de libération de l` Enclave du Cabinda) et le Centre Pastoral des Prêtes Cabindais avec son Institut Padre Carlos Luis de Gourlet, où les prêtes assuraient la formation intellectuelle des jeunes réfugiés pendant près d` une décennie entre 1976 et 1984 (Futi, 2012, p. 17).

langue, le Kiyóombe. Le terme fut vite trouvé suivant la structure propre des langues kongo: selon eux, les réfugiés cabindais parlaient le “Kibiinda”. Le terme kibiinda fut rapidement adopté dans sa forme “cabindisée” cibiinda por désigner les différents parlers ou les différentes langues du Cabinda sans distinction (Futi, 2012, pp. 17–18)

No quadro de inquiridos tidos em campo para este trabalho, e com o intuito de confirmar as várias versões sobre o termo Ibinda, foi concedido um testemunho por Filomão Cubola, antigo seminarista maior, que sobre a origem do nome Ibinda, declara o seguinte:

Deveria ser num destes primeiros dois fins-de-semana de dezembro de 1980 – já que, julgo ter-se passado em tempo de pequenas férias escolares e de intensidade litúrgica. Convocado desde uma sexta-feira, deveria terminar em Domingo seguinte, encerrado por uma missa campal, no Centro Pastoral (...). Foi convocado e realizou-se um certame no Centro Pastoral dos Padres de Cabinda, na vila do Tshela (República Democrática do Congo / RDC), por três dias, sob vários temas religiosos e socioculturais, dentre os quais o da “Língua de Cabinda”. Particpei ativamente neste certame não só como aluno interno do Centro Pastoral, mas também, por indicação dos Padres, principais organizadores da iniciativa, como moderador e secretário das palestras. Sobre a mesa estavam três nomes: Ibinda (podendo variar com Kisi-Cabinda / Kibinda), Woyombe e Fiote. “Woyombe”, designação concebida e proposta pelo Reverendo Senhor Padre José Maria Nzau PITRA, de feliz memória, resulta da aglutinação de “kiWoyo” + “kiYombe”. Por fim, votou-se e venceu a primeira designação (...). Também aí se propôs o gentílico “cabindês”, que venceu sobre todos os demais gentílicos em uso, “cabindas / cabindanos / cabindianos / cabindenses / cabindas”. Recomendou-se que o termo “cabindense” deveria reservar-se para os residentes da cidade de Cabinda, sem prejuízo de não se perder o nome autêntico da urbe, “Tchowa”. (Filomão Cubola, comunicação pessoal, Lisboa, 22 de Fevereiro de 2019)

O certame referido significou para os promotores e participantes, um ato de autodenominação, reversivo de atos de denominação colonialistas, um exercício tão compreensível como o que aqui incide nos topónimos. Na verdade, no caso da denominação da língua, estava claro e sabido que o nome “Fiote (ou mesmo Fiot)” estava, circunstancialmente, equivocado e, sem confundir, integrava Cabinda numa outra região, o Baixo Congo (ou Baixo Zaire).

Abrimos aqui um parêntesis para dizer que o Centro Pastoral dos Padres de Cabinda no exílio, criado com a eclosão da guerra pós-colonial, isto é, de 1976 – 1986, serviu de espaço de formação de consciência e de identificação do povo de Cabinda. Além de fundarem as comunidades cristãs de Nlundu-Matende, Kimbianga, Mfuiki e Tseke Zole, criaram o lar dos seminaristas e a Escola Secundária Padre Luís de Gourlet, para a formação da juventude refugiada (Tubi, n.d., p. 22).

Todavia, se Cubola e Futi (antigos seminaristas do Centro Pastoral dos Padres de Cabinda do Tshela na altura) falam da origem do nome Ibinda, Visseq (1890) fala da língua Fiote, da sua grande extensão regional e de sua inserção na família afro-linguística “banta”, sem mesmo referir o Kikongo.

Cruzados, ambos os dados, permitem, sobre a origem e a função do Ibinda, densificar estes três aspetos: 1º) função sociolinguística de identificação paritária com Cabinda; 2º) função sociolinguística de comutação e de tutela e 3º) função sociolinguística neocomunitária.

II.1.1.1. Função sociolinguística de identificação paritária com Cabinda

O Ibinda, substituto ou sobreposto ao Fiote, não é nome de uma língua que exista factualmente, mas é um nome com uma função de identificação sociolinguística, em paridade com a entidade Cabinda.

II.1.1.2. Função sociolinguística de comutação e de tutela

Os vários gentílicos étnicos dos habitantes de Cabinda projetando, paritariamente, os nomes de suas línguas, por exemplo, Bayombe - Kiyombe, Bawoyo - Kiwoyo, Basunsi Kisundi, etc., não são esvaziados, mas, pelo contrário, são comutados¹⁹ e tutelados.

II.1.1.3. Função sociolinguística neocomunitária

A cabindanidade dos vernáculos etnolinguísticos, naquilo que é a sua ibindificação, implica, concretamente, a consciência neocomunitária, da sintonia de uma polifonia, inovadora da *homeland* comum na historicidade atual.

Estas três funções sociolinguísticas do Ibinda trazem à superfície da consciência comunitária cabindesa e até nacional o que já reina em sua consciência interfamiliar, de mesmidade genealógico-antropológica.

Quanto à função sociolinguística da ibindificação, em paridade com Cabinda, assiste-se ao fenómeno da localização distintiva dos vernáculos dos cabindeses. Mesmo quando o Kiyombe, o Kisundi, o Kivili, o Kikotche e o Kiwoyo são comumente falados sob estas mesmas designações linguísticas por populações não cabindesas, mas congolezas e até gabonesas, os estudiosos cabindeses²⁰ fazem questão de os distinguir, acrescentando-lhes o especificador separatista e tutelar: “de Cabinda”: Kiyombe de Cabinda, Kisundi de Cabinda, Kiwoyo de Cabinda, etc. A paridade entre unidade e entidade territorial – Cabinda – com unidade e entidade sociolinguística – Ibinda – exprime ainda, além deste valor linguístico locativo, um segundo valor: o valor da comutação e da tutela comunitária da língua. É a segunda função sociolinguística do Ibinda, atrás expressa. Quanto a esta função sociolinguística da comutação e da tutela, o Ibinda só se diz não ser língua, do ponto de vista etnolinguístico e vernacular, mas é, em tudo, língua subjacente e suporte dos vernáculos

¹⁹ Operação realizável em qualquer nível de análise linguística, e que se baseia na substituição de uma unidade por outra, com o fim de se verificar a sua identidade paradigmática (Arnau et al., 1997, p. 391)

²⁰ Mingas (1989); Futi (2012) e Chicuna (2015)

intercomunicativos, em presença. Formalmente, há uma língua de todos os cabindeses, que dorme e desperta da mesma forma em todos eles, e torna possível que em suas intercomunicações vernaculamente diferentes, se compreendam, sem necessitarem de tradutor ou de uma aquisição-aprendizagem de uma língua segunda. Esta língua que dorme e desperta em todos e os capacita, intuitivamente, a esta inteligência codificadora e decodificadora, transversal e recíproca, chama-se Ibinda. Todos a falam, entendem e manifestam as suas tradições, usos e costumes²¹. Há quem diga que foi com este desejo de trazer cruamente à superfície o Ibinda, que o Padre Eugénio Bisch²², escreveu com um Fiote, para todos os cabindeses vernaculamente estranho, mas inteligível, um dos primeiríssimos escritos em cabindês: o Catecismo Fiote – Português²³. No entanto, é o mesmo ímpeto intelectual que leva muitos a propor as primeiras gramáticas do Ibinda. O Ibinda para nós, é a plataforma linguística avalista da descrição e prescrição sobre a inteligibilidade de todos os vernáculos. Importante notar que em África, lá onde existe multiplicidade de línguas é frequente que as línguas de uma determinada zona sejam próximas umas das outras, que os seus sistemas e as suas estruturas linguísticas sejam as mesmas do ponto de vista tipológico (Pedro, n.d., p. 4) . No caso do Ibinda essas proximidades são evidentes. Por isso, e com razão, escreve Chicuna (2015, p. 33)“ apesar da diversidade linguística, todas as línguas de Cabinda são línguas da mesma família e pertencem ao grande grupo das línguas Bantu”, e apesar da diversidade linguística, verifica-se uma intercompreensão entre os falantes, pois, acrescenta o referido autor (2015, p. 36) “ são línguas irmãs”. O Ibinda torna a população de Cabinda mais unida e forte devido a comunicabilidade entre si, embora com uma ligeira diferença no sotaque, não constituindo motivo de inquietação²⁴, visto que, pertencem a mesma comunidade linguística²⁵.

A título de exemplo escreve Mazunga que o **ki** no princípio da palavra tem o mesmo valor de **chi** ou **i** (**ki** para os do norte e **chi** para os do centro e sul de Cabinda). **Kika** = **Chika** (cama) (...). O **di** tem o mesmo valor de **li**. **Dikundi** = **Likundi** (comprimido; algo redondo); **Dibaya** = **libaya** (tábuas) (Mazunga, 2011, p. 19).

²¹ In Cabinda: Elementos históricos sobre os reinos de Cabinda, seus usos e costumes. 28 de Maio – Dia da Cidade, (Cabinda 52: Elementos Históricos Sobre os Reinos de Cabinda, seus Usos e Costumes, 28 de Maio - dia da cidade, n.d., p. 3)

²² O grande educador da fé da recém criada Diocese de Cabinda, afirmou D. Eduardo André Muaca, foi o Padre Eugénio Bisch. Todos aqueles que professam a fé cristã em Cabinda, tiveram iniciação cristã a partir do Catecismo em Fiote – Português, elaborado pelo Padre Eugénio Bisch, em colaboração com o irmão Gregório Gomes Eusébio (Tubi, 2010, p. 35).

²³ O irmão Gregório Lopes foi o tradutor do catecismo Fiote – Português do Padre Eugénio Bisch (Tubi, 1993, p. 142).

²⁴ In (Cabinda 52: Elementos Históricos Sobre os Reinos de Cabinda, seus Usos e Costumes, 28 de Maio - dia da cidade, n.d., p. 3)

²⁵ Comunidade linguística é toda a sociedade humana que, radica historicamente num espaço territorial, reconhecido ou não, se identifica como povo e desenvolveu uma língua comum como meio de comunicação natural e de coesão cultural entre os seus membros (Art. 1º da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos. Barcelona, 1996, p. 6)

É isto mesmo que o Ibinda é. Não é fazê-lo falar, como se fosse uma língua nova, é fazê-la sair da sepultura. Explicitá-la. Está na praxis intercomunicativa dos falantes cabindeses, mas é desafio privilegiadamente reservado a estudiosos. Por conseguinte, os estudos dos vernáculos etnolinguísticos do Ibinda são imprescindíveis; pois, a clarificação, a indução e dedução dos fenómenos e processos linguísticos subjacentes nesta língua obedecem a dinâmica de qualquer outra. E a comutação é isto mesmo: sem agredir, mas protegendo e promovendo a integridade de cada vernáculo, por exemplo, o Kiyombe mostrar-se comutável com o Kiwoyo, e vice-versa; e o Kisundi oferece-se e absorve o Kivili e vice-versa. Apesar de não comungarmos com essa opinião, é importante ressaltar que há investigadores que se opõem à unidade linguística de Cabinda, defendendo que cada variante é uma língua. Neste caso, admite-se e é salutar para a ciência, o respeito à diversidade de opiniões. Mas tal como escreve Nzau (2004, p. 37), as ligeiras diferenças de base morfossintáticas e lexicais, não devem justificar por si só a presença de línguas em totalidade.

Salientamos que apesar dessa riqueza linguística, em Cabinda o Português é a única língua não africana falada em todo o território e funciona como a única língua oficial de escolaridade e também veicular. Nenhuma língua autóctone é utilizada quer na administração, quer no ensino público, fruto das políticas linguísticas até hoje reinantes no país. Mas, no entanto, todas as variantes linguísticas de Cabinda são frequentemente faladas, quer nas zonas urbanas e sobretudo nas rurais.

Importa, desde já, documentar aqui, as prestações do P.IEL - Angola (Projeto de Inovação no Ensino da Leitura) em Angola, durante o Seminário sobre o levantamento da situação linguística de Cabinda, decorrido de 06 a 17 de agosto de 2012. Dos trabalhos realizados, linguisticamente Cabinda é caracterizado com a presença das seguintes variantes e a sua ocupação

territorial:

Quadro 1:Quadro territorial das variantes do Ibinda (vd. Anexo nº 1)

Nº	LOCALIZAÇÃO	VARIANTE	% DE OCUPAÇÃO TERRITOTIAL
01	Kabinda	lkwakongo/ kikwakongo	8,3%
02	Kabinda	lwoyo	8,3%
03	Mbuku – Nzau e Belize	Kiyombi	35,5%
04	Kakongo	Civili / kivili	6,25%
05	Kakongo	lkoci	14,5%
06	Kakongo e Mbuku Nzau	Cilinji	20,8%
07	Belize	Kisundi	6,25%
TOTAL			99,8%

Fonte : P.IEL - Angola, (2014, p. 3)

Como notaremos, existe uma intercompreensão entre essas diferentes nuances, variando em certos aspetos, sobretudo fonéticos e fonológicos. A seguir, apresentamos o estudo fonológico das variantes do Ibinda.

Quadro 2: Quadro fonológico das variantes do Ibinda

SONS	lkwakongo	lwoyo	Kiyombe	Civili	lkoci	Cilinji	Kisundi
[P] Pê	phasi	Mpasi	Phasi	mpaso	Mpasi	Mpasi	Phasi
[b] bê	buatu	Buatu	Buatu	Buatu	Buatu	Buatu	Buatu
[t] tê	tunga	Tunga	kutunga	kutunga	Utunga	Tunga	Tunga
[tʃ] tʃê	tʃela	tʃela	tʃindu	tʃela	utʃela	kutʃela	tʃindu
[d] dê	dekula	Dekulwa	kudekula	dekula	Udekula	kudekulwa	kudekula
[k] kê	Keba	Keba	Keba	Keba	Keba	Keba	keba

[f] fê	Finga	Finga	kufinga	kufinga	Ufinga	Kufinga	Kufinga
[v] vê	vanga	vaanga	kuvanga	kuvanga	Uvanga	kuvanga	Kuvutuka
[s] sê	isengu	Isengu	kisengu	tʃisengu	Isengu	tʃisengu	kiseengo
[z] zê	luzabu	Luzabu	Luzabu	luzabu	Luzabu	Luzabu	kuzaba
[ʃ] chê	X	X	X	X	X	X	x
[ʒ] jê	X	X	X	X	X	X	x
[w] wê	kwenda	kwenda	kwenda	kwenda	ukwenda	Kwenda	Kwenda
[j] jê	Jelika	Jelika	Jedika	Jelika	Jelika	Jelika	jedika
[m] mê	mesu	Mesu	Mesu	Mesu	Mesu	Mesu	meesu
[mb] mbê	mbele	Mbele	Mbedi	Mbeli	Mbele	Mbeli	mbele
[mp] mpê	mpelo	Mpelo	Mpelu	Mpelu	Mpelo	Mpelu	x
[mv] mvê	mvumbi	mvumbi	mvumbi	mvumbi	mvumbi	mvumbi	mvumbi
[n] nê	Nuni	Nuni	Nuni	Nuni	Nuni	Nuni	nuni
[nt] ntê	ntewa	ntangu	Nthatu	ntangu	Ntangu	Ntangu	Nthandu
[nd] ndê	ndelo	Ndelo	Ndelu	Ndelo	Ndelo	Ndelo	Ndelo
[ndʒ] ndzê	ndʒejo	ndʒeje	ndʒejwo	ndʒejii	ndʒeje	ndʒeje	ndʒetolo
[ns] nsê	X	X	X	X	X	X	x
[nz] nzê	nzemba	nzemba	nzemba	nzemba	Nzemba	Nzemba	Nzemba
[nh] nhê	nhenze	nhenze	Nhenzi	nhenze	Nhenzi	Nhenzi	nhenze
[ng] ngê	ngombe	ngombe	ngombi	ngombe	Ngombe	Ngombi	Ngombe
[l] lê	Lelu	Lelo	Lelu	Lelo	Lelo	Lelu	Lelo

[h] hê	X	X	X	X	X	X	Heto
[`mf]mfê	`mfuindi	`mfuindi	`mfuindi	`mfuindi	`mfuindi	`mfuindi	`mfuma
[`mbe]mbê	`mbu	`mbu	`mbu	`mbu	`mbu	`mbu	`mbu
[`nt]`ntê	`ntete	`ntete	`nteti	`nteti	`tete	`ntete	`ntu
[`nl]`nlê	`nlele	`nlele	`nledi	`nleli	`nlele	`nleli	`nlenvu
[`ns]`nsê	`nsambu	`nsambu	`nsambu	`nsambu	`nsambu	`nsambu	x
[`nk]`nkê	`nkembu	`nkembu	`nkembu	`nkembu	`nkembu	`nkembu	x
[`nʒ]`nʒê	`nʒoka	`nʒoka	`nʒingu	`nʒingu	`nʒoka	`nʒingu	x
[`nd]`ndê	`ndumba	`ndumba	`ndumba	`ndumba	`ndumba	`ndumba	`ndumba

Fonte : P.IEL - Angola, (2014, pp. 4–5)

A par desses dados, Mazunga (2011, p. 13) concebe 24 letras para o Ibinda, sendo;

- a) Vogais: a, e, i, o, u;
- b) Semivogais: w, y;
- c) Consoantes: b, c, d, e, g, h, j, k, l, m, n, p, r, s, t, v, z; não estando incluídas as letras q e x.

No seu contributo para o Estudo do Ibinda, Ndele propõe um alfabeto de vinte (20) letras, a saber: *a, b, d, e, f, g, i, j, k, l, m, n, o, p, s, t, u, v, w, y* e *z*, considerando, como no Português, as vogais *a, e, i, o, u*, tendo o *y* e o *w* como semivogais (Nzau, 2004, pp. 90–91)

O estudo fonológico feito pelo P.IEL - Angola (2014, p. 5), aponta no geral a existência no Ibinda de :

a) vogais breves:

- ◆ a / o: ex.: Kukala (sentar); kutola (crescer, engordar)
- ◆ o / u: ex. Kuloba (pescar), kukula (aumentar de altura);
- ◆ e / i: ex. kuteta (cortar, esfaquear), kutita (puxar).

b) vogais longas:

As vogais são escritas de forma geminada em Ibinda, quando são longas (Chicuna, 2015, p. 95; Futi, 2012, pp. 26–27 e P.IEL - Angola, 2014, p. 7)

- ◆ a / aa: ex.: kubaka (possuir), kubaaka (rasgar);

- ◆o / oo: ex.: kusola (roçar), kusoola (escolher);
- ◆e / ee: ex.: kubela (perder razão), Kubeela (adoecer);
- ◆i / ii: ex.: kuzinga (enrolar), kuziinga (viver);
- ◆u / uu; ex.: kukula (aumentar de altura), kukuula (libertar).

Contrariamente ao alfabeto proposto por Mazunga, na classe consonântica, Chicuna, (2015, p. 94) no seu estudo sobre Portuguesismos nas Línguas Bantu, para o Kiyombe concebe 14 consoantes : *b, d, f, g, h, k, l, m, n, p, s, t, v, z*.

Quer uma como outra proposta, assim como a do Nzau (2004), complementam-se com a do P. IEL – Angola, (2014, P. 7), de que somos corroborantes, para um alfabeto consensual do Ibinda, que é: p, b, s, t, d, k, l, f, z, ng, n, m, w, y, z.

Há no geral, a ausência das letras c, j, q, r, x nestas propostas abecedárias, cuja explicação remeteremos posteriormente.

Importa referenciar que a ibindificação de cada vernáculo passa por uma responsabilidade de se afirmar e proteger cada vernáculo como sendo de cada um e de todos os cabindeses. Isto quer dizer que o destino histórico não juntou os cabindeses, mas fez-se uma oportunidade, e os cabindeses querem ser e mostram-se unidos. E isto enlaça na terceira função sociolinguística do Ibinda, porque a consciência neocomunitária é perceção e superação conjunta de desafios e de soluções, rumo a um projeto de sociedade contemporânea.

A função sociolinguística neocomunitária da ibindificação implica uma atualização contextualizada e responsável da antiguidade. O quadro do “*being colonized*”²⁶ deve poder deixar de ser um trauma psicossociológico intransponível e ser objeto de oportunidade para ultrapassagens e sublimação conjunta de dificuldades. Trata-se de admitir que se está junto é para se poder estar unido. Estar juntos resulta do “*being colonized*”, mas estar unidos resulta de solução voluntária das novas sociedades descolonizadas. A própria Declaração Universal dos Direitos Linguísticos é clara quando postula:

Art.º. 7º nº1: “Todas as línguas são a expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que devem poder beneficiar das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções;

Art.7ºnº2:” Cada língua é uma realidade constituída coletivamente e é no seio de uma comunidade que ela está disponível para o uso individual como instrumento de coesão, identificação, comunicação e expressão criadora”;

Art.8ºnº1:” Todas as comunidades linguísticas têm o direito de organizar e gerir os seus próprios recursos, com vista a assegurarem o uso da sua língua em todas as suas funções sociais”;

²⁶ Vansina (2010)

Art.º. 8º nº 2:” Todas as comunidades linguísticas têm o direito de dispor dos meios necessários para assegurarem a transmissão e a projeção futuras da língua”.

Por conseguinte, no tocante ao Ibinda, aponta-se, aqui, para uma configuração linguística, cujo sistema fonológico, descritivo e prescritivo, deverá condensar a convergência da variação linguística em face. Era solícito ser, aqui, esboçado e proposto um sistema fonológico do Ibinda, operador da variação vernacular presente. O rigor e a responsabilidade de uma tal tarefa confrontam-se, porém, com a exiguidade do tempo deste trabalho e quiçá com o seu propósito temático. Importa sugerir que o Ibinda é um referencial linguístico Cabindo-comunitário, técnico, e que não tem de ser refém do leque das identidades etnológicas em presença. Por outras palavras, faz bem Mazunga (2011), quando levanta e resolve as variações morfológicas e as enquadra geograficamente, mas não etnologicamente. Na verdade, na comunidade cabindesa, uma equação etnia ←língua (cada etnia tem sua língua) só seria sustentável por motivos de afirmação sociopolítica para os comparar, mas não de diferenciação linguística real, objetiva e tecnicamente demonstrada. Quando este ibindólogo descreve que “*O ki no princípio da palavra tem o mesmo valor de **chi** ou **i** (**ki** para os do norte e **chi** para os do centro e sul de Cabinda). **Kika** = **Chika** (cama)*” constata e dá conta de um mapeamento linguístico, que, em razão da evidência dos dados, acaba por preferir o mapeamento etnológico. É um dos aspetos da função neocomunitária do Ibinda: afinal, a variação, incontornável em qualquer língua, não tem de ser necessariamente vista do ponto de vista etnológico, mas do ponto de vista técnico-linguístico. Sugere-se, aqui, podendo ser útil para a aproximação dos topónimos, um Ibinda com 5 variantes, não etnográficas, mas técnicas, isto é, prosódicas:

1. A variante prosódica aspirada [h] do Ibinda, que se descobre no Kisundi (ou Cisuundi) do Norte;
Ex: Vata (cultivar, plantar), (Pronúncia Kisundi: hata); Vava (aqui) (Pronúncia Kisundi: Haha)
2. A variante prosódica dental [di-] do Ibinda, que se descobre no Norte / Centro, no Kiyombe;
Ex. dikalu (carro), dibaya (tábua), divunga (cobertor)
3. A variante prosódica palatal [tchi-] do Ibinda, que se descobre no Centro e Sul;
Ex. Tchikhutu (camisa), Tchikamba (topónimo), tchilau (maluco), Tchizu (topónimo),
4. A variante prosódica do morfema-zero do Ibinda, que se descobre particularmente no Kisundi do Centro;
Ex. (i) (ki) (Tchi) tebe; mas o morfema aparece no plural (bitebi)
5. A variante prosódica do pronome [li], que se encontra no Centro Oeste, no Kivili e Kikotche, (ver a Fig.3: Mapa marcador das 5 variações prosódicas substanciais do Ibinda).

Ex. likalu (carro), libaya (tábua), livunga (cobertor),

A caracterização do território e da língua de Cabinda em seus aspetos de unidade e homogeneidade fundantes permite que se opere o levantamento toponímico a analisar, tendo como pano de fundo linguístico apenas duas referências: o Ibinda e / ou o Português Europeu. Não é de descartar o registo de casos com referência ao Francês, Inglês e talvez ao Holandês, já que Cabinda teve contato, embora esporádico, com grupos destas nacionalidades.

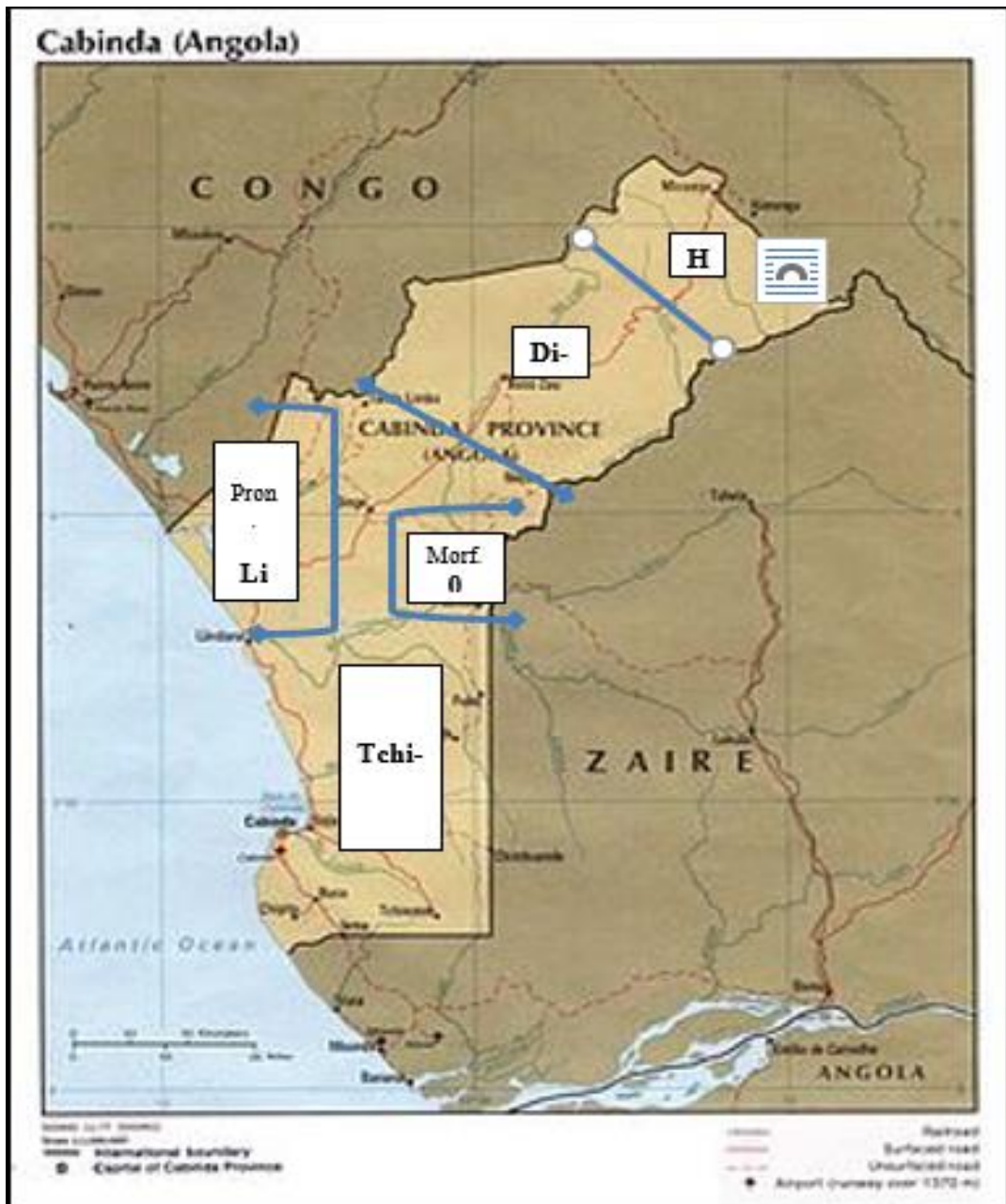


Figura 4: Mapa marcador das cinco (5) variantes prosódicas do Ibinda

II.2. Outras características específicas do Ibinda

Tal como o Kikongo, Kimbundu, Umbundo ou outras línguas africanas, o Ibinda também apresenta características que podem servir de base para uma harmonização toponímica de Cabinda.

Como anteriormente referenciamos, no Ibinda, regista-se no geral, diferentemente do Português, a inexistência das letras c, j, q, r, x.

Apresentamos de seguida algumas realidades desta língua.

- a) Dos estudos linguísticos feitos em Cabinda, registamos a presença do fonema /c/ nas variantes Ikoci, Iwoyo, Civili e Ikwakongo, com a pronúncia de “*tchi*”. (P.IEL - Angola, 2014, p. 6). Não tem o valor do grafema < ç >, nem a pronúncia de [s] nem de [ss].

Ex: celika (verdade), lê-se *tchielika*; cika (cama), lê-se *tchika*, Cina (proibir), lê-se tchina; Kucema (espremer), lê-se *kutchiema*; ceka (limitar), lê-se *tchieka*.

- b) No geral os grafemas < c >, < q > são substituídos pelo grafema < k >. (Mazunga, 2011, p. 19; Tomás, 2015, p. 44 ; Nzau, Venâncio, & Sardinha, 2013, p. 166).

Ex: Kabinda (não Cabinda), Kakongu (não Caconco), Kungu (não Cungo), Kayu (não Caio), Kákata (não Cákata), Kaliadu (não Caliado), Kunda (não Cunda),

- c) Em muitas palavras no Sul de Cabinda é empregue o grafema < j > e tem o mesmo valor de < g > para o Norte de Cabinda.

Ex. Njeje = ngeye (você, tu) (Mazunga, 2011, p. 19).

- d) O grafema < i > quando seguida de uma vogal ou outra semi vogal, torna-se uma semi vogal <y > (Mazunga, 2011, p. 15; Tomás, 2015, p. 43; Nzau et al., 2013, p. 166).

Ex: Yabi (não labi), Yema (não lema), Ngoyo (não Ngoio).

- e) O grafema < u > quando seguida de uma vogal ou outra semi vogal, torna-se uma semi – vogal < w > e pronuncia-se como em Português (Mazunga, 2011, p. 15; Tomás, 2015, p. 43; Nzau et al., 2013, p. 166).

Ex: Mwana – Fula (não Muana Fula); Ciweka ou Tchiweka (não Chiueca ou Ciueca);

- f) A vogal [o] nunca toma a forma portuguesa de [u] no meio ou no final de um nome ou qualquer palavra (Mazunga, 2011, p. 13; Tomás, 2015, p. 43).

Ex: Tchizu (não Tchizo), Mbuku (não Mbuko), Mazengu (não Mazengo)

- g) O grafema < s > nunca aparece duplicado numa palavra e pronuncia-se sempre [s] e não [z], como ocorre em Português, isto é, quando aparece entre vogais (Mazunga, 2011, p. 19; Tomás, 2015, p. 44).

Ex: Susu (não Susso), Lusiese (não Luciesse), Bisasanha (não Bissassanha);

- h) As consoantes labiais /b/, /p/, /v/ e /f/, são sempre antecedidas pela consoante [m] para a sua nasalização e não [n] e dificilmente se duplicam (Mazunga, 2011, p. 18; Tomás, 2015, p. 44).

Ex: Mpunzi Nzau (não Punzi – Nzau), Mbaka (não Baca), Mbuku Ngoyo (não Buco Ngoio), Mbuku Mazi (não Buco Mazi).

Compreendemos as dificuldades de grafia e pronúncia do eurofalante nestes casos, pois, como escreve Muaca (2001, p. 15) “na Língua Portuguesa e em quase todas as línguas latinas não há unidades lexicais que comecem por /n/ ou /m/ seguida de consoante”. Nestes casos, a aférese servia-se de refúgio privilegiado. Por isso, temos os topónimos e antropónimos grafados em Bata em vez de Mbata, Buco em vez de Mbuku, Zau em vez de Nzau, Congo em vez de Nkongo entre outros.

- i) Usa-se o /m` / quando constitui uma sílaba suspensa (Mazunga, 2011, p. 18).

Ex. M` pinda (figueira, ginguba), m` vutu (resposta), m` vumbi (cadáver).

- j) A consoante oclusiva [d] aparece regra geral acompanhada da consoante [n] (Tomás, 2015, p. 44)

Ex: Ndungu Mbuba (não Dungo Buba);

- k) O grafema < g > tem sempre pronúncia de “ gue”, e não de “je” como em português e nunca tem valor de [z] ainda que anteposto aos grafemas < e > ou < i > (Mazunga, 2011, p. 19; Tomás, 2015, p. 44; Nzau et al., 2013, p. 166).

Ex: Mangítukulu (mistério, inédito) e não manguítuculo

- l) O < k > substitui em todos os casos o < q > do Português e o < c > antes de < a >, < o >, < u > (Mazunga, 2011, p. 19; Tomás, 2015, p. 45; Nzau et al., 2013, p. 166).

Ex: Kákata (não Cákata), Kayu (não Caio), Kaba Tsangu (não Cabassango).

- m) O grafema < n > é empregue antes das consoantes < d >, < g >, < j >, < k >, < s >, < t > e < z > para formar os sons guturais nasalados, no princípio e no interior das palavras (Mazunga, 2011, p. 18).

Ex. Topónimos: Thandu – Nzinzi; Ntumba; Ngoyo; Ndungu Mbuba; Ngembu, manjemvu

Em alguns casos, aparece dobrado, quando um deles é suspenso.

Ex: n` nuni (esposo)

Apesar da sugestão abecedária de Mazunga (2011) incluir os grafemas < r > ou < R >, na verdade não verificamos a presença dos mesmos na sua Gramática Elementar do Ibinda em nenhuma das palavras. Isto confirma a hipótese de vários estudiosos sobre o assunto, da inexistência desse grafema nas línguas bantu e conseqüentemente a sua substituição pelo fonema labial /l/ (Tomás, 2015, p. 45; Nzau et al., 2013, p. 167).

Ex: Ruth (passa para Luth); rua (passa para lua), Rafael (passa para Lufayela).

II.3. Em busca de um estatuto e de uma definição da língua de Cabinda

De tudo dito sobre o Ibinda e o Fiote em Cabinda, subjaz ainda uma indefinição, quanto ao nome da língua de Cabinda, assim como o seu estatuto a nível nacional. Uma língua precisa ter um nome, diz Tore Janson. Uma língua sem nome não existe, pela simples razão de que não é possível falar sobre ela, pois uma língua precisa de um nome específico, a fim de ter uma existência reconhecida (Janson, 2012, p. 232).

Sabemos que Angola é um país multilíngue, no qual coexistem o Português, de origem indoeuropeia e várias línguas africanas de origem bantu, Khoisan e vátwa como línguas maternas (L1) e línguas segundas (L2) (Fernandes & Ntongo, 2002, p. 103). No caso de Cabinda, diz Bembe (2013, p. 75), são “ povos bantos da etnia Bakongo”, pertencente ao grupo etnolinguístico Kikongo - com a existência local de três reinos nomeadamente Ngoio, Kakongo e Luango (Costa, n.d., p. 23).

Ora, o primeiro contato de portugueses com os nativos de Cabinda deu-se na terceira viagem de Diogo Cão, em 1491, quando, na Foz do rio Zaire, o capitão que comandava a nau “Senhora da Atalaia”, Rui de Sousa, tendo sido encarregue de prosseguir até ao Cabo da Santa Catarina, avistou, no Porto de Tchiowa, muitas embarcações ligeiras com nativos a pescarem ((Bembe, 2013, p. 87). Com a presença portuguesa em Cabinda, linguisticamente ensaia-se uma dupla realidade, isto é, passa-se a conviver dois povos com culturas diferentes, assim como do ponto de vista linguístico, o convívio de duas ou mais línguas. Hoje, como dissemos, constata-se *in loquo* a existência de sete (7) variantes linguísticas, com ligeiras diferenças, sobretudo fonéticas, sem que tal constitua, no entanto, um entrave à sua unidade, antes parecendo indicar a origem comum dos vários povos que habitam esse território.

O impasse atual em Cabinda, quanto à definição objetiva do nome a dar a esse conjunto de línguas ou variantes, resulta da falta de consensos entre os políticos (governantes) e os autóctones (falantes da língua) e sobretudo da indefinição de um estatuto da língua falada em Cabinda. Importa ainda matizar que durante todo o período colonial, as línguas de origem africana foram forte e ativamente combatidas enquanto línguas de comunicação quotidiana da população, e como dissemos, pejorativamente designadas por “dialetos²⁷”, cuja intenção principal é a sua neutralização. A neutralização das línguas africanas era uma política seguida à risca pelos Portugueses. Como prova, o Governador Norton de Matos defendia as seguintes medidas : ” Ao espalhar o português falado, seguir-se-ia ensinar a ler e escrever esta língua, e as línguas indígenas iriam desaparecer rapidamente das províncias portuguesas de África” (Norton de Matos, (1953, p. 96) citado por Chicuna, (2015, p. 41)). Em consequência destas medidas, o ensino das línguas bantu era proibido nas escolas, para que não pusessem em perigo a Unidade Nacional Portuguesa. Partindo desse desiderato, Amélia Mingas afirmou: “a política portuguesa de ensino teve como objetivo a imposição da língua portuguesa em detrimento das línguas locais” (Mingas, 2000, p. 48).

No entanto, com a independência de Angola em 1975, essas línguas tomaram a designação de Línguas Nacionais e são constitucionalmente reconhecidas como património cultural, cuja valorização, dignificação e desenvolvimento, como línguas de identidade nacional e de comunicação, constituem fundamentos do Estado, como reza o art.º. 21º da Constituição da República de Angola, (2010).

Em 2011 foi aprovado o Estatuto das Línguas Nacionais de Origem Africana (ELNOA), diploma este que estabelece os princípios orientadores para a valorização, fomento, defesa e ensino das Línguas Nacionais e das suas variantes locais, a serem observados pelo Estado Angolano, em todo o território nacional.

O ELNOA define como língua nacional aquele que pertence ao património cultural de uma comunidade, habitando o mesmo espaço geográfico, partilhada ou não com outra comunidade transnacional, qualquer que seja a sua influência geográfica ou sociológica (Ministério da Cultura, 2011: 11)²⁸. Curiosamente, o referido diploma classifica apenas dez (10) línguas bantu (cokwe, kikongo, kimbundu, ngangela, oxiwambo ou ovakwanyama, olunyaneka, umbundu, helelo, luvale e mbunda) assim como uma língua Khoisan (khoi) e uma língua vátwa (vátwa). Apesar de que o ELNOA não exclui a possibilidade de virem a ser objeto de igual classificação todas as línguas usadas histórica

²⁷ Esse termo refere-se ao sistema linguístico de uma comunidade mais pequena que aquela a que se liga “ langue”. cf.(Kukanda, 2012, p. 5)

²⁸ Ministério da Cultura (2011). Projecto de Lei sobre o Estatuto das Línguas Nacionais. Luanda: Assembleia Nacional da República de Angola

e secularmente pelos habitantes do território nacional, a verdade é que o Ibinda ou Fiote, ainda não tem legalmente o estatuto de língua nacional, o que pelo número de falantes, confere-lhe a reivindicação desse estatuto.

De acordo com os resultados do censo populacional de 2014, o Fiote figura no Top 10 entre as línguas de origem africanas mais faladas em Angola, com 2,4%, conforme o seguinte quadro:

Quadro 3: Línguas habitualmente faladas em casa pela população residente com mais de 2 anos

Línguas faladas	Número de falantes e correspondente percentual da população					
	Zona urbana	%	Zona rural	%	Angola	%
Mais de uma	5.539.833	37,0	3.480.571	39,7	9.020.404	38,0
Português	12.644.358	84,4	4.246.383	48,5	16.890.741	71,2
Umbundu	2.502.897	16,7	2.946.921	33,6	5.449.818	23,0
Kikongo	1.177.540	7,9	778.651	8,9	1.956.191	8,2
Kimbundu	1.014.811	6,8	841.140	9,6	1.855.951	7,8
Cokwe	1.006.165	6,7	546.854	6,2	1.553.019	6,5
Nhaneka	182.515	1,2	629842	7,2	812.357	3,4
Ngangela	311.164	2,1	427.906	4,9	739.070	3,1
Fiote	382.582	2,6	185.714	2,1	568.296	2,4
Kwanhama	104.276	0,7	433.257	4,9	537.533	2,3
Luvale	94.232	0,6	153.769	1,8	248.001	1,0
Muhumbi	83.800	0,6	419.081	4,8	502.881	2,1
Outras LN	494.778	3,3	359.267	4,1	854,045	3,6
Surdo – mudo	61.819	0,4	57.537	0,7	119.356	0,5
Pessoas com dois anos ou mais	14.979.335	64,1	8.760.636	36,9	23.739.971	100

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (I.N.E.), (2016, pp. 99–100)

Relativamente a designação do conjunto de línguas faladas em Cabinda, parte da população hoje não se revê com o termo Fiofe, por o considerar pejorativo, usado pelos colonizadores para chamar a tudo que é pertença dos pretos, sofrendo hoje contestação, sobretudo nas lides académicas.

Na verdade, o termo “Fiofe” ou “Fiofi”, começou por ser designação de línguas e de culturas do Baixo Congo. Por isso Visseque (1890) escreve:

Les rares savants qui ont étudié les langues de l’Afrique méridionale nous apprennent que la plupart ont entre elles de grandes analogies; aussi les designe-t-on sous le nom générique de langues batoues («ba»: des; «ntou»; hommes. J’ai pu constaté moi-même cette ressemblance entre le fiofi, idiome du Ba-Congo, et le souahéli que l’on parle au Zanguebar, ce sont, de par et d’autre, à peu près les mêmes racines, la même syntaxe, les mêmes consonnances la même pauvreté de termes et, par conséquent, la même abondance de mots composés. C’est à cause de cette dernière particularité qu’on les appelle langues agglutinatives. Voici en langues fiofe quelques exemples de ces mots composés (...).

Na mesma linha de Visseque, Futi (2012, p. 16) escreve:

On ne sait pas pourquoi et depuis quand le terme «fiofe» (noir) désigne exclusivement les langues du Cabinda. En effet, jusqu’à ce jour, il y a encore des gens qui affirment que le «Fiofe» est la langue du Cabinda. Nous disons, cependant, quant à nous, qu’il n’existe pas de langue «fiofe». D’ailleurs, le terme «fiofe» tel qu’il fut utilisé par les colons portugais est un terme de dénégation culturelle et linguistique (...).

O Reverendo Conga da Costa sublinha que o termo “Fiofi” é pejorativo, querendo dizer a língua do preto. (Costa, n.d., p. 25). Zati²⁹, citado por (Nzau, 2004, p. 54), escreve:

Não conhecendo “cifiofe citu”, isto é, a realidade cabindesa, os portugueses chamaram “fiofe” não só os cabindas, seus usos e costumes, como também tudo o que por eles fosse considerado inferior – coisas vis; doutra maneira dita, tudo o que não fosse de origem europeia foi etiquetado “fiofe”.

O historiador e linguista africano Théophile Obenga (1985, p 21), citado por Chicuna (2015, p. 34), afirma que em África, o nome das etnias é idêntico das línguas que as mesmas falam. Partindo desse pressuposto e corroborando com Chicuna, em Cabinda não existe nenhuma etnia que se designa por *Bafiofe* e que, em consequência, se expresse em fiofe. Neste contexto, para nós essa língua não existe. Sublinha Chicuna que durante a Administração colonial, fiofe foi um termo atribuído pelos portugueses às línguas africanas faladas em Cabinda.(Chicuna, 2015, p. 34). No concreto, esse termo, nas línguas nativas de Cabinda, significa “pequeno”, “inferior”, “ negro”, “ preto”. Fruto disso, mais uma vez, a semelhança do outro encontro anteriormente referido, os Cabindas reuniram-se num magno encontro provincial, no Instituto Médio Politécnico Joao Paulo II em 2012 sob a égide da Secretaria Provincial de Cultura e presidido pelo seu então Secretário Provincial Dr. Euclides Barros da

²⁹ Zati, António: Cabindês, Fiofi ou Ibinda?, artigo intitulado “ A Língua Ibinda”. In www.cabinda.org.

Lomba, tendo como objetivo principal, a definição da denominação da língua de Cabinda. Estavam presentes várias sensibilidades da província, entre governantes, professores, anciãos, autoridades tradicionais, a e sociedade civil, onde também o autor deste trabalho participou nas vestes de convidado. Dos longos debates e com argumentos de razão, ficou mais uma vez e de forma unânime definido que o conjunto de línguas ou variantes de Cabinda, chamar-se-ia “Ibinda ou Kibinda ou Kisi Kabinda”. Contrariamente a isso, as autoridades governamentais, contra todos os fatos, ignoraram as conclusões do encontro, mantendo o termo “Fiote”. Por isso, em programas televisivos, assim como radiofónicos e em outras atividades ou documentos oficiais, o termo prevalecente é o Fiote, ao passo que, no campo académico, há surgimentos de gramáticas³⁰, dicionários³¹ e outros manuais³², assim como algumas iniciativas de ensino de língua Ibinda³³, o que deixa parte da população perplexa e indecisa. Outros, fruto dessa indefinição, preferem usar os dois termos como sendo sinónimos. Por isso, em muitas ocasiões, mesmo nesta reflexão encontramos passagens com as designações “Fiote ou Ibinda”. Recentemente (26/10/2019) em Cabinda, organizou-se a I Edição da Conferência Internacional sobre a língua falada em Cabinda (Anexos nºs 2 e 3), promovida pela Associação de Comunicólogos Angolanos, com a parceria da Universidade 11 de Novembro, onde dentre as várias conclusões sublinhamos: “a língua Ibinda é a que melhor reflete a realidade sociolinguística e cultural da população de Cabinda; as autoridades devem criar um instituto de língua Ibinda, capaz de pôr em prática a sua divulgação em toda a província”(Suami, 2019).

Pelos argumentos esgrimidos neste capítulo, resulta a nossa apologia pelo uso do termo “Ibinda”, que de agora em diante, assumiremos neste trabalho, como a designação do conjunto das variantes linguísticas faladas em Cabinda, sem desprimor das especificidades de cada uma. Neste contexto, o Ibinda não é só um nome. Não é demais realçar que se trata de um conceito construtor, formatador, e cujo impacto real envolve não uma alteração, mas um processamento formal ou técnico inovador dos vernáculos dos cabnideses; pois, como diz Tore, é a própria comunidade linguística que decide o que é uma língua, e que o essencial é dizer o que pensam sobre como falam (Janson, 2012, p. 219). Agora viramos as atenções ao último capítulo, sobre a análise e processamento do corpus selecionado neste projeto dissertativo.

³⁰ Mazunga, Silvino (2011) : Gramática Elementar de Ibinda. Zabizi utuba Ibinda?. Luanda: Mayamba Editora.

³¹ Mazunga, Silvino (2015) : Dicionário Português – Ibinda. Cabinda; Edição Diocese de Cabinda.

³² Histórias do avó Lusende (Silvino Mazunga); Yola Nsambu (Diocese ca Cabinda); Missal dominical em Ibinda (Diocese de Cabinda); Domingos Gabriel Ndelle Nzau (2004): Contributo para o Estudo de Ibinda – Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, entre outros.

³³ Especialmente no Seminário Propedêutico de Cabinda, assim como em algumas Escolas Missionárias sob a égide da Diocese de Cabinda

CAPITULO III: PROCESSAMENTO E ANÁLISE TAXIONÓMICO, LEXICOLÓGICO, LEXICOGRÁFICO E SOCIOLINGUÍSTICO DO CORPUS

Este espaço expositivo vai ter dois assuntos: primeiro, é feito o relato do trabalho de campo, em suas alavancagens mais significativas, e, depois, é apresentado o produto final deste mesmo trabalho de campo, o corpus toponímico de Cabinda levantado para análise subsequente. Estes dois assuntos são tratados, respetivamente, sob as secções seguintes:

1. Plano e execução do trabalho de recolha;
2. Apresentação e análise do corpus.

III.1. Plano e execução do trabalho de campo

O trabalho de campo, que produziu o corpus toponímico de Cabinda, aqui em estudo, teve um momento de planificação e outro de execução. Os objetivos orientadores destes dois momentos, ainda que o plano não viesse, porventura, a ser milimetricamente executado, foram os seguintes: inquirir e recolher dos cabindeses nomes de seus lugares, quer residenciais como não residenciais e seguidamente, recolher dos topónimos residenciais, a sua origem e significado e quiçá as motivações do denominador entre outros aspetos. O plano foi elaborado em maio de 2018, para ser executado a partir da segunda quinzena de junho até finais de agosto. Para executar o trabalho, tivemos que superar algumas dificuldades, a começar por aquelas de índole meteorológica. As deslocações pelos quatro municípios de Cabinda seriam realizadas, apesar de ser em período chuvoso. É um período em que muitas estradas ficam intransitáveis. O plano da pesquisa de campo contemplava cinco (5) secções, a saber:

1. enunciação dos objetivos do inquérito;
2. estruturação da pergunta do inquérito;
3. instrumentos do inquérito;
4. Procedimentos e calendarização;
5. tipificação do informante e o quórum desejavelmente representativo.

Na verdade, a execução do trabalho de campo, sem qualquer apoio financeiro, foi não só um teste pessoal à sobrevivência e ao amor pela ciência, como os seus resultados foram sendo estimulantes. O contato direto com os mais velhos não se fez como esperado. Em alguns casos ficaram muito condicionados e limitados por um modelo de entrevistas quase em assembleias,

administrativamente orientadas (vd. anexos n^os 4 e 5). A credencial governamental que nos foi passada para executar o trabalho trouxe um aspeto protetor, que algures se tornou excessivo e metodologicamente paternalista da execução do plano (vd. Anexos n^os 6 e 7). O que regularmente aconteceu em sedes dos municípios foi o seguinte: a Administração Municipal enquadrou o inquérito como um ato administrativo. Fizeram-se sessões de inquérito da toponímia local com grupos numerosos de sobas, regedores e chefes de certas aldeias dos municípios. Estas reuniões com mais de 20 personalidades, em algumas sessões, acabaram por produzir um levantamento toponímico complementar ao levantamento administrativo municipal. Se o objetivo primário, previsto no plano, ia sendo afastado, o secundário ia sendo alcançado. O leque de topónimos residenciais e não residências de Cabinda previsto no plano foi restringido. O enfoque circunscreveu-se nos topónimos das áreas residenciais de Cabinda, sobretudo as mais conhecidas. A necessidade científica da recolha de mais informações, permitiu, apesar das inúmeras dificuldades e limitações de várias ordens, a penetração em aldeias mais remotas, em busca de gente mais idosa e sábia. O resultado no seu todo é de quatrocentos e setenta e sete (477) topónimos residenciais recolhidos, conforme o anexo n^o 8, e cuja divisão por municípios se apresenta abaixo (vd. Fig., n^o 5 e gráfico n^o 1).

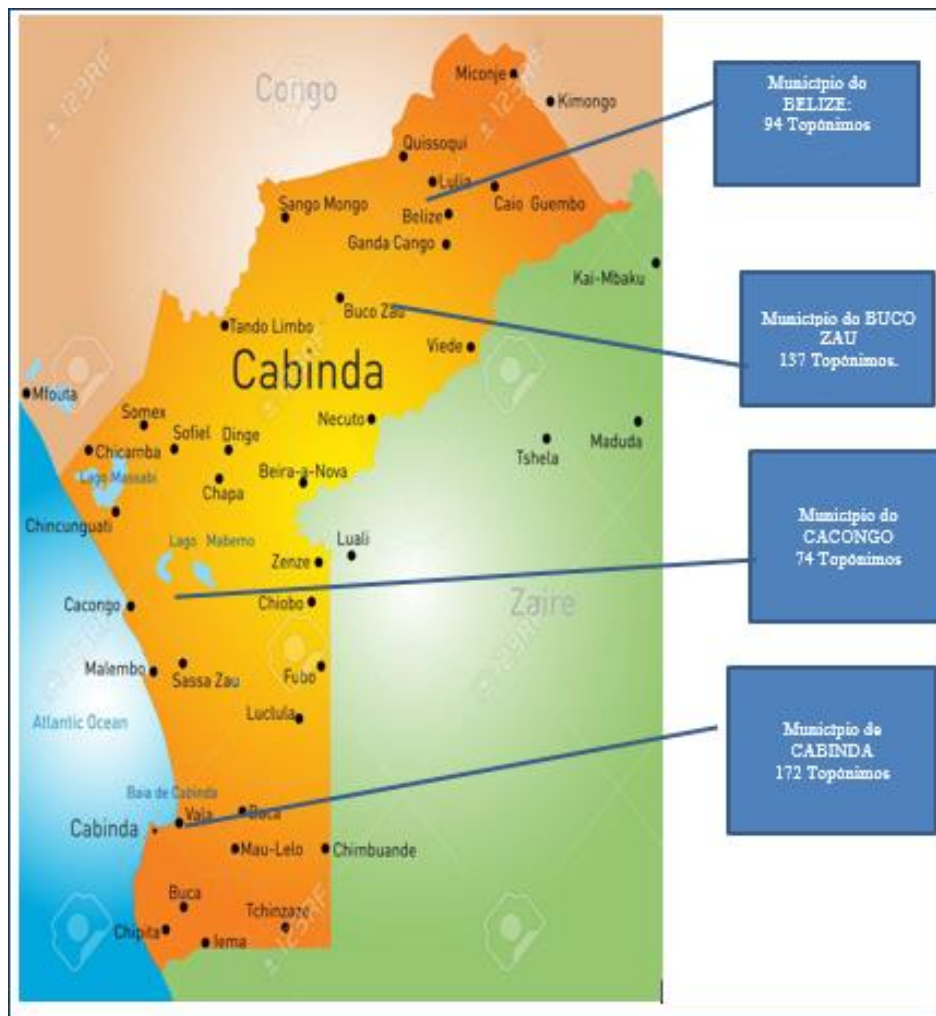
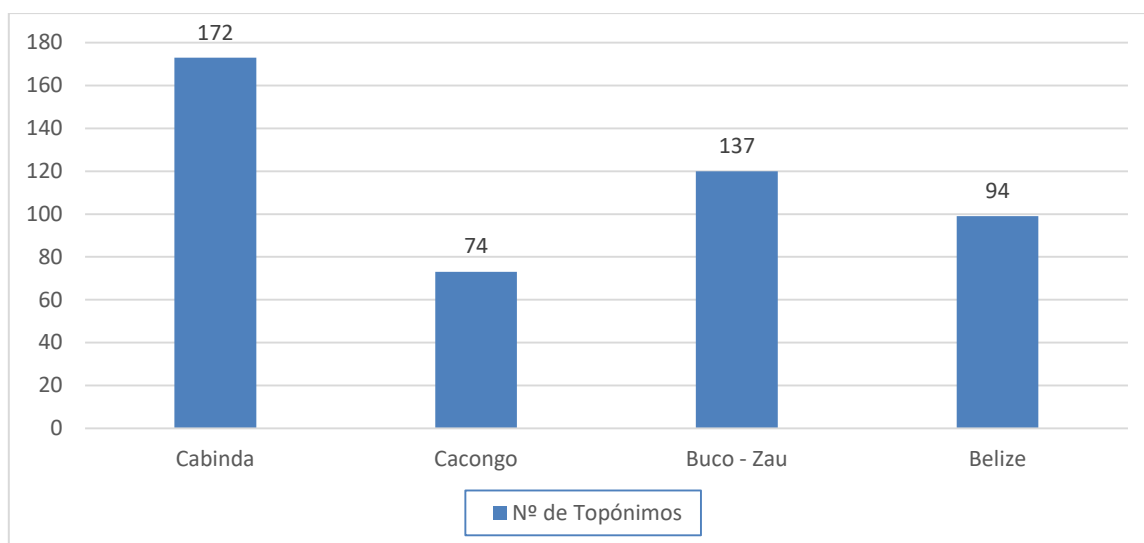


Figura 5: 477 Topónimos residenciais da Província de Cabinda distribuídos por municípios

Gráfico 1: Gráfico toponímico residencial da Província de Cabinda



III.2. Apresentação e análise do corpus

III.2.1. Análise taxionômico do corpus toponímico residencial do Município de Cabinda

A análise dos topónimos, costuma restringir-se a aspetos linguísticos e históricos da sua origem, sem levar em conta que a denominação dos lugares é, de fato, um processo político-cultural que merece uma abordagem além do nome atribuído a uma localidade. É sabido que desde os tempos idos, existe e existiu sempre uma intrínseca relação entre o homem e o seu espaço físico ou cultural. Por isso diz Claval (2001, p. 207) : “Espaço e cultura são indissociáveis, porque não há sociedades que vivam sem espaço para lhes servir de suporte”.

Em função das circunstâncias motivacionais, houve e há sempre da parte do homem a necessidade de denominar o espaço em que se encontra, pois, como realça Bonnemaïson (2000, p. 39) “o ser humano se compreende pelo ambiente que habita, e habitar um lugar significa conhecê-lo, transformá-lo e humanizá-lo. Trata-se de um espaço cultural, “que se determina tanto por sua dimensão territorial como por sua dimensão histórica” como o confirma Bonnemaïson (1981, p. 255), citado por Seemann (2005, p. 209).

O estudo toponímico prevê um diálogo com diversos saberes, os quais estão continuamente em mudança: “é uma disciplina que se volta para a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia Social e, até mesmo, à Zoologia, à Botânica, à Arqueologia, de acordo com a formação

intelectual do pesquisador” (Dick, 1990, p. 11). Daí concordarmos com Andrade (2012, pp. 205–206) quando diz que pensar na Toponímia, a partir de uma visão interdisciplinar, estabelece o sentido de unidade diante dos diversos saberes, isto é, possibilita ao sujeito re/encontrar a identidade, a história, a etimologia do nome na multiplicidade de conhecimentos, tendo em vista, o plano onomasiológico no ato de dar nomes aos lugares.

A toponímia de um lugar deriva de diferentes proveniências, frutos de vários fatores como geográficos, flora e fauna, personagens ou outros. Nesse sentido, Patrícia Carvalhinhos afirma:

uma área toponímica pode ser comparada a um sítio arqueológico, onde podemos reconstruir através do estudo de significados cristalizados de nomes de lugar, fatos sociais desaparecidos, contribuindo com material valioso para outras disciplinas, como a história, a geografia humana e a antropologia (Carvalhinhos, 2003, pp. 172–173).

Como podemos notar, o topónimo, ao contrário, sobrevive ao próprio fato e língua. Por isso, e com razão, escreve Carvalhinhos (2003, p. 173) : a reconstrução etimológica , é pois um dos instrumentos para o resgate dos significados ocultos, no nível do intracódigo, muitas vezes socorrido pelo extracódigo, visando preencher lacunas de significação. Daí a necessidade de um estudo toponímico nos seus variados aspetos. Dick (1998, p. 97) acrescenta:

como unidades significativas, os nomes comportam modalizações distintas, segundo modelos semióticos dominantes no meio analisado. São recortes de uma realidade vivenciada, conscientemente ou não, pelo denominador isolado ou pelo grupo, numa absorção coletiva dos valores especiais que representam a mentalidade do tempo histórico ou ethos grupal.

No caso do município de Cabinda, para a sua classificação taxionómica, dentre os vários autores que versaram sobre o assunto, abeiramo-nos mais na classificação feita pela Professora Maria Vicentina Paula Dick. Esta estudiosa brasileira na classificação taxionómica dos topónimos, reparte os factos cósmicos de forma genérica em duas ordens de consequências: a física e a antro-cultural (Dick, 1975, p. 376).

Para a análise e processamento lexicológico, lexicográfico e sociolinguístico da toponímia da província de Cabinda, é mister saber que essa província é secular e oriunda das várias tradições culturais, linguísticas, sociais, filosóficas, religiosas, animísticas, tribais, étnicas, feiticistas, geográficas, coloniais, políticas, etc. e que vão fortemente influenciar quase toda onomástica local. De ressaltar que os fatores ora mencionados estarão em grande parte na explicação da toponímia em estudo. Daí que a parte a seguir dedicará especial atenção aos descobrimentos desses fatores em cada topónimo.

Dos dados recolhidos, por questões metodológicas, a análise taxionómica, lexicológica, lexicográfica e sociolinguística foi delimitada apenas ao Município de Cabinda. Deixamos para posteriores trabalhos a análise da toponímia dos restantes municípios que compõe o enclave de Cabinda. É nossa pretensão continuar a pesquisar e a investir maior tempo no campo terminológico, especialmente nas línguas angolanas de origem africana, particularmente na língua Ibinda.

De acordo ao nosso corpus toponímico, faremos a classificação taxionómica baseando-nos na proposta da Dick (1975, 1990).

Na classificação taxionómica, Dick admite que é problemático na maioria das vezes, o emprego da correta expressão designativa ou que defina, com menor probabilidade de erro, os motivos onomásticos. Mas, no entanto, a compreensão da existência de um vínculo estreito entre o objeto denominado e o seu denominador remeterá a toponímia taxionómica ao estudo das motivações da nomenclatura geográfica. Como notaremos, num primeiro momento é, pois, o homem quem preside a escolha do nome, permitindo a averiguação de todos os impulsos que sujeitaram o ato denominador; num segundo momento, é a denominação que irá condicionar e determinar os rumos dos estudos toponímicos (Dick, 1975, pp. 375–376).

Na classificação de 1975, Dick admitiu a complexidade da empreitada e as suas limitações. Por isso, em 1990, a referida autora reformulou o primeiro modelo de classificação toponímica de 1975. É este modelo, documentado por Silva e Oliveira (2012, p. 5), citado por Menezes (2015, pp. 47–49) que nos vamos ancorar, tendo em atenção ao corpus toponímico residencial do Município de Cabinda.

Baseando-nos no nosso corpus, e de acordo a classificação feita por Dick (1975, 1990) temos os seguintes resultados:

Quadro 4: Classificação Taxionómica da Toponímia Residencial do Município de Cabinda

1. Taxionomia de natureza física				
Nº	CATEGORIA	DEFINIÇÃO	TOPÓNIMOS	TOTAL
01	Hidrotopónimos	Topónimos relativos a acidentes hidrográficos em geral: água, rios, córrego, ribeirão, braço e foz	Lukula, Mbanda Ngiembo, Siamazi, Chinfimbo, Bucu Mazi, Mbanda Sala, Caio Litoral, Mbanda Savi	8
02	Cardinotopónimos	Topónimos relativos às posições geográficas em geral.	Yabi Centro,	1
03	Litotopónimos	Topónimos relativos aos minerais e constituição do solo, representados por indivíduos – barro, barreiro e ouro – conjuntos da mesma espécie ou de espécies diferentes.	Chipita, Prata, Ntoto Wola, Macongolo,	4
04	Fitotopónimos	Topónimos relativos aos vegetais.	Sende, Lombo – Lombo, Bissassanha, Icazo, Tchele,	5
05	Geomorfotopónimos	Topónimos relativos às formas topográficas.	Simulambuco, Talicuma, Macanga,	3
06	Dimensiotopónimos	Topónimos relativos às dimensões dos acidentes geográficos: extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura e profundidade.	Vala, Bucu Ngoio, Zongolo, Bonde Grande, Bonde Pequeno, Macanga Grande, Macanga Pequeno, Mbucu	8

07	Meteorotopónimos	Topónimos relativos a fenómenos atmosféricos: vento, neve, chuva, trovão.	Chinzazi,	1
08	Zootopónimos	Topónimos referentes aos animais, sendo representados pelos animais domésticos, não domésticos e de mesma espécie.	Ngoyo, Tali Sumbi, Ncaca, Sassa Zau, Bungo Cubo, Luciesse,	7
2. Taxionomia de natureza antropro - cultural				
09	Antropotopónimos	Topónimos relativos aos nomes próprios individuais: prenome, hipocorístico, prenome mais alcunha, apelidos de família e prenome mais apelidos de família	Deolinda Rodrigues, Marien Ngouabi, Amílcar Cabral, Comandante Gika, Cabinda, Av. Dr. António Agostinho Neto, Rua Gago Coutinho, Rua Silvério Marques, Rua Irmão Evaristo, Rua Daniel de Oliveira, Rua Rui de Sousa, Rua Elias Garcia, Rua dos Franques, Rua Irmão Ventura, Rua Craveiro Lopes, Tchizu, Chimbolo, Chipita Liambo, Tchichiaco, Chimbuandi, Ngovo, Chiobo, Sáfica, Daniel, Chindende, Chiazzi, Ntumba	27
10	Animotopónimos ou Nootopónimos	Topónimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, englobando todos os produtos, referentes aos frutos do psíquico humano. Nesta taxie há a ausência da cultura física: vitória, triunfo, saudade,	Forteleza, Chinganga, Nganzi, Telma, Malembo, Cunda,	6

		belo, feio.		
11	Axiotopónimos	Topónimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais: presidente, duque, doutor, coronel, etc.	AV.Duque do Chiazi, Rua Governador Jaime Benazol, Rua Comendador Henrique Serrano, Rua D. João II,	4
12	Ergotopónimos	Topónimos relativos aos elementos da cultura material: flecha, jangada e relógio. Podemos incluir também os produtos manufacturados: farinha, pinga, vinho, óleo e azeite	Rua Tchinzembo, Rua Pioneiro Zeca, Mpunzu Nzau, Papela, Talibeca, Chingundo,	6
13	Enotopónimos	Topónimos relativos aos elementos étnicos, individuais ou não: povos, tribos, castas	Ntendequele, Chiweca, Cungo, Simindele, Chibodo, Cinto Macanda	6
14	Hierotopónimos	Topónimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças religiosas e aos locais de culto: igreja, capela, santuário. Os hierotopónimos dividem-se em duas categorias: hagiotopónimos e mitotopónimos. a) – Hagiotopónimos: esse hierotopónimo está ligado aos santos e santas da igreja católica romana. b) - Mitotopónimo: hierotopónimo relativo às	Rua S. Boaventura, S. Pedro, Santa Catarina, S. Vicente, S. José de Ngongo, S. Pedro Cota, S. José Limano, Santo Eugénio, Fátima, S. João, Santa Marta, S. José, S. Miguel, Santa Teresa Ncana, Chinga	15

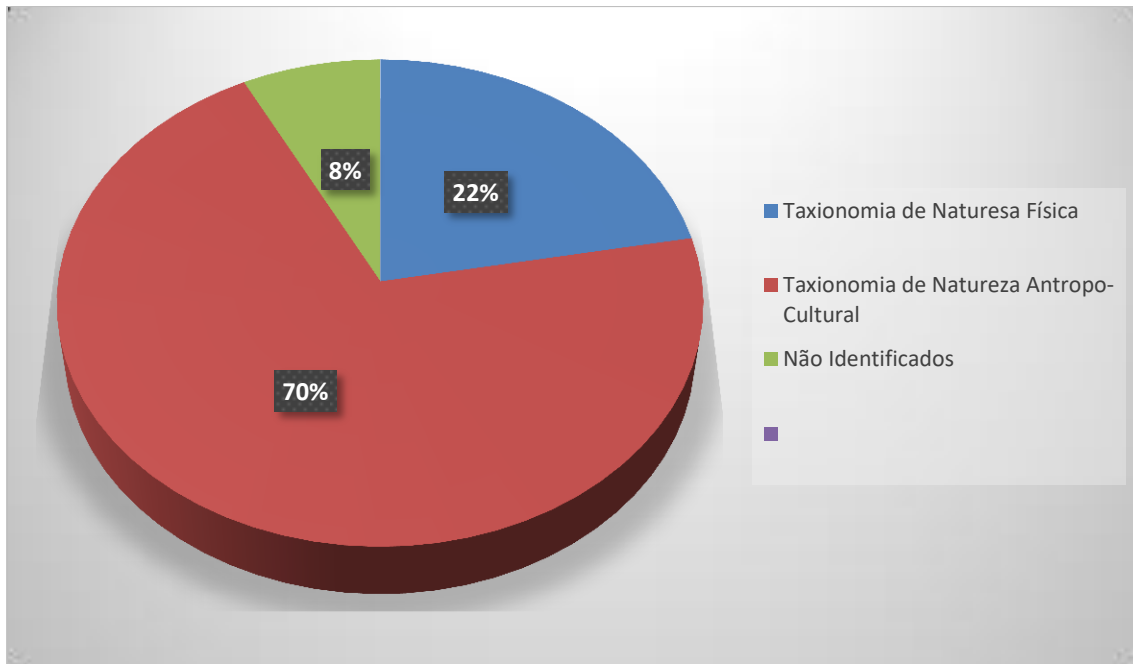
		entidades mitológicas.		
15	Númerotopónimos	Topónimos relativos aos adjetivos numerais.	AV. 28 de Maio, Travessia do 1º de Maio, Bairro 1º de Maio, Bairro 4 de Fevereiro	4
16	Sociotopónimos	Topónimos relativos aos aglomerados humanos (instituições resultantes das relações entre os membros de uma comunidade)	Rua do Comércio, Rua da Missão Católica, Rua das Forças Armadas, Rua Povo Cristão, Rua do Luvassa, Rua da Missão Evangélica, Travessia do Matadouro, Rua Mbalala, Rua da Comarca, Yabi Nquete, Povo Grande, Cabassango, Lenga,	13
17	Somatotopónimos	Topónimos relativos as relações metafóricas, à parte do corpo humano ou animal.	Inama	1
18	Corotopónimos	Topónimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.	Rua da Índia, Rua de Moçambique, Rua de Timor, Rua de Macau, Nglesio,	5
19	Cronotopónimos	Topónimos relativos aos indicadores cronológicos, sendo representados pelos adjetivos: novo, nova, velho e velha.	Nhungo – Novo, Nhungo Velho, Terra – Nova,	3
20	Dirrematopónimos	Topónimos constituídos por frases ou enunciados Linguísticos	Muana – Fula, Cotra, Cafongo, Tchimuntiaco, Lelu Mau, Ncamba, Mbaka, Subantando, Bungo Fuana, Siampaturico, Susso, Luavo, Zalangó, Chivóllica, Sinabumuno, Fútila, Lelo, Tando Cungo,	28

			Chimuanda, Tchinsuá, Wangolo, Siadede, Mazengo, Bumelambuto, Chinguinguili, Chibula Ngunga, Cácata, Macamba Nzila	
21	Historiotopónimos	Topónimos relativos aos movimentos histórico-culturais e seus respectivos membros, do mesmo modo as datas correspondentes	A Resistência, A Luta Continua, A Vitória é Certa, Mabiala	4

Dick ao reconhecer as dificuldades de uma classificação isenta de possíveis erros e de limitações, quanto a classificação taxionómica dos topónimos, escreve:” O estudo da distribuição qualitativa dos topónimos, com vistas à sua motivação externa, apesar da extensa enumeração, longe está, ainda, de um suporte definitivo”(Dick, 1975, p. 379). Partindo desse pressuposto, não encontramos em toda classificação de Dick a taxionomia correspondente ao topónimo Tando-Zinze. Pelo que sugerimos o enquadramento do mesmo na taxionomia de natureza física como Insetopónimos.

22	Insetopónimo	Topónimos relativos ou oriundos de toda a família de insetos	Tando - Zinze	1
23	Não identificados	Por falta de fontes fidedignas sobre a origem e significado dos referidos topónimos, não nos foi possível identificar a taxionomia correspondente.	Nhobo, Ntchieze, Caio Congo, Nludo, Ntamba, Cinto Mbutianga, Ndungo Buba, Caio Caliado, Tchifuli, Luvuá Licubo, Pove, Cabo-Lombo	12

Gráfico 2: Classificação Taxionómica do corpus segundo a natureza

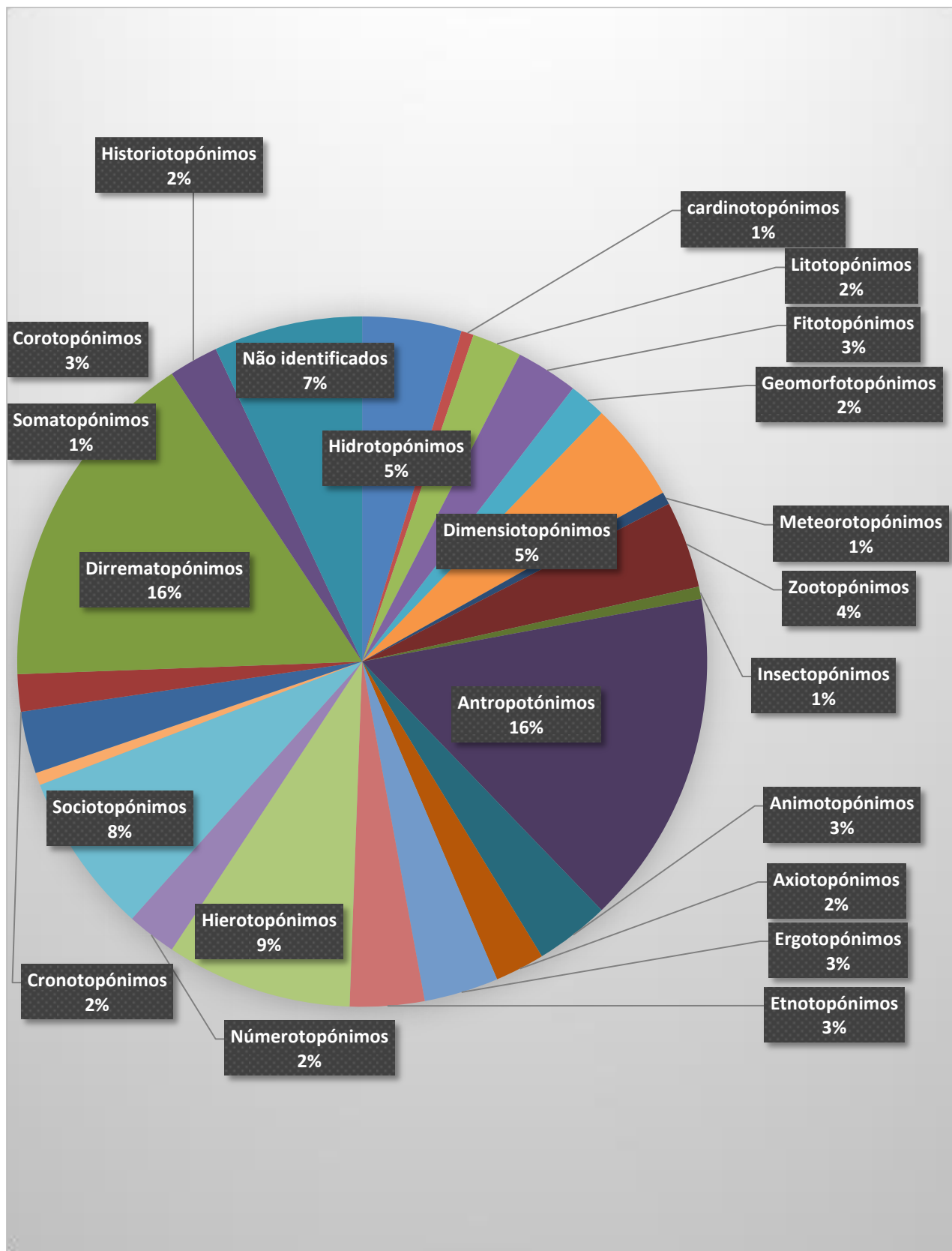


Os dados apresentados no Quadro nº 4, possibilitam-nos fazer algumas notas explicativas a respeito do gráfico nº 2.

Como fizemos referência anteriormente, Dick (1975, p. 376) na classificação taxionómica reparte os factos cósmicos em físicos e antropo – culturais. Socorrendo-nos desta repartição, e em análise a toponímia residencial do Município de Cabinda, foi-nos possível perceber que 70% dos topónimos deste município são da taxionomia de natureza antropo – cultural, 22 % de natureza física e por falta de informações precisas, 8 % desses topónimos não foram taxionomicamente identificados, como nos apresenta o gráfico nº 2.

Pelos 70 % da taxionomia de natureza antropo – cultural é possível deduzir que o homem, a sua história, cultura, língua e outros fatores sociais, tiveram uma forte influência na denominação dos lugares no Município de Cabinda. Quanto aos 22 % de natureza física, é um sinal real que a dimensão física, o meio que o envolve também joga um papel fundamental no *modus vivendi* do homem. A natureza e tudo que o envolve admira e chama atenção ao homem; daí a justificação destas percentagens. Quanto aos 8 % não identificados, é um sinal de que esta espinhosa tarefa investigativa na área de terminologia, especialmente no mundo toponímico, não termina com essa dissertação, antes pelo contrário, será o início de novas empreitadas.

Gráfico 3: Classificação Taxionómica Geral do corpus seleccionado



Como podemos notar (vd. Gráfico nº 3), taxionomicamente acima de 4% apenas temos sete (7) classificações, das quais faremos breves abordagens explicativas, sem desprimor para as demais.

Contando pela ordem decrescente, lideram com igual percentagem (16%) os antropónimos e os dirrematopónimos. Partimos do facto de que existe uma interdisciplinaridade entre a Toponímia e a Antroponímia. A antroponímia estabelece relações com a toponímia, apresentando frequentemente topónimos de origem em antropónimos. Por isso, Carreira e Quintino (1964, p. 25) afirmam que “ o hábito de se homenagearem vultos dando aos lugares os seus nomes vem de longe“. É evidente que há também antropónimos oriundos de topónimos.

Em Cabinda, a história do surgimento de algumas aldeias, zonas e cidades desde os tempos remotos, estavam sempre associados a indivíduos, ou a nome de indivíduos, seus fundadores, os reis, barões etc., que em muitos casos foram reconhecidos e denominados em diversos topónimos. A epopeia colonial portuguesa nas chamadas províncias ultramarinas de África também registou as suas figuras proeminentes, que foram guindados e denominados em homenagem a várias localidades. A história da autodeterminação dos povos africanos e a luta de libertação nacional registou igualmente os feitos dos seus mentores, em cuja homenagem foram atribuídos nomes a várias localidades. Estes fatores, justificam grosso modo os 16 % dos antropónimos. Importa referenciar que ainda existem figuras que tudo deram para que hoje a sociedade Cabindesa seja o que ela é hoje, relegadas ao esquecimento.

Quanto aos dirrematopónimos, é uma prova inequívoca que a língua é indissociável ao homem. A língua está na génese da existência do homem e ela influencia tudo que está à sua volta. Nesta senda, Paz (1993, p. 15) sublinha: “a linguagem não é só um fenómeno cultural como constitui, simultaneamente, o fundamento de toda a sociedade e a expressão social mais perfeita do homem”.

O povo de Cabinda, é detentor de uma língua, que hoje denominamos Ibinda. É através desta língua que exprimem as suas leis, conceitos, seus símbolos, em suma o seu *modus vivendi*. Padre Martins considera - a tão bela e tão rica, julgando - a absolutamente original e única (Martins, 1968, p. 14). O referido autor ainda escreve:

Não há letras nem sinais que a indique e forme, não há sinais verdadeiramente estereotipados para se formarem palavras e, com estas frases, leis e conceitos. O que há é uma manifestação do pensamento, da ideia, da lei, do conceito através de factos, de atitudes, de coisas reais, visíveis, colhidas nas reações humanas, na vida vegetativa das plantas, no comportamento e vida dos animais, etc., por meio de símbolos; o que levou o Padre Leo Bittremieux chamar-lhe escritura “ ideo – gramatical”.

É na verdade uma escritura sem alfabeto, mas escritura por símbolos, por figuras tiradas do real, visível e palpável, e através das quais dão leis, dizem o que querem, indicam o que se deve ou não fazer (Martins, 1968, pp. 14–15).

Com isto, explica-se a razão dos 16% dos dirrematopónimos na onomástica toponímica do Município de Cabinda.

A seguir temos os 9% dos hierotopónimos. Como se sabe, os povos africanos são naturalmente politeístas. Importante ressaltar que na tradição cabindesa, Deus não existe em grande parte das manifestações ideológicas quotidianas das pessoas (Milando, n.d., p. 86). A noção de Deus trinitário que hoje se tem foi inculcada pelo Cristianismo no âmbito das campanhas coloniais dos missionários.

Perante as dificuldades, as pessoas tendem quase sempre a retroceder simbolicamente em direção a outras entidades espirituais, que não Deus, em busca de auxílio ou de explicações. As linhagens societárias de Cabinda, diz Milando (n.d., p. 86), preocupam-se na gestão do seu relacionamento com entidades espirituais e afins, tais como *bakulu* (antepassados), *bakisi ba n' langu* (entidades espirituais do mar e dos rios), *bakisi ba tshi* (entidades espirituais da terra), *bimbindi* (zumbis, almas danadas), *babôngu* (entidades espirituais que funcionam como mercenários, infalíveis nas missões que lhes são acometidas, de proteção de pessoas), *zindoki* (homens com capacidades de se metamorfosearem, geralmente à noite, para adquirirem poderes ocultos, incluindo a capacidade de participar em campanhas noturnas de frustração dos projetos emancipatórios dos outros, e em banquetes canibalescos), *seliwata ou mamiwata* (sereias) e *zinganga – mambu* (contra – feiticeiros / curandeiros) .

No entanto, com a chegada, imposição e expansão do cristianismo, várias localidades foram fundadas graças a presença dos missionários. As pessoas foram convertidas ao cristianismo, assim como várias localidades foram batizadas com nomes ligados à Igreja, com maior predominância a Igreja Católica. Os dados do censo populacional de 2014 são claros em demonstrar que a religião católica é a principal praticada em Angola, com 41% da população; a seguir aparece a religião protestante com 38% (I.N.E., 2016, p. 52). São inegáveis os rastros, a presença e a influência do cristianismo, sobretudo da Igreja Católica em todos os setores da vida no Município de Cabinda. Daí a sua marca estar também registada na onomástica toponímica, justificando assim os 9%.

Registamos 8% dos sociotopónimos. Diz-se que a vida se faz em comunidade, em sociedade. As instituições, as relações humanas e todo um conjunto de intercâmbio de ações entre os homens e mulheres, marcam e determinam em grande parte a vida comunitária e social. Por essa razão, encontramos nomes de instituições e realidades sociais na toponímia residencial do município de Cabinda. Não nos foi possível identificar a origem e significado de 7 % dos topónimos; daí a dificuldade na sua classificação taxionómica.

Como sabemos, a transmissão das tradições africanas, da sua cultura, durante muito tempo foi baseada na oralidade e de geração para geração. Ora, hoje regista-se um perigo neste tipo de conhecimento e neste modelo de transmissão de informações, pois, como diz o adágio “ quem conta um conto, aumenta um ponto” e a situação vai tornando-se preocupante porque as fontes tendem a desaparecer, pelo imperativo da lei natural. A preocupação é ainda agravada pelo facto de que as gerações atuais mostram e demonstram um desinteresse quase total na busca desses conhecimentos. Por falta de escritos, muita realidade hoje está voltada ao esquecimento e concomitantemente ao desaparecimento. Há uma gritante falta de interesse na busca da realidade tradicional, cultural e histórica, associada à falta de incentivos na pesquisa dessas realidades. Hoje regista-se esse perigo, e no trabalho de campo realizado nestas zonas, não foi possível brindarem-nos informações precisas, pois, as pessoas contatadas, mostraram um desconhecimento gritante sobre o assunto. Facto curioso, até algumas autoridades tradicionais e chefes de aldeias em alguns casos não sabiam e nem sabe a origem e o significado linguístico do nome da sua aldeia. A nível governamental, nenhuma instituição (Administração Municipal, Secretaria Provincial da Cultura, Governo Provincial e outras ...) tem um registo da realidade toponímica (origem e significados) local. Nas instituições de ensino, sobretudo superior, igualmente verificamos um vazio em todas dimensões quanto ao conhecimento dos topónimos. Dentre algumas justificações deste vazio, alguns estudantes que por força investigativa tivemos a oportunidade de questionar, alegavam a ausência desses conteúdos nos currículos escolares, como causa principal do desconhecimento. Em geral, encorajaram-nos a continuar nesta empreitada.

Os hidrotopónimos figuram com 5%. Justifica-se pelo fato de o Município de Cabinda ser costeiro, tendo todo o seu litoral banhado pelo Oceano Atlântico, além de uma enorme riqueza hidrográfica, com rios, lagos, lagoas em toda sua extensão. É normal que isto tenha influência linguística e toponímica. Com igual percentagem temos os dimensiotopónimos. É natural que o relevo, os acidentes geográficos, a extensão, altura e profundidade sejam fatores de identificação e delimitação toponímica. Pois, a noção do plano, precipício, novo, velho, pequeno e grande fazem parte da sabedoria comum do povo de Cabinda.

III. 2.2. Processamento e análise lexicológica, lexicográfica e sociolinguística do corpus selecionado

Feita a análise taxionómica, segue agora a lexicológica, lexicográfica e sociolinguística da toponímia residencial do Município de Cabinda³⁴, com a devida legenda analítica.

Importa referir que por inexistência de fontes bibliográficas sobre a toponímia de Cabinda, a maior parte, senão a totalidade dos dados recolhidos estão em fontes administrativas vigentes, complementadas por um levantamento no terreno por nós realizado, sob forma de entrevistas, diálogos explicativos, etc.

Para a análise, servimo-nos de algumas tabelas toponímicas devidamente numerados, possibilitando-nos analisar cada topónimo nas diferentes categorias, com destaque na análise lexicológica/lexicográfica: número de unidades lexicais, estrutura (classes de palavra³⁵), subclasse; a análise sociolinguística: informação semântica e sociofuncional, com a identificação dos possíveis problemas linguísticos³⁶ existentes, utilizando dez (10) níveis e a categorização³⁷ de cada topónimo;

³⁴ Todos os topónimos analisados neste quadro pertencem ao Município de Cabinda, e são classificados de acordo com a seguinte legenda: MC= Município de Cabinda; S.M. = Sede do Município; S.C. = Sede da comuna; B = Bairro; R = Rua; Av = Avenida; A = Aldeia; P = Povoação; T = Travessia;

♦ O Município de Cabinda tem as seguintes regedorias e respetivas aldeias, bairros e povoações:

- a) Regedoria do Ntò: Fortaleza, Sende, Ngoio, Chinganga, Yabi Centro, Yabi Nquete, Cabo-Lombo, Chipita, Nzanzi, Muana- Fula, Ntumba, Ntendenquele, Chinzazi, Nhungo Velho e Nhungo Novo. Fonte: Administração do Município de Cabinda
- b) Regedoria do Cotra: Lombo-Lombo, Deolinda Rodrigues, A Resistência, Marien Ngouabi, Amilcar Cabral, Comandante Gika, A Luta Continua, A Vitória é Certa, 1º de Maio, 4 de Fevereiro, Mpunzi Nzau, Tchizo, Povo Grande, Chiweca, Mbaca, S. Pedro, Santa Catarina, Chimbolo, Cotra, Cafongo. Fonte: Administração do Município de Cabinda;
- c) Regedoria do Liambo: Simulambuco, Cabassango, Vala, S. Vicente, Buco Ngoio, Tchimuntiaco, Zongolo, Tali Sumbi, Terra – Nova, Ncaca, Cungo, Lelo Mau, Papela, Chipita Liambo, Ncamba, Tchichiaco. Fonte: Administração do Município de Cabinda;
- d) Regedoria do Subantando: Simindele, Chibodo, Nganzi, Mbaca, Subantando, Bungo Fuana, Mbanda Ngiembo, Siamputurico, Telma, Siamazi, Susso, S. José de Ngongo, Cinto Macanda, Luavu, Talicuma, Talibeca, Zalango, Prata, Nglesio, Chingundo, Lenga, Chimbuandi. Fonte: Administração do Município de Cabinda;
- e) Regedoria do Cácata: Chivólica, Nhobo, Inama, Ntchieze, Macamba Nzila, Sinabumuno, Caio Congo, Ngovo, Luciesse, Cácata, Chibula Ngunga, Chiobo, Nludo, Ntamba, Ntoto Wola, S. Pedro Cota, Cinto Mbutianga, Ndungo Buba, Caio Caliado. Fonte: Administração do Município de Cabinda;
- f) Regedoria do Malembo: Fútila, Malembo, Sassa Zau, Sáfica, Bissassanha, Chinimbo, Lelo, Tando Cungo, Macongolo, Chimuanda. Fonte: Administração do Município de Cabinda;
- g) Regedoria do Tchinsuá: Cunda, Mabiala, Bonde Grande, Bonde Pequeno, Macanga Grande, Macanga Pequeno, Tchinsuá, S. José Limano, Daniel. Fonte: Administração do Município de Cabinda;
- h) Regedoria do Zenze Lucula: Chindende, Wangolo, Santo Eugénio, Fátima, S. João, Santa Marta, S. José, S. Miguel, Icazo. Fonte: Administração do Município de Cabinda;
- i) Regedoria de Siadede: Buco Mazi, Macanga, Mbanda Sala, Tchifuli, Santa Teresa Ncana, Siadede, Tchele, Luvuá Licubo. Fonte: Administração do Município de Cabinda;
- j) Regedoria do Bumelambuto: Mazengo, Pove, Bumelambuto, Chinguinguil, Tando Zinze, Bungo Cubo, Lucula. Fonte: Administração do Município de Cabinda;
- k) Regedoria do Caio Litoral: Mbuco, Chinga, Chiazzi, Caio Litoral, Mbanda Savi. Fonte: Administração do Município de Cabinda.

³⁵ Adv. = advérbio; Adj. = adjetivo; ; Contr. = contração; D = determinante; Loc. = locução; N = nome; Num. = numeral; Pref. = prefixo; V = verbo. (Perfeito et al., 2009).

³⁶ Os problemas linguísticos detetados, foram classificados de acordo com os seguintes níveis:

- a) Nível 0 (N0) = o estudo não deteta o significado e a função social do topónimo, pelo que recomenda mais investigações ou alteração toponímica;
- b) Nível 1 (N1) = o estudo não deteta nenhum problema linguístico, nem desvirtuamento da social funcionalidade toponímica;
- c) Nível 2 (N2) = o estudo não deteta qualquer problema linguístico, mas apenas regista indefinição quanto ao verdadeiro nome do topónimo. Recomenda-se às entidades competentes a devida definição;
- d) Nível 3 (N3) = o estudo não deteta nenhum problema linguístico, nem desvirtuamento semântico ou da função social do topónimo; prevalecendo o hibridismo existente;
- e) Nível 4 (N4) = o estudo deteta um hibridismo, mas sem desvirtuamento semântico ou sociofuncional toponímico. Apenas recomenda-se correção em um dos nomes;

finalmente uma proposta de reversão toponímica, corretiva da grafia harmonizada. Reafirmamos mais uma vez que a análise que se segue está delimitada apenas na toponímia residencial do Município de Cabinda.

Importa realçar que a nossa análise é linguística, ancorada nas realidades sociológicas, históricas e culturais. Ela está desprovida de conceitos e preconceitos ideológicos, político – partidários, religiosos, raciais, étnicos ou tribais.

-
- f) Nível 5 (N5) = o estudo deteta algum problema linguístico, mas sem desvirtuamento semântico ou da sociofuncionalidade do topónimo. Apenas recomenda-se a devida correção;
 - g) Nível 6 (N6) = o estudo deteta um hibridismo com maior pendor no *aportuguesamento* (processo de integração de unidades lexicais de outras línguas na Língua Portuguesa) e com o desvirtuamento semântico, ortográfico e sociofuncional do topónimo. Recomenda-se correção ou alteração toponímica;
 - h) Nível 7 (N7) = o estudo deteta algum problema linguístico, com desvirtuamento semântico, ortográfico e sociofuncional do topónimo. Recomendamos correção ou alteração;
 - i) Nível 8 (N8) = o estudo deteta um hibridismo com maior pendor na *ibindalização* (processo de integração de unidades lexicais de outras línguas no Ibinda) do topónimo, com desvirtuamento semântico, ortográfico e sociofuncional. Recomenda-se correção ou alteração do topónimo;
 - j) Nível 9 (N9) = o estudo deteta uma ibindalização do topónimo, com desvirtuamento semântico, ortográfico e sociofuncional do topónimo. Recomendamos a correção.

²⁷ Tendo em conta o nível problemático detetado, categorizamos os topónimos de acordo com a seguinte classificação:

- a) N0 = Problema não detetado;
- b) N1 = Inexistência de problemas linguísticos;
- c) N2 a N4 = Problema linguístico menos grave;
- d) N5 a N7 = Problema linguístico grave;
- e) N8 a N9 = Problema linguístico muito grave.

III. 2.2.1. Tabelas analíticas da toponímia residencial do Município de Cabinda

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	n° de unidades lexicais	estrutura (classes de palavra)	subclase	Informação semântica e sociofuncional	categorização	
S M	1	Cabinda	1	Loc + N	Nome próprio	O termo vem de Ku = no / na; e Mbinda = nome de um dos seus ancestrais. (vd. pp. 28 - 29)	N5	Kabinda

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	n° de unidades lexicais	estrutura (classes de palavra)	subclase	Informação semântica e sociofuncional	categorização	
R	02	Av. Dr. António Agostinho Neto ³⁸	5 palavras	N + N + N + N + N	Nome próprio	Designação atribuída depois da conquista da independência nacional em novembro de 1975, em homenagem ao primeiro presidente da República de Angola, Dr. António Agostinho	N1	Rua Dr. António Agostinho Neto

³⁸ Começa no largo do Governo Provincial e termina no cruzamento do mercado Alto das Rolas

						Neto.		
--	--	--	--	--	--	-------	--	--

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica				Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	n° de unidades lexicais	estrutura (classes de palavra)	subclasse	Informação semântica e sociofuncional	categorização	
Av.	03	Av. 28 de Maio ³⁹	4 palavras	N + Num + contr + N	Nome próprio	Designação atribuída em homenagem ao dia 28 de Maio de 1956, data em que Cabinda ascendeu a categoria de cidade.	N1	Av.28 de Maio

³⁹ Inicia no triângulo defronte ao Hotel Congresso e termina no Calvário da Missão Católica

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	n° de unidades lexicais	estrutura (classes de palavra)	subclasse	Informação semântica e sociofuncional	categorização	
R	04	Av. Duque de Chiaz ⁴⁰	4 palavras	N + N + contr. + N	Nome próprio	Nome atribuído em homenagem a um dos primeiros barões de Cabinda	N1	Av. Duque de Chiaz

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	n° de unidades lexicais	estrutura (classes de palavra)	subclasse	Informação semântica e sociofuncional	categorização	
R	05	Rua do Comércio ⁴¹	3 palavras	N + contr + N	Nome próprio	Nome atribuído por ser durante muito tempo a maior rua de atração comercial e empresarial de Cabinda	N1	Rua do Comércio

⁴⁰ Parte do cruzamento da Escola Barão Puna até ao Largo João Paulo II (Aeroporto)

⁴¹ Começa no cruzamento da Avenida 28 de Maio (Largo do Centro Cultural Chiloango) , até a ponte sobre o rio Lucola

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	n° de unidades lexicais	estrutura (classes de palavra)	subclasse	Informação semântica e sociofuncional	categorização	
R	06	Rua da Índia ⁴²	3 palavras	N + contr + N	Nome próprio	Topónimo atribuído pelo colono português, devido a possessões conquistadas durante a era da expansão. Refere-se a Índia onde Portugal possuía uma colónia.	N1	Rua da Índia

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	n° de unidades lexicais	estrutura (classes de palavra)	subclasse	Informação semântica e sociofuncional	categorização	
R	07	Rua de Moçambique ⁴³	3 palavras	N + contr + N	Nome próprio	Designação atribuída pelo colono português, devido a possessões conquistadas durante a era da expansão. Refere-se a colónia portuguesa de Moçambique	N1	Rua de Moçambique

⁴² Inicia no atual comando municipal da Polícia onde funciona o SIC, até ao largo Ordem, ou simplesmente na rotunda do Samba Bar

⁴³ Começa na travessia por trás do Governo Provincial de Cabinda, até à rua da Cadeia Civil

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	n° de unidades lexicais	estrutura (classes de palavra)	subclasse	Informação semântica e sociofuncional	categorização	
R	08	Rua de Timor ⁴⁴	3 palavras	N + contr + N	Nome próprio	Nome atribuído pelo colono português, devido a possessões conquistadas durante a era da expansão. Refere-se a colónia portuguesa de Timor – Leste	N1	Rua de Timor

⁴⁴ Começa na Avenida Dr. Agostinho Neto, até a rua da Cadeia Civil

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	n° de unidades lexicais	estrutura (classes de palavra)	subclasse	Informação semântica e sociofuncional	categorização	
R	09	Rua da Missão Católica ⁴⁵	4 palavras	N + contr. + N + Adj.	Nome próprio	Designação atribuída devido a existência do primeiro templo da Igreja Católica em Cabinda, a atual Paróquia da Imaculada Conceição, que antigamente se designava apenas Igreja da Missão Católica. Existem igualmente na mesma rua ou zona várias estruturas pertencentes a Igreja Católica, como a residência dos sacerdotes, o Seminário Propedêutico, o Cemitério da Missão Católica, o calvário onde estão os bustos de figuras proeminentes da Igreja Católica, inclusive o Papa João Paulo II, a Missão Feminina de São José de Cluny e várias escolas católicas à volta.	N1	Rua da Missão Católica

⁴⁵ Parte da Avenida Duque de Chiazzi até ao calvário da Missão Católica

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	n° de unidades lexicais	estrutura (classes de palavra)	subclasse	Informação semântica e sociofuncional	categorização	
R	10	Rua das Forças Armadas ⁴⁶	4 palavras	N + contr + N + N	Nome próprio	Designação atribuída devido ao processo político da unificação dos exércitos dos partidos da oposição (UNITA = União Nacional da Independência Total de Angola e FNLA = Frente Nacional de Libertação de Angola) e do partido governante (MPLA = Movimento Popular de Libertação de Angola) em 1991, no âmbito dos acordos de paz, formando assim as FAA (Forças Armadas Angolanas)	N1	Rua das Forças Armadas

⁴⁶ Começa no Largo do Governo Provincial até ao Largo João Paulo II (Aeroporto)

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica				Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	nº de unidades lexicais	estrutura (classes de palavra)	subclasse	Informação semântica e sociofuncional	categorização	
R	11	Rua Gago Coutinho ⁴⁷	3 palavras	N + N + N	Nome próprio	<p>Nome atribuído pelo colono português, em homenagem a Carlos Viegas Gago Coutinho, que nasceu em Belém, Lisboa, aos 17 de fevereiro de 1869 e morre em 1959. Foi o navegador da primeira travessia aérea do Atlântico Sul. Para além de vários trabalhos de campo relacionados com geografia, também desenvolveu aparelhos de navegação que marcaram a história da aviação mundial. Tornou-se famoso por, em conjunto com Sacadura Cabral, ter realizado a primeira travessia aérea do Atlântico Sul.</p> <p>Durante a sua carreira realizou trabalhos geodésicos em Angola e em S. Tomé. No final da sua carreira realizou e publicou vários estudos sobre as navegações portuguesas durante os descobrimentos.</p>	N1	Rua Gago Coutinho

⁴⁷ Inicia na Avenida Dr. António Agostinho Neto até a Emissora Regional de Cabinda

Fonte:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Viegas_Gago_Coutinho
 acesso aos 10/09/2019

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela nº	Designação	nº de unidades lexicais	estrutura (classes de palavra)	subclasse	Informação semântica e sociofuncional	categorização	
R	12	Rua Silvério Marques (Atual Rua da Policia) ⁴⁸	3 palavras	N + N + N Ou N + contr + N	Nome próprio	Designação atribuída em homenagem a Jaime Silvério Marques, que nasceu em Lisboa em 1915 e morre no dia 14 de janeiro de 1986. Foi um oficial general do Exército Português que se distinguiu como governador de Macau (1959-1962) e como um dos membros da Junta de Salvação Nacional criada na sequência da Revolução de 25 de Abril de _____ 1974. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaime_Silv%C3%A9rio_Marques Atualmente, devido as instalações do Comando Provincial da Policia Nacional naquela rua, é hoje mais conhecida como Rua	N1	Rua Silvério Marques (atual Rua da Policia

⁴⁸ Começa na Avenida Dr. Agostinho Neto e termina na Avenida Duque do Chiazí

da Policia

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	13	Rua Irmão Evaristo ⁴⁹	3 palavras	N + N + N	Nome próprio	Topónimo atribuído em homenagem a um Irmão ligado à Igreja Católica de nome Evaristo, pela missão e dedicação em prol as comunidades locais.	N1	Rua Irmão Evaristo

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	

⁴⁹ Parte do cruzamento da Avenida Dr. António Agostinho Neto até a Avenida Duque do Chiazí

R	14	Rua Daniel de Oliveira ⁵⁰	4 palavras	N + N + Contr. + N	Nome próprio	Não identificado	N1	Rua Daniel de Oliveira
---	----	--------------------------------------	------------	-----------------------	--------------	------------------	----	------------------------

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	15	Rua Governador Jaime Benazol ⁵¹	4 palavras	N + N + N + N	Nome próprio	Nomenclatura atribuída em homenagem ao brigadeiro do exército colonial português Jaime Benazol	N1	Rua Governador Jaime Benazol

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização

⁵⁰ Inicia no prédio do Banco Nacional de Angola (B.N.A.) Cabinda, passando pelo cruzamento ao lado da Clínica da Cabgoc, até a rua Irmão Evaristo, no cruzamento do Bar Ferreira

⁵¹ Parte do cruzamento da estátua das 5 quinas da bandeira portuguesa, até ao cruzamento da Guedal (Jembas)

R	16	Rua Rui de Sousa ⁵²	4 palavras	N + N + contr. + N	Nome próprio	Designação atribuída pelos portugueses em homenagem a Rui de Sousa, que foi o capitão que comandou a nau “ Senhora da Atalaia” e que pela primeira vez avistou o Porto deTchiowa.	N1	Rua Rui de Sousa
---	----	--------------------------------	------------	-----------------------	-----------------	---	----	---------------------

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica				Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	17	Rua S. Boaventura ⁵³	3 palavras	N + N + N	Nome próprio	Nome atribuído em homenagem a S. Boaventura, que foi bispo e reconhecido doutor da Igreja, homem culto, de muita ciência e humildade. Chamou pescadores e camponeses para segui-lo no carisma de Francisco de Assis. Fonte: https://pt.wikiquote.org/wiki/Boaventura_de_Bagnoreggio acesso aos 10/09/2019	N1	Rua S. Boaventura

⁵² Começa no largo do Governo Provincial até a entrada para a Missão Evangélica

⁵³ Inicia na entrada da Missão Evangélica até ao largo da Ordem

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	18	Rua Elias Garcia ⁵⁴	3 palavras	N + N + N	Nome próprio	Designação atribuída em homenagem a José Elias Garcia (1830 – 1891) foi um professor da Escola do Exército português, jornalista, político republicano e coronel de engenharia do Exército Português. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Elias_Garcia , acesso aos 10/09/2019	N1	Rua Elias Garcia

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	19	Rua dos Franques ⁵⁵	3 palavras	N + contr. + N	Nome próprio	Designação atribuída em homenagem a uma das famílias reais de Cabinda, os Franques.	N1	Rua dos Franques

⁵⁴ Inicia no cruzamento final da Avenida Dr. António Agostinho Neto, até ao largo Lopes Pimpim

⁵⁵ Parte da rua do Comércio até ao triângulo da rua S. Boaventura

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	20	Rua Irmão Ventura ⁵⁶	3 palavras	N + N + N	Nome próprio	Nome atribuído em homenagem a um Irmão ligado à Igreja Católica de nome Ventura, pela missão e dedicação em prol as comunidades locais.	N1	Rua Irmão Ventura

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	21	Rua Comendador Henrique Serrano ⁵⁷	4 palavras	N + N + N + N	Nome próprio	Não identificado	N1	Rua Comendador Henrique Serrano

⁵⁶ Começa no cruzamento final da Avenida Dr. António Agostinho Neto até a rua do Comércio

⁵⁷ Parte do entroncamento da rua de Macau junto ao Hospital Militar até ao entroncamento da rua Elias Garcia

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	22	Rua de Macau ⁵⁸	3 palavras	N + contr. + N	Nome próprio	Designação atribuída pelo colono português, devido a possessões conquistadas durante a era da expansão colonial. Refere-se a colónia portuguesa de Macau	N1	Rua de Macau

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	23	Rua Povo Cristão ⁵⁹	3 palavras	N + N + Adj.	Nome próprio	Designação atribuída devido a presença de habitantes naquela zona que eram cristãos católicos e ao mesmo tempo prestavam vários serviços a missão Católica. Além disso, os pagãos que se convertiam ao catolicismo encontravam aí a sua morada, próximo da missão e da Igreja.	N1	Rua Povo Cristão

⁵⁸ Inicia no entroncamento da rua Rui de Sousa, junto a residência do Consul do Congo Brazaville, até a rua Irmão Evaristo, junto ao Bar Ferreira

⁵⁹ Parte da Avenida Duque do Chiazi, até ao Calvário da Missão Católica

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	24	Rua Tchinzembo (ex Rua Papa Ngoma) ⁶⁰	2 palavras Ou 3 palavras	N + N Ou N + N + N	Nome próprio	Alguns a denominam Rua do Tchinzembo, que veio de “ <i>Nzemba</i> ” que é um suporte para pôr a criança ao colo. A zona nasce como corredor de circulação. Outros, creio maioritariamente a denominam por “ <i>Rua do Papá Ngomá</i> ”, devido à presença naquela zona de um curandeiro ou pastor oriundo da República Democrática do Congo, que tratava várias patologias, com destaque a infertilidade feminina. O curandeiro tornou-se bastante conhecido e a rua passou a ser chamada maioritariamente por Rua do Papá Ngomá.	N2	Tchinzembu

⁶⁰ Começa na rua do Povo Cristão até a rua do Luvassa

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	25	Rua Pioneiro Zeca ⁶¹	3 palavras	N + N + N	Nome próprio	O nome veio do robô Zeca, que foi pioneiro em Portugal e testado em escolas e clínicas de Braga, Porto e Aveiro. O robô em si é o pequeno modelo Zeno R50 da Hanson Robotics, com aspeto humanoide que replica expressões faciais como contente ou triste. (Cf. Robotica-autismo.dei.uminho.pt , acedido aos 20/09/2019, às 12 h 00).	N1	Rua Pioneiro Zeca

⁶¹ Começa na ruas das Forças Armadas até a Avenida Duque do Chiazi, passando pela Secretaria do MINARS

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	26	Rua do Luvassa ⁶²	Lu ⁶³ + vasa	Pref. + V		<p>Luvassa vem do verbo <i>vasa = dividir, separar</i>, e o prefixo <i>lu</i> anteposto ao infinitivo verbal <i>vasa</i>, para designar a 2ª pessoa do plural, pretérito imperfeito do mesmo verbo.</p> <p>Luvasa é a designação atribuída ao lugar onde os pescadores dividiam o peixe capturado no rio Funga, ao redor deste bairro. Hoje, até o rio é denominado Luvasa, quando segundo os informantes se chamava rio Funga. Hoje o mesmo rio já separa duas zonas atualmente denominada Luvassa Sul e Luvassa Norte.</p>	N5	Luvasa

⁶² Parte do largo das heroínas no Bairro 1° de Maio até à Zona Residencial da Uneca. Uneca é o nome da empresa cubana que estava a cargo da construção do complexo residencial existente naquela rua. Daí a denominação da zona por Uneca.

⁶³ Nas línguas bantu, os nomes são caracterizados por prefixos, que indicam o singular e o plural (cf. (Fernandes & Ntongo, 2002, p. 68)

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	27	Rua da Missão Evangélica ⁶⁴	4 palavras	N + Contr + N + Adj	Nome próprio	Designação atribuída devido a existência do templo e de várias outras estruturas da Missão Evangélica naquela rua.	N1	Rua da Missão Evangélica

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
T	28	Travessia do Centro de Saúde 1° de Maio ⁶⁵	8 palavras	N + contr + N + contr + N + Num + contr + N	Nome próprio	Designação atribuída devido a existência naquela travessia do antigo Centro de Saúde 1° de Maio. Atualmente é a sede da Igreja Tocoísta em Cabinda, atribuída em troca pela cedência do terreno onde hoje está erguida o atual hospital materno infantil 1° de Maio.	N1	Travessia do Centro de Saúde 1° de Maio

⁶⁴ Começa na rua Rui de Sousa até a rua do Comércio, no Bairro Lombo - Lombo

⁶⁵ Começa na rua das Forças Armadas até a Avenida Duque de Chiazi,

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
T	29	Travessia do Matadouro ⁶⁶	3 palavras	N + contr + N	Nome próprio	Nome atribuído porque existia um matadouro naquela localidade	N1	Travessia do Matadouro

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	30	Rua Mbalala ⁶⁷	3 palavras (Rua + Mba + lala)	N + Adv + V	Nome próprio	Topónimo oriundo do verbo <i>Lala</i> = dormir; e <i>Mba</i> = advérbio de dúvida, que significa talvez. <i>Lala</i> é o infinitivo do verbo. <i>Mba Lala</i> , significa literalmente talvez está ou esteja a dormir. Reza a história que havia nas imediações daquela zona um cemitério. Alguns militares portugueses foram lá enterrados, mas, no	N5	Rua Mba Lala

⁶⁶ Parte da rua das Forças Armadas até a Avenida Duque de Chiazi.

⁶⁷ Parte da rua das Forças Armadas até a unidade militar da Marinha de Guerra no Tchizu.

entanto, a população local não acreditava que gente de raça branca também morria. Depois de lá serem enterrados, julgavam eles que apenas estavam a dormir, e que posteriormente ressuscitariam. Daí diziam entre eles: *Bakana ko fuá, mba lala*, que quer dizer não morreram, talvez estejam a dormir; daí a designação ‘ Mba lala’’. Fonte: Padre José Bassanza

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	31	Rua da Comarca ⁶⁸	3 palavras	N + contr + N	Nome próprio	Designado devido a existência da Cadeia Civil ou Comarca de Cabinda naquela rua.	N1	Rua da Comarca

⁶⁸ Parte da Avenida Duque de Chiazzi até ao largo da Ordem.

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	32	Rua Craveiro Lopes ⁶⁹	3 palavras	N + N + N	Nome próprio	Designação atribuída pelo colono português em homenagem a Francisco Higinio Craveiro Lopes (1894 - 1964) que foi militar e presidente da República Portuguesa, após a morte de Óscar Carmona . Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Craveiro_Lopes , acesso aos 10/10/2019	N1	Rua Craveiro Lopes

⁶⁹ Inicia na Av. 20 de Maio passando por 4 cruzamentos até a Rua de Macau

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
R	33	Rua D. João II ⁷⁰	4 palavras	N + N + N + Num	Nome próprio	Designação atribuída pelo colono português em homenagem a D. João II (1455 – 1495), apelidado de "o Príncipe Perfeito", que foi o Rei de Portugal e dos Algarves em dois períodos diferentes. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_II_de_Portugal , acesso aos 10/10/2019	N1	Rua D. João II

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	34	Fortaleza	palavra	N	Nome próprio	Era uma aldeia fortemente ligada ao feitiço e a resistência ao cristianismo. O Padre Lourenço João Joaquim Clemente Mambuku (1886 – 1943) que faz parte da primeira geração dos padres de Cabinda, afetado naquela circunscrição como missionário, foi célebre ao	N1	Fortaleza

⁷⁰ Parte da Avenida Duque do Chiazzi, passando pela Emissora da Rádio Nacional de Angola, até a Avenida 28 de Maio.

						caso da aldeia da Fortaleza. Ai estava a parte mais forte da resistência contra o cristianismo e não queria arredar o pé. Só depois de muita insistência que entregaram os feitiços ao Padre, conforme fizeram as outras aldeias. Testemunho de D. Eduardo André Muaca , Arcebispo Emérito de Luanda (Tubi, 1993, p. 234)	
--	--	--	--	--	--	---	--

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	35	Sende	palavra	N	Nome próprio	O termo significa espinho, pico, algo picante, sinónimo de quifuindi, lugar perigoso e que merece precaução ao entrar. Quifuindi é um matagal espinhoso. Presume-se existir naquele local essa vegetação espinhosa, a que se denomina sende, que deu origem ao nome da aldeia.	N1	Sende

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	36	Ngoio ⁷¹	Ngó + yo		Nome próprio	Era a capital do Ngoyo. Local do Mua Ngoyo, que é a autoridade da região. Ngoyo vem do Ngó que significa tigre ou leopardo e o pronome demonstrativo yo= esse/essa. O rei era comparado a tigre ou leopardo, pela força e poder que tinha. Daí o demonstrativo na lingua local “ <i>ngó yo</i> , que quer dizer esse é leopardo, esse é tigre. Daí o topónimo. Fonte: Padre José Bassanza.	N5	Ngoyo

⁷¹ Mangoio designará, portanto o senhor da terra do Ngoio ou o senhor do Ngoio. A própria palavra Ngoyo tem que ver com a relação entre o poder do chefe e o sagrado. Ngoyo é composto da palavra ngó, que literalmente significa leopardo e simbolicamente tem o significado de poder, pois, só os chefes podem usar a pele de leopardo (Minu ngó : ifumu inu beno bonso = eu sou leopardo: sou o chefe de todos vós). Cf.(Pinto, 2003, p. 5)

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	37	Chinganga	Palavra Nsi + nganga	N	Nome próprio	Duas possíveis versões deste termo. “ <i>Tchi nganga</i> ” = algo pertencente ao <i>nganga</i> . Nganga = curandeiro (a). A outra e a mais consensual é “ <i>Nsi Nganga</i> ” = terra, lugar ou espaço do curandeiro (a). Fonte: Padre José Bassanza	N7	Nsi Nganga

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	38	Yabi Centro	2 palavras	N + N	Nome próprio	Termo oriundo do verbo <i>yaba ou kuaba</i> = pescar. Trata-se de uma apócope ⁷² do pretérito imperfeito deste verbo que é <i>yabizi</i> . É uma zona costeira e com existência de rios e vasta costa marítima. Pelo que se pode pescar tanto no rio como no mar. A população tem como	N3	Yabi Centro

⁷² Apócope (do grego *apokopé* – amputação) = trata-se da supressão dum fonema ou duma sílaba no final da palavra (cf. (Hricsina, 2013, p. 210).

						uma das principais atividades a pesca (Kuaba). Pela posição central que ocupa entre as zonas circunvizinhas, valeu-lhe a designação Yabi Centro	
--	--	--	--	--	--	--	--

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica				Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	39	Yabi Nquete	2 palavras	N + N	Nome próprio	Cf. a palavra Yabi no nº 38. <i>Nquete na verdade é nkheté = advogado, juiz, embaixador; também é sinónimo de nvuala, investigador. É nesta zona onde se dirimiam os conflitos, onde se resolvia os problemas daquela área. Os juízes e as autoridades de justiça tradicional viviam lá. Daí a designação Yabi Nkhete</i>	N5	Yabi Nkhete

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	40	Cabo - Lombo	2 palavras	N + N	Nome próprio	Não identificado	N4	Cabo Nlombe

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	41	Chipita	Palavras	N	Nome próprio	Designação oriunda de <i>Nsi = terra, região, local</i> ; e <i>Pita = petróleo, combustível</i> . Literalmente significa terra de petróleo	N7	Nsi Pita

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	42	Nganzi	palavra	N	Nome próprio	<i>Nganzi</i> = raiva, nervosismo. Devido a conflitos ou litígios nas aldeias, uma família por raiva deixa uma localidade e cria uma nova a qual denominaram Nganzi	N1	Nganzi

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	43	Mwana - Fula	2 palavras	N + V	Nome próprio, composto por justaposição	Mwana na língua local = criança, miúdo; e Fula = soprar, procurar, desenrascar. Termos utilizados para dizer que para se viver naquela localidade é preciso trabalhar, sacrificar-se, lutar. Fonte; Padre José Bassanza	N5	Mwana - Fula

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	44	Ntumba	palavra	N	Nome próprio	<i>Ntumba</i> = investigar, promover. Na perspectiva negativa pode significar maltratar, insultar, ultrajar. Ntumba foi o filho da princesa Muan Poenha. Também é designado lugar santo. (cf. (Pinto, 2003, p. 46)	N1	Ntumba

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	45	Ntendequele	palavra	N	Nome próprio, composto por aglutinação	Nome típico dos nobres da região sul. Vem de <i>ntende</i> = jovem, adolescente; e <i>nquele</i> = , 1ª pessoa do singular do verbo <i>nquele</i> . Ntendequele literalmente significa sou jovem ou é jovem	N5	Ntende Nquele

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	46	Nhungo - Velho	2 palavras	N + Adj	Nome próprio	Não identificado	N3	Nhungo - Velho

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	47	Nhungo - Novo	2 palavras	N + Adj	Nome próprio	Não identificado	N3	Nhungo - Novo

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	48	Chinzazi	palavra	N	Nome próprio, composto por aglutinação	Oriundo dos termos <i>Nsy</i> = terra, região, local, e <i>Nzazi</i> = trovoada ou relâmpago. Literalmente Nsi i Nzazi significa terra de trovoada (s) , ou de relâmpago (s).	N7	Nsi Nzazi Ou Nsi y Nzazi

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
B	49	Lombo - Lombo	2 palavras	N + N	Nome próprio, composto por justa - posição	O nome proveio da vegetação predominante no momento naquela localidade que é <i>Vuvu i nlombe</i> , que produzia frutos silvestres comestíveis. Reza a história que com a chegada dos portugueses, questionaram o nome da árvore que dava aqueles frutos, os autóctones responderam "nlombe". Daí os portugueses deduziram que a zona também era assim designada e passaram a chamar pelo mesmo nome , mas com a grafia de Lombe Lombe. Fonte: Secretário do Bairro senhor João Barros	N5	Nlombe – Nlombe.

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
B	50	Deolinda Rodrigues	2 palavras	N + N	Nome próprio	Antigamente chamava-se aquela zona por <i>Luvuá Li Mi Nhángi</i> (Baixa de Alegrias), pois, era o centro de comércio, albergando o maior mercado público, a Ponte Cais, a Capitania entre outros atrativos. Pelo reconhecimento dos feitos, sacrifício, coragem e entrega pela luta de libertação nacional da guerrilheira, atribuiu-se o bairro o nome de Deolinda Rodrigues. Fonte: Vicente Nduli – Secretário do Bairro	N1	Deolinda Rodrigues

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
B	51	A Resistência	2 palavras	D + N	Nome próprio	Antigamente o bairro era designado <i>Tafi Velho ou Tafi Antigo</i> . É um dos primeiros bairros da cidade de Cabinda, tendo como um dos fundadores o senhor Nsita Itafi ⁷³ . Devido ao conflito armado com o colono português, as populações emigraram-se nos países vizinhos, especialmente no Congo Brazaville e República Democrática do Congo. É neste bairro onde se encontrava a força que resistia ao conflito e vários protagonistas da luta pela independência lá encontravam o seu bastião. Inclusive o 1º presidente de Angola Dr. António Agostinho Neto, Saydy – Mingas, Pedro Benge entre outros. Daí com a independência nacional o bairro passou a designar-se A Resistência. Fonte: Coordenador do bairro, senhor Juliano Ngulu	N1	A Resistência

⁷³ Rei Ncito Tafi, 4º Rei do Ngoio (cf. D. Domingos José Franque: Nós os Cabindas, pp. 28 – 30) citado por (Pinto, 2003, p. 53)

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
B	52	Marien Ngouabi	2 palavras	N + N	Nome próprio	Nome atribuído depois da independência, em homenagem ao 1º Presidente da República do Congo Brazaville. Fonte: Coordenação do Bairro	N1	Marien Ngouabi

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
B	53	Amílcar Cabral	2 palavras	N + N	Nome próprio	Antigamente se chamava <i>Nhenze Porto</i> , com Regedor Júlio Augusto Jack. Posteriormente nos anos 1950 a 1975, com o regedor Francisco Yédika, passou-se a designar Nova Estrela. Com a independência em 1975, em homenagem a Amílcar Cabral, um dos nacionalistas e ideólogo das independências da Guiné Bissau e Cabo Verde. Fonte: Ancião e agente cultural Januário Macaia. Entrevistado aos 18/09/2019	N1	Amílcar Cabral

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
B	54	Comandante Gika	2 palavras	N + N	Nome próprio	Gika era habitado por pequenas comunidades de Bawoyos, dividido em zonas como <i>Porto Rico, Vola Nkamba, Tchimbungungu, Ibaia, Zimpaka Zi Builu, Mbembu Mbote</i> . Antes da independência, o colonialista português retirou alguns moradores do Tafi e situou –os nos arredores do Bar Kilala, tendo batizado aquela zona toda de Tafi Novo. Em 1975, nos confrontos havidos entre os movimentos de libertação nacional, a FNLA mandou um explosivo numa das trincheiras onde se encontravam os comandantes Pedalé e Gika, nas encostas do Morro do Tchizu, tendo vitimado mortalmente este último. Com o alcance da independência, em homenagem a este combatente, foi designado o Bairro Comandante Gika. Fonte: Coordenação do Bairro	N1	Comandante Gika

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
B	55	A Luta Continua	3 palavras	D + N + V	Nome próprio	Desde os tempos remotos, isto é, dos anos 1950 a 1960, o bairro chamava-se “ <i>Ordem</i> ” ⁷⁴ , pois, como havia a presença de gente oriunda dos outros territórios, sobretudo da região do Soyo, era necessário viverem na ordem e disciplina. Em 1960, com a luta de libertação nacional em 1975, Ordem fragmentou-se em zonas tais como: <i>Makamankondu, Rua 40, Rua Lunguenu</i> , etc. Em 1976, com a conquista da independência, o Bairro passou a designar-se “A Luta Continua”, termos de bravura militar. Fonte: Coordenador do Bairro, senhor Ambrósio António Vicente	N1	A Luta Continua

⁷⁴ Começava a partir da fábrica de painéis até a praça de Manuel de Eira.

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
B	56	A Victória é Certa	4 Palavras	D + N + V + N	Nome próprio	Bairro fundado desde os anos 1960 com o nome de Rua Nova. Também se chamava <i>Nhema</i> . Nhema vem de “ <i>Nhema nsi ka nhema bantu ko</i> ”. Com a proclamação da independência em 1975, para a bravura militar, passou –se a designar o bairro por A Vitória é Certa. Fonte: Coordenador do Bairro, senhor Zacarias Conde	N1	A Victória é Certa

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
B	57	1º de Maio	3 palavras	Num + contr + N	Nome próprio	Inicialmente este bairro chamava-se <i>Nkundu Ikuta Tchimpindi</i> . No âmbito do projeto Calabube, o então governador do Distrito de Cabinda, senhor António Mendonça Frazão, pensou em criar um bairro para os funcionários públicos. E aquela foi a localidade escolhida para o projeto. O funcionário	N1	1º de Maio

						interessado foi chamado a receber um lote e só se podia erguer casa de adobes, tijolos ou blocos e não de madeira. Eram espécie de autoconstruções dirigidas. A quando da inauguração do bairro, entendeu-se chamar Mendonça Frazão, com o pseudónimo de <i>Nkonda Ykuta</i> . Com o alcance da independência, na tentativa de se expurgar das pegadas colonialistas, em honra aos trabalhadores, batizou-se o Bairro 1º de Maio. Fonte: Coordenador Afonso Brás	
--	--	--	--	--	--	--	--

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
B	58	4 de fevereiro	3 palavras	Num + contr + N	Nome próprio	Antigamente este bairro chamava –se Povo Cristão, devido a presença dos missionários, pois, era um bairro predominantemente católico. Tinha algumas zonas nomeadamente: <i>Makoko, Mpinguila, Nsi ka Nheva (atual Mangui Seco) e Nsenguenene</i> . Com a independência, em homenagem aos heróis de 4 de fevereiro de 1961, considerada data de início da luta armada em Angola, passou-se a designar o bairro por 4 de fevereiro. Fonte:	N1	4 de fevereiro

Secretário do Bairro senhor Geremias Sabi

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	59	Mpunzi Nzau	2 palavras	N + N	Nome próprio	Era antigamente chamada por “ <i>Nteva Ntuza</i> ”. Era o lugar onde os marginais descansavam depois das ações banditescas diurnas e noturnas. Nos meados de 1910 teve como um dos seus primeiros moradores o senhor <i>Nkuba Malesu</i> , proveniente do <i>Nza Ngoyo</i> . Por práticas ilícitas foi expulso daquela localidade, mas antes afirmou: <i>a yi yi mpungi nzau</i> , que quer dizer: eu estou na terra dos vivos, não sou marfim para se tocar. Mpungi significa marfim e nzau elefante. Fonte: Coordenação do bairro. MPungi – Nzau liga o aeroporto ao Tchimpindi. <i>Mpungi Nzau</i> , também significa trombeta do elefante. É nesta zona onde se soava as trombetas para se entrar no território e na soberania de Ngoyo. Ai começava o	N1	Mpunzi Nzau

						<p>cortejo fúnebre dos reis. Não é por acaso que a zona está nas proximidades dos principais cemitérios da cidade. A trombeta não era tocada por qualquer um, havia os iniciados que se ocupavam disto. Fonte: Padre José Bassanza</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	60	Tchizo	palavra	N	Nome próprio	<p>Antigamente aquela aldeia chamava-se <i>Lutchinzu</i>, que quer dizer respeito. <i>Tchizu</i> era o nome atribuído ao soberano que vivia na aldeia de Lutchinzu. <i>Lutchinzu</i> era a terra do Mua Tchizu, local sagrado onde se encontra o santuário de <i>Lusunzi</i> (espírito protetor da terra). Os que lá iam diziam simplesmente que vamos visitar o Mua Tchizu. Daí foi ficando para trás o nome de <i>Lutchinzu</i>, sobressaindo a</p>	N5	Lutchinzu ou Tchizu

				<p>atual denominação Tchizu. Fonte: Coordenador José Ambrósio Gime.</p>	
--	--	--	--	---	--

Tchizu é território dos nobres, do poder da coroa do Ngoyo. Território do exército e soberanos de Mua Ngoyo. O seu objeto é a defesa da dignidade da realeza do rei. Lá se encontram os famosos bakama de Kabinda;

Zu significa subida, nobreza, cemitério; *Ku zu* é o lugar onde se fazia a mumificação dos reis do Ngoyo.

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	61	Povo Grande	2 palavras	N + adj	Nome próprio	Topónimo dado pelos padres Francisco e Henrique nos anos 1935 a 1940. O verdadeiro nome da localidade era <i>Nsinda</i> ⁷⁵ . Tinha várias zonas tais como: <i>Mongu Balança (a partir do cemitério de Mbuta)</i> , <i>Ntevu Nlibu</i> , <i>Mongu Nkonde (para quem vai a Tchimbolu)</i> , <i>Ku Ndende (na atual zona do Rui)</i> , <i>Mbaka (depois do rio até a entrada do Yabi)</i> , <i>Mana (da entrada do Yabi até nas bombas do senhor Mandinge)</i> , <i>Nkani (da igreja de S. Pedro até a rotunda de Angoalissar)</i> . Devido a existência de muito areal na localidade de Nsinda, a viatura do padre ficava aí entalada. Este chamava o povo para ajudar-lhe a empurrar a viatura. O povo aparecia em grande e com muita força. Daí o nome de Povo Grande. Fonte: Ancião e agente cultural Januário Macaia, entrevistado aos 18/09/2019	N1	Povo Grande

⁷⁵ Monkata Kalombo retira-se para Tchienza, onde fundou um povo a que deu o nome de Tchialemba – Zambi – Zítica. Tchienza dará mais tarde lugar à povoação de Nsinda, ou Povo Grande, a noroeste de Mbanza Ngoio, próxima de outras povoações mercantis, mas situada ainda a alguma distância do litoral. cf. (Serrano, 1979, p. 61)

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	62	Chiweca	palavra	N	Nome próprio	Antigamente chamava Mesmo (local onde está erguido o templo da Igreja Evangélica). Mesmo porque eram as mesmas famílias do Nsinda que lá viviam. Do templo da Igreja Evangélica até armazém da Angoalissar era uma planície denominada <i>Nthandu Isualili</i> . Ciweka ou Tchiweca era uma mata dentro do Mesmo, onde os habitantes do Mesmo e do Imanha lavravam, buscavam lenhas, até escondiam alguns cultivos de grande interesse. Com a invasão populacional naquela zona, o nome do Mesmo foi sobreposto pelo Tchiweca. Fonte: Ancião e agente cultural Januário Macaia, entrevistado aos 18/09/2019	N5	Tchiweca Ou Ciweka

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	

P	63	S. Pedro	2 palavras	N + N	Nome próprio	Antigas zonas de Mana e Nkani, pertencentes ao bairro Nsinda. Depois de ser erguida uma capela católica, foi dedicado S. Pedro como padroeiro. Daí aquelas zonas passaram a chamar-se S. Pedro. Fonte: Ancião e agente cultural Januário Macaia , entrevistado aos 18/09/2019	N1	S. Pedro
---	----	----------	------------	-------	--------------	---	----	----------

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	64	Santa Catarina	2 palavras	N + N	Nome próprio	A atual Santa Catarina estava numa zona chamada <i>Tchibungu Mbungu</i> e era denominada Sonsa. Uma serva que tratava de várias doenças chamada <i>Mama Itombuku Sonsa</i> , sai desta aldeia, abeirando-se na via principal com a sua família, fundou uma nova aldeia que se chamou <i>Tchibungu Mbungu Tchi Sonsa</i> . Com a chegada dos missionários, esta serva tratou uma madre, e esta depois de curada, foi a Portugal. De regresso a Cabinda, levou consigo uma estátua ou imagem da Santa Catarina, isto no ano 1950. Com a construção de uma capela naquela localidade, na primeira missa, essa imagem foi lá	N1	Santa Catarina

						colocada como gesto de agradecimento. Daí a capela e a aldeia passaram a designar-se Santa Catarina. Fonte: Secretário do bairro	
--	--	--	--	--	--	--	--

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	65	Chimbolo	palavra	N	Nome próprio	Termo oriundo do nome <i>Tchimboli Tchi Ngimbi Chimbu</i> . Ngimbi foi o filho da senhora Chimbu, que é o fundador da aldeia. Daí a designação. É a aldeia do 1º Bispo da Diocese de Cabinda D. Paulino Fernandes Madeka. Fonte: Ancião e agente cultural Januário Macaia, entrevistado aos 18/09/2019	N5	Tchimbolu Ou Cimbolu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades	Estrutura (classes de	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	

			lexicais	palavra)				
A	66	Cotra	palavra	N	Nome próprio	Termo oriundo da frase” <i>nsi ikotilianga bantu, kai ibasikianga bantu</i> ”, o que quer dizer esta é a entrada de pessoas e não a saída. Kótilla significa entrar. Aldeia fundada pelo senhor Yeze Li Mangoyo. Fonte: Ancião e agente cultural Januário Macaia, entrevistado aos 18/09/2019	N7	Kótilla

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	67	Cafongo	palavra	N	Nome próprio	Havia naquela zona várias aldeias dispersas, tais como: <i>Tchinfuka, Mputu Mongu, Monekena, Tchifumu – i – Liambu, Lelu</i> . Com o objetivo de exercer visitas e controlo as populações, a administração colonial orientou ao Ntoma nsi Butulumbumbu (ancião da aldeia de Tchinfuka) para concentrar todas as pequenas aldeias e formar uma só e situar-se na via principal. Em cumprimento desta orientação, o ntoma nsi convocou os chefes das aldeias dizendo: “ Komananuaku lu mbuela fiongo”. Na pronúncia do termo, os	N6	kafongu

						portugueses entenderam fongo em vez de fiongo e acrescentaram o prefixo ca, passando a grafar o nome daquela aldeia por Cafongo. Fonte: Coordenação da aldeia.	
--	--	--	--	--	--	--	--

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	68	Simulambuco	palavra	N	Nome próprio, composto por aglutinação	Vem de <i>Simu = margem, outro lado de</i> ; e <i>li Mambuku = do Mambuku</i> , referindo-se ao rei . Literalmente significa na margem ou ao lado das terras do Mambuku ou do <i>Mbuku</i> . O rio Lukola era a base da divisão. Do outro lado do rio, no sentido Norte vivia o rei Mambuku, daí a designação Ku simu (margem, ao lado de) li Mambuku. Fonte: Encontro com os membros da Regedoria do Liambo, Agosto de 2018	N6	Simu Li Mambuku Ou Simu li Mbuku

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades	Estrutura (classes de	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	

			lexicais	palavra)				
P	69	Cabassango	palavra	N	Nome próprio, composto por aglutinação	<p>Topónimo oriundo de <i>kaba</i> = <i>dividir, distribuir, espalhar, expandir, difundir, divulgar, oferecer, doar, dar</i>, e <i>tsangu</i> = <i>informação, mensagem, aviso, notícia</i>.</p> <p>A rotunda da atual zona ou bairro Cabassango era uma variante e ponto de articulação entre o interior da província. Pois, na falta de meios de comunicação, quem quisesse enviar um recado, uma informação a Norte, Este ou Oeste da província, era o ponto de passagem e paragem obrigatória dos viajantes, devido a existência de um posto de controlo policial. Ai com facilidade encontrava-se um portador de informação. Foi fundada por uma família que devido as divergências saiu do <i>Nfuema Monhu</i> e instalou-se aí. Essa família é oriunda do <i>Tchibodu e Ndioma</i>. Fonte: Encontro com os</p>	N6	Kaba – Tsangu

						membros da Regedoria do Liambo, Agosto de 2018	
--	--	--	--	--	--	--	--

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	70	Vala	palavra	N	Nome próprio	Vala oriundo devido a questão geográfica do local, pois, é uma aldeia entre precipícios. Fonte: Encontro com os membros da Regedoria do Liambo, Agosto de 2018	N1	Vala

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	

A	71	S. Vicente	2 palavras	N + N	Nome próprio	Aldeia criada devido aos conflitos familiares. Alguns indivíduos saíram de <i>Manzela</i> e criaram uma nova aldeia e dão o nome de um santo, porque causa de um dos fundadores o catequista Alexandre Maria dos Santos Chocolate, que pelo seu fervor a doutrina católica atribuiu este nome. Fonte: Encontro com os membros da Regedoria do Liambo, Agosto de 2018	N1	S. Vicente
---	----	------------	------------	-------	--------------	--	----	------------

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	72	Buco Ngoio	2 palavras	N + N	Nome próprio	<i>Mbuku</i> = parte , parcela , porção; e <i>Ngoyo</i> = terra do Ma Ngoyo, centro Sul da provincia de Cabinda. Mbuku Ngoio significa em Ibinda Itinha tchi Ngoyo ou ibuku tchi Ngoyo o que literalmente se traduz parte, metade, porção de Ngoyo. <i>Mbuku Ngoyo</i> tem como um dos fundadores o Mbuku Mua Mpuna, o pai de José Manuel Mpuna, um dos signatários do conhecido tratado de Simulambuco. Fonte: Encontro com os membros da Regedoria do Liambo, Agosto de 2018	N5	Mbuku – Ngoyo

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	73	Tchimuntiaco	palavra	N	Nome próprio, composto por aglutinação	Vem de <i>Tchi muntu – Yaku</i> , ou seja, <i>Muntu y muntu yaku</i> , que significa, cada pessoa com outra pessoa, visto que neste mundo não há nenhuma pessoa que é considerada independente e que não necessita da outra. Fundada em 1930 pelos senhores <i>Moyo Tchivoma</i> e um exímio alfaiate de nome <i>Lelu</i> , oriundos de Bungu Fuana. Fonte: Encontro com os membros da Regedoria do Liambo, Agosto de 2018	N5	Tchi Muntu Yaku Ou Ci Muntu Yaku

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	74	Zongolo	palavra	N	Nome próprio	A linhagem desta aldeia provém de Manzala. O topónimo provém de um forte remoinho de vento que era frequente naquela zona, que na língua local se chama “ <i>zongololu</i> ”. Uma outra versão oral proveniente do coordenador da aldeia, talvez o nome tenha vindo de <i>Zongulu</i> , que significa medir; pois, depois das divergências familiares, alguns indivíduos saíram da aldeia de Tali e foram medir o seu próprio lote a seu bel prazer, sem interferência, nem intervenção e nem tão pouco limitação de ninguém. Passaram a viver em paz. Fonte: Encontro com os membros da Regedoria do Liambo, Agosto de 2018	N5	Zongulu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	75	Tali Sumbi	2 Palavras	V + N	Nome próprio	Fundada pelos senhores Ngaka Maza e Libuili Mpemba. O nome provém de um animal selvagem que se chama sumbi, que em português é cabramonte. Este animal vivia naquela planície e quando viram o animal, um deles grita: Tala Tsumbi”, que significa olha o tsumbi, daí o topónimo. Fonte: Encontro com os membros da Regedoria do Liambo, Agosto de 2018	N5	Tala Tsumbi

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	76	Terra Nova	2 palavras	N + adj	Nome próprio	A Terra Nova tem como seu real topónimo “ <i>llengela</i> ”, que significa bonita planície e que era invejada por muita gente. Também era designado <i>Ntotu Unsiala</i> , que significa a terra há de ficar. A aldeia foi formada em 1967, por elementos que vieram de <i>Nama</i> , com	N1	Terra Nova

						destaque o senhor Manuel Gomes, vulgarmente conhecido por <i>Lady Kasetá</i> . Hoje é designada por Terra Nova porque é a aldeia mais nova fundada na Regedoria de Subantando. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	
--	--	--	--	--	--	--	--

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica				Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	77	Ncaca	palavra	N	Nome próprio	Divergências familiares, sobretudo por razões feiticistas, estavam na base da fundação desta aldeia e deste nome. Segundo o coordenador da aldeia, os fundadores eram dois senhores que por divergências várias cognominaram-se de <i>Ngandu</i> (Jacaré) e <i>Nkaka</i> , que são fortes animais com escamas. Porque os dois animais são possuidores de escamas, ninguém deve comer nem tocar o outro. Daí a designação Nkaka, que significa limite.	N5	Nkaka

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	78	Cungo	palavra	N	Nome próprio	Povos oriundos do <i>Tali</i> , que fruto das divergências foram criar a aldeia a que denominaram <i>Monekene</i> que significa, aquele que aparece, que em termos objetivos, quem quiser cá viver pode aparecer. No entanto, todos que apareceram fundaram uma só aldeia que designaram <i>Kungu</i> , que na língua local significa agrupar, unir ou união. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N5	Kungu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	79	Lelo Mau	2 palavras	Adv + N	Nome próprio	Fruto das divergências familiares e feiticistas, algumas famílias saíram da aldeia de Mau, abeiraram-se na via principal, fundando uma nova aldeia, a qual denominaram <i>Lelu Mau</i> , que significa, atenção, advertência, pois, não	N5	Lelu Mau

						queriam que os problemas da aldeia de Mau fossem novamente vividos na nova aldeia. <i>Le/lu</i> significa atenção, cuidado, advertência.	
--	--	--	--	--	--	--	--

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica				Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	80	Papela	palavra	N	Nome próprio	Papela vem do papel, em referência ao dinheiro, que naquele momento era o escudo português. Devido a inveja, alguns indivíduos decidiram criar uma nova aldeia em que denominaram Papela, o que quer dizer “ basta trabalhar para ter o teu papela ou dinheiro”. Em outros termos, não é preciso invejar o outro, trabalha e conseguirás o que quiseres.	N9	Papel

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	81	Chipita Liambu	2 palavras	N + N	Nome próprio	Anteriormente designava-se <i>Tchipita Kungu</i> . Tchipita era o chefe da aldeia. Segundo o coordenador atual da aldeia, foi nesta localidade que em 1961 começou a 1ª guerra de revolução em Cabinda. Porque os portugueses queriam ser sempre os primeiros a manterem relações sexuais com as meninas da aldeia, o chefe da zona Tchipita, insurgiu-se, entrando em confronto e agressões com alguns portugueses. Daí estes com a força bélica que possuíam, criaram confronto com a população local, algo que resultou em graves problemas “ <i>liambu</i> ”. Daí o local passou a designar-se <i>Tchipita Liambu</i> , que significa Tchipita de problemas, em vez de Tchipita Kungu	N5	Kapita Liambu Ou Tchipita Liambu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	82	Ncamba	palavra	N	Nome próprio	Fundada por volta de 1750 por uma famosa rainha daquela época chamada <i>Mua Chimbu, bubangana Taku ou Ikambu Tchi Nkode</i> , cujo túmulo se encontra nas imediações do cemitério de Nkamba. NKamba teve várias designações, devido aos conflitos, migrações e algum nomadismo vivido na época, tais como: <i>Nkamba Tchi Mpinda, Nkamba Fuaty, Nkamba Nganda Ngoyo, Nkamba Kotokua, Nkamba Kabosu, Nkamba Ntoto bi Nsiala, Nkamba Nkuku, Nkamba Ntala</i> . O termo vem do provérbio: <i>nkamba mosi kaleleko kufuniko</i> , o que significa literalmente para a solução de uma questão é preciso repousar ou pôr a mente a repousar. Nkamba também é nome de tubérculo, espécie de cebola	N5	Nkamba

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	83	Tchichiaco	palavra	N	Nome próprio	<p>Tchi = isto, isso; de alguém. É um pronome possessivo e as vezes demonstrativo; e</p> <p>Tchiaku = pronome possessivo, que significa teu, tua.</p> <p>Tchi Tchiaku = isso é teu ou tua.</p> <p>Também foi o nome de um dos reis daquela localidade, cujas terras eram sua pertença. Fonte: Coordenação da zona</p>	N5	<p>Tchi Tchiaku</p> <p>Ou</p> <p>Ci Ciaku</p>

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	84	Simindele	palavra	N	Nome próprio	Vem dos termos <i>Nsi = terra, região, local; e Mindele = branco</i> (referência aos brancos europeus ou colonizadores). Era um espaço onde os brancos (portugueses) pretendiam ocupar para as suas instalações, daí a designação Nsi Mindele que significa Terra ou zona dos brancos. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N5	Nsi Mindele

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	85	Chibodo	Palavra	N	Nome próprio	O termo vem de “ <i>Tchibodu tchi nsitu</i> ” que antigamente se chamava <i>Livuiã</i> , e estava interligado com a aldeia de <i>Nganzi</i> . Os habitantes do <i>Tchibodu Tchi Nsitu</i> saíram daquela localidade e junto a estrada criaram	N5	Tchibodu Ou Cibodu

						uma nova aldeia a que denominaram <i>Tchibodu</i> .	
--	--	--	--	--	--	---	--

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	86	Mbaca	Palavra	N	Nome próprio	<p>Deu-se essa designação porque nessa localidade abundava muitos animais selvagens que se chamam “<i>mbaku</i>”. Um dia ao serem caçados pelos caçadores e corridos pelos cães, que é a forma típica de caça na região, os <i>mbakus</i> caíram num buraco e foram aí apanhados, daí da designação “<i>Va mbaku</i>”. Do <i>mbaku</i>, através do processo de substituição, passou-se a grafar Mbaka.</p> <p>Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019</p>	N5	Mbaku

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica				Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	87	Subantando	palavra	N	Nome próprio, composto por aglutinação	Do Ibinda: <i>Tubele ku usu bu nsitu, abubu tueka ku usu bu nthandu</i> , que literalmente significa estivemos na face ou cara da mata ou selva, agora estamos na face ou cara da planície. Esse nome “ <i>Usu = face, cara; bu= da/ do; Nthandu = planície</i> ”, foi escrito pelos colonialistas portugueses como Subantando. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N7	Usu Bu Nthandu Ou Su bu Nthandu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística	Proposta gráfica	
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	88	Bungo Fuana	2 palavras	N + N	Nome próprio	Vem de “ <i>Bungu lili fuana</i> ”. Bungu= questão, problema; e Fuana= alcance, que se pode, que serve. Literalmente significa só resolve o problema que está ao teu alcance. Em outros termos um indivíduo não pode resolver todos os problemas, apenas pode os que estiverem ao seu alcance. O topónimo em causa é oriundo da discussão entre três anciãos, nomeadamente Kambala, Ndeku e Bungu. Discutiam entre eles quem melhor resolve os problemas. O Bungu tomou a palavra e disse que podem resolver os problemas, mas se a questão não for real e certa, e consequentemente estiver ao teu alcance nunca conseguirão resolver. Daí o termo	N5	Bungu Fwana

Bungu – Fwana.

.Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
P	89	Nganzi	palavra	N	Nome próprio	Significa raiva. Devido a incumprimentos por parte da população onde vivia, o chefe abandonou a sua aldeia por raiva e foi criar uma outra aldeia a qual denominou <i>Nganzi</i> . Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N1	Nganzi

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	90	Mbanda Ngiembo	2 palavras	N + N	Nome próprio	Mbanda refere-se a todas aldeias que estão à margem do rio Lulundu. Mbanda Ngiembo está nas margens do mesmo rio. Havia naquela localidade muitas mangueiras e abundantes morcegos (<i>Ngembu - Norte</i>) ou (Ndjembu – Zona Sul). Daí a designação. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N5	Mbanga Ndjembu Ou Ngembu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	91	Siamputurico	palavra	N	Nome próprio, composto por aglutinação	<i>Nsi Mputu Liku</i> é a designação dada a duas aldeias que se uniram. Quer dizer esta terra é rica e boa como Europa ou Portugal (<i>Mputu</i>) ⁷⁶ ,	N9	Nsy Mputu Liku

⁷⁶ Designação usada para referir aquilo que é oriundo de Portugal de forma particular e da Europa de forma geral. Ex: Susu mputu (galinha de Portugal ou da Europa); muisi mputu (alguém natural de Portugal ou da Europa).

não há inveja, quem trabalha, trabalha. Os europeus entenderam grafar o topónimo por Champuto Rico. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	92	Telma	palavra	V	Nome próprio	<i>Telama</i> é o imperativo do verbo telama, que significa levanta ou levanta-te. Segundo relato de um ancião, havia um curandeiro naquela região que tratava dos paráliticos. Durante o tratamento dizia ao paciente: “ <i>telama ukiina</i> ” que significa levanta-te e dança. Daí o paralítico levantava-se e dançava. Veio a designação Telama, que por um processo de síncope é grafado por Telma. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N5	Telama

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	93	Siamazi	palavra	N		Vem de <i>Nsi</i> – <i>y- Mazi</i> que significa terra da água. Também era conhecido por <i>Ikanda li Mbongu</i> . Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N7	Nsi y Mazi

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	94	Susso	palavra	N	Nome próprio	Significa galinha ou galo. O termo vem do provérbio: <i>nsinda susu ya banda ou duda, ki podi utóbulua nsi kō</i> ; o que significa o batimento das patas da galinha ou do galo não furam nem estremeçam a terra. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N7	Susu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	95	S. José de Ngongo	4 palavras	N + N + Contr + N	Nome próprio	<i>Ngongu</i> é advérbio de negação. Vem de “ <i>ngongami nhangisi</i> ”, isto é, não quero confusão, de modo que quem quem quisesse viver naquela aldeia tem de obedecer às regras de boa convivência. Com a chegada do catolicismo, anexou-se a essa designação o nome S. José, em virtude da capela católica construída naquela localidade que tem como padroeiro S. José. Hoje a aldeia é designada S. José Ngongo. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N5	S. José Ngongu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	96	Cinto Macanda	2 palavras	N + N	Nome próprio	Significa aldeia de unificação ou de união das famílias. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N4	Cinto Makanda

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	97	Luavo	palavra	N	Nome próprio	Significa lamentação. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N5	Luavu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	98	Talicuma	palavra	N	Nome próprio, composto por aglutinação	Thadi= rocha, pedra, e Kuma= cume, montanha, cimo. Vem da frase: <i>bika bi ntalilianga va thadi kuma</i> ; o que significa deixa estar por cima da montanha ou da rocha para ser visto por todos. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N7	Thadi Kuma

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	99	Talibeca	palavra	N	Nome próprio, composto por aglutinação	Vem da frase: <i>lbeka tchi nzungu thadi</i> , que significa metade de panela metálica.	N7	Thadi Beka Ou Thadi Ibeka

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	100	Zalangó	palavra	N	Nome próprio, composto por aglutinação	Vem de <i>Nzala = fome; y= do/ da; ngó = leopardo, tigre;</i> ou simplesmente “ <i>nzala y fuá ngó buna zola kuandí ka zoleze</i> ” o que quer dizer, o tigre ou leopardo como animal feroz e carnívoro, só passa fome quando quiser. Na sua interpretação real significa que só quem é preguiçoso é quem passa fome, pois, a localidade é fértil em agricultura, de modo que para quem trabalha tem a possibilidade de ter de tudo um pouco. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N7	Nza y Ngó

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	101	Prata	palavra	N	Nome próprio	Das fontes inqueridas informaram-nos que alguns indivíduos procuravam por uma outra localidade para habitarem, devido a conflitos vários. Foi lhes cedido a atual aldeia de Prata. Quando lá chegaram notaram que a terra era preciosa, rica e fértil, pois havia muita produção, daí considerarem a terra como prata, dando assim a origem do topónimo. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N1	Prata

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	102	Nglesio	palavra	N	Nome próprio	Reza a história de que um natural daquela área levado como trabalhador na Inglaterra pelos ingleses na era da colonização, de regresso a terra natal, fixou-se naquela zona, com o intuito de criar lá a sua aldeia, a qual	N9	Inglaterra Ou

						ousou denominar “Nova Inglaterra”, daí a designação pelos populares <i>Nglesio</i> , que significa inglês. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019		Nova Inglaterra
--	--	--	--	--	--	--	--	-----------------

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	103	Chingundo	palavra	N	Nome próprio	<i>Tchingundu</i> significa cabaça, que é um recipiente que serve para extrair o <i>mandjenvu</i> ou <i>maruvo</i> ou ainda como os outros preferem o vinho de palma ou da palmeira. A zona é abundante deste produto e geralmente o mesmo é vendido nas cabaças ou tchingundu, daí a designação toponímica da localidade por <i>Tchingundu</i> . Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N5	Tchingundu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	104	Lenga	palavra	N	Nome próprio	<i>Lenga</i> na língua local significa caça individual. Os habitantes desta localidade são caçadores natos. É na zona da atual aldeia de Lenga onde geralmente se fazia a caça. Posteriormente a zona passou a ser um acampamento pertencente a um português de nome João Marcos Pinto, que era proprietário da empresa Jomar e tinha lá a fazenda, roça de café. Entendeu instalar junto ao rio Fubu um acampamento para os seus trabalhadores e este acampamento evoluiu, dando origem a atual aldeia de Lenga. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N1	Lenga

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	105	Chimbuandi	palavra	N	Nome próprio, composto por aglutinação	O termo vem de “ <i>Nsi Mbuandi</i> ”, que quer dizer “ Terra de Mbuandi”; e que os portugueses acabaram por grafar Chimbuandi, por não entenderem a língua materna local. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019	N7	Nsi Mbuandi Ou Nsi y Mbuandi

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	106	Chivólica	palavra	N	Nome próprio	Na ambição de todos quererem ser reis ou chefes, fatos que criavam muitos conflitos, um indivíduo retirou-se da aldeia e foi criar uma outra a que denominou <i>Tchivodika</i> , que na língua de Camões significa resguardar-se,	N7	Tchivódika

retirar-se. Fonte: Ancião e autoridade tradicional Senhor Manuel Gomes, entrevistado aos 17/09/2019

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	107	Nhobo	palavra	N	Nome próprio	Não identificado	N0	Sem proposta

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	108	Inama	palavra	N	Nome próprio	Significa parte de um corpo, parte de algo. Aldeia criada como sucursal de uma outra. Assim ficou denominada por <i>Ináma</i>	N1	Inama

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	109	Ntchieze	palavra	N	Nome próprio	Não identificado	N0	Sem proposta

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística	Proposta gráfica	
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	110	Macamba Nzila	2 palavras	N + N	Nome próprio	De acordo com os dados recolhidos <i>in loquo</i> , antigamente a referida aldeia chamava-se <i>Mbata Bitola</i> , devido a existência de troncos de árvores que se chama <i>bitola</i> . Havendo necessidade de se abrir uma via para a exploração de madeira naquela zona, começou-se a trabalhar para esse efeito. Explicam os moradores de que havia uma sereia naquela localidade, de modo que quando trabalhassem, no dia seguinte encontravam o terreno trabalhado nas anteriores circunstâncias ou no estado anterior. Isso aconteceu por inúmeras vezes. Daí denominaram a área de Makambu Nzila, que em outros termos significa “ sem caminho”.	N5	Makambu Nzila

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	111	Sinabumuno	palavra	N	Nome próprio, composto por aglutinação	<i>Sina = riqueza; bu= de/ da; munu= boca.</i> Literalmente significa riqueza da boca. Designação atribuída, pois, os habitantes daquela localidade achavam-se de ricos, mas que na verdade não passavam de meros exibicionistas. Fonte: coordenação da aldeia	N5	Sina bu Munu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	112	Caio Congo	2 palavras	N + N	Nome próprio	Não identificado	N5	Kayu Kongu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	113	Ngovo	palavra	N	Nome próprio	Nome de um dos fundadores da aldeia	N5	ngovu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	114	Luciesse	palavra	N	Nome próprio	De acordo com um dos anciãos entrevistado por nós, o termo é oriundo de vozes dos pássaros abundantes naquela localidade. Vozes como “ <i>sie, sie, sie</i> ”, originou o topónimo Lusiese. Também Lusiese na língua local significa prego	N5	Lusiese

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	115	Cácata	palavra	N	Nome próprio	De acordo com um dos anciãos da aldeia, o termo veio do seguinte pensamento: " <i>Va Keli kákata, va dukukila mazi ko</i> ", que literalmente significa onde está rijo, a água não penetra. A moral do pensamento é que onde está um mais velho, o mal não pode reinar. Em outros termos, o mais velho na aldeia é um pilar e tem sempre jeito para resolver todas as possíveis situações.	N5	Kákata

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	116	Chibula Ngunga	2 palavras	N + N	Nome próprio	De acordo com um dos anciãos da aldeia, o verdadeiro nome da aldeia é <i>Kibula Kungu</i> , que significa diálogo, conversa, bate papo. Pois, antes de se construir naquela localidade foi preciso dialogar com os responsáveis ou os donos da zona, que são os do Matchiobo. Só	N7	Kibula Kungu

						depois deste diálogo é que foi autorizada a fixação naquela aldeia, daí a designação <i>Kibula Kungu</i> . Ora, os portugueses, pela dificuldade de grafar os nomes locais, passaram a grafar Chibula Ngunda, que permaneceu até aos dias de hoje.	
--	--	--	--	--	--	--	--

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	117	Chiobo	Palavra	N	Nome próprio	Nome originário do fundador da aldeia <i>Matchiobu</i> .	N7	Matchiobu ou Tchiobu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	118	Nludo	palavra	N	Nome próprio	Não identificado	NO	Sem proposta

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	119	Ntamba	palavra	N	Nome próprio	Não identificado	NO	Sem proposta

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	120	Ntoto Wola	2 palavras	N + N	Nome próprio	Significa na língua de Camões a terra é ouro. Designação dada por um indivíduo, que expulso de uma aldeia, decidiu fundar a sua. Acreditando na importância de ter um espaço de terra para habitar, decidiu chamar a sua nova localidade de “ <i>Ntoto Wola</i> ”. <i>Wola</i> é termo aportuguesado, na inexistência do mesmo em Ibinda e que significa ouro e <i>ntotu</i> é terra	N1	Ntoto Wola

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	121	S. Pedro Cota	3 palavras	N + N + V	Nome próprio	A aldeia denominava-se <i>Kota</i> , que significa entrar. Era uma aldeia que quem quisesse lá viver podia simplesmente entrar sem impedimentos. Com a presença missionária naquela localidade, foi erguida uma capela, cujo padroeiro é S. Pedro, daí passou –se a designar S. Pedro Cota	N5	S. Pedro Kota

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	122	Cinto Mbutianga	2 palavras	N + N	Nome próprio	Não identificado	NO	Sem proposta

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	123	Ndungo Buba	2 palavras	N + N	Nome próprio	Não identificado	NO	Sem proposta

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	124	Caio Caliado	2 palavras	N + N	Nome próprio	Não identificado	NO	Sem proposta

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	125	Fútila	palavra	N	Nome próprio	Oriundo do termo <i>munfutila</i> , que significa sistema de pagamento. Termo usado por um rei, que da captura do pescado naquelas praias, conseguiu pagar os salários aos seus funcionários. Daí a designação. Fútila vem do verbo <i>futa</i> que significa pagar, fazer pagamento. Fonte: Coordenador da aldeia Domingos Barros	N1	Fútila

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
S.C.	126	Malembo	palavra	N	Nome próprio	Existia uma planície denominada <i>Nthandu Malembe</i> (planície de paz, de sossego), onde o povo ia quando tivesse problemas. Aí os problemas eram apaziguados, independentemente do tipo, quer sejam doenças, conflitos familiares, etc., era ir apenas na planície de Malembe. Também se chamou aquela localidade por <i>Ngonvu</i> . Com a chegada dos portugueses, começaram a grafar o nome por Malembo, persistindo até hoje. Atualmente é a designação da sede comunal. Fonte: Alfredo Maria de Jesus Jorge – Secretário da aldeia	N7	Malembe

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística	Proposta gráfica	
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	127	Sassa Zau	2 palavras	N + N	Nome próprio	Com a chegada dos portugueses, constituíram a Companhia de Cabinda em 1903, com o objetivo de explorar e cultivar o café, cacau, palmares, cajú, gergelim. Aquela zona sendo fértil também foi abrangida. Denominaram a localidade de Sasa Nzau II, pois, já existia uma zona com semelhantes condições no município de Mbuku Nzau, que se chamava Sasa Nzau. Para tomar conta das plantações daquela localidade, vieram povos do Maquela do Nzombu (Uige), nos anos 1931 a 1932, e posteriormente nos anos 1943 a 1944 buscaram povos do Miconje (Basundi), do Nkutu e até da R.D.C. Por isso, aquela aldeia é formada por gente maioritariamente mista e oriunda de diferentes localidades. Fonte: chefe da aldeia senhor André Puna Pindo. Na verdade Sassa Zau veio do verbo <i>sasa</i> (que quer dizer talhar, cortejar, espedaçar um animal) e <i>nzau</i> (que significa elefante), que literalmente significa talhar, cortejar ou espedaçar o elefante. Em sentido figurado, usa-se “ <i>sasa nzau</i> ” para significar “ aproveitar	N7	Sasa Nzau II

						a oportunidade, tirar a sua parte ou seu pedaço, colher”. Importante perceber que a Companhia de Cabinda era uma das pouquíssimas empresas existentes naquela região e naquela altura, que albergava um significativo número de trabalhadores. Pela dimensão que ela atingiu, várias pessoas saíram das suas zonas de origem e fixaram-se naquela localidade a procura de emprego e meios de sobrevivência pessoal e familiar. Daí a lógica e a razão do topónimo.	
--	--	--	--	--	--	--	--

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	128	Sáfica	palavras	N + V	Nome próprio, composto por aglutinação	Agglutinação das palavras <i>Sá + fica</i> . Sá era o nome de um português que ocupou aquela localidade. Em contato com os anciãos da área, decidiram que o português fixasse lá a sua serração, onde deveriam serrar os troncos de madeira. Daí veio os termos Sáfica, que quer dizer, Sá pode ficar. Fonte: Coordenador da aldeia senhor João Domingos	N1	Sáfica

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	129	Bissassanha	palavra	N	Nome próprio	Nome oriundo de uma árvore de nome <i>sanha</i> , que é abundante naquela localidade. Na mesma zona existe uma planície de nome Bisassanha, Daí a designação. Fonte: Regedoria do Malembo	N5	Bisassanha

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	130	Chinfinbo	palavra	N	Nome próprio	O topónimo veio do rio <i>Fimbu</i> . Fimbu = cheiro ou bom cheiro. Havia nesse rio folhas que cheiravam muito bem e que eram usadas para a cura dos reis. Um dos curandeiros chamava-se <i>Nkanga - Fimbu</i> . Dessas palavras veio o termo Tchinfimbu = cheiroso . fonte: Coordenador da aldeia senhor Manuel José Soca	N5	Tchinfimbu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	131	Lelo	palavra	N	Nome próprio	O nome surge devido a existência de vários conflitos e divisões entre os da zona de <i>Tchinjambu</i> , de <i>Mbuku Lelu</i> , <i>Mbuku Litutu etc.</i> Graças aos esforços do Padre Alexandre, esses povos foram unificados e decidiram chamar a localidade de <i>Lelu</i> ou <i>Lila va Tchimueka Liambu liko Monika</i> . Daí sobressaiu o nome Lelu. Fonte: Coordenador João Baptista Lelo.	N5	Lelu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	132	Tando Cungo	2 palavras	N + N	Nome próprio	Termo oriundo de " <i>Nthandu bebe bulilianga zi nkungu que bakulu</i> ", que significa, planície ou lugar onde os mais velhos ou antepassados conversavam. O nome autóctone é <i>Nthandu Mankungu</i> , mas erroneamente o branco português grafou o nome por Tando Cungo, tendo permanecido até hoje. Fonte:	N7	Nthandu Nkungu Ou

						Coordenador Próspero Barros		Nthandu Zinkungu
--	--	--	--	--	--	-----------------------------	--	------------------

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	133	Macongolo	palavra	N	Nome próprio	O termo veio de <i>Kôngulu</i> , que é uma espécie de inerte usado naquela localidade pelo rei <i>Mankungu</i> e seu aliado <i>Tchikangu</i> para o fabrico de balas, utilizadas nas guerras com <i>Kapita Mampiolu</i> , caso alguém usurpasse parte das suas terras. Com a chegada dos portugueses passaram a grafar o nome daquela localidade de Macongolo, e persiste até a data presente. Fonte: coordenador Daniel Mavungo André	N7	Kôngulu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	134	Chimuanda	palavra	N	Nome próprio	O primeiro ancião desta aldeia chamava –se <i>Nfuka Tchinkoka</i> , da chefia de <i>Tchikangu</i> . O chefe tinha um filho que cometeu em casa e foi acorrentado pelo pai e os aldeões começaram a temê-lo dizendo: <i>mwanandi nandi ka mekanga mu mphanga</i> ⁷⁷ !!, que significa o filho dele é que amarrou na corrente. De mwanandi passaram a chamar a aldeia de Tchimwana. Com os portugueses, passaram a grafar a palavra por Chimuanda. Fonte: Coordenador Abrão Cadete	N7	Tchi Mwana

⁷⁷ Causou espanto a atitude severa do chefe, que é implacável até com o seu próprio filho. Se com o filho age de forma severa, imagina quem não o fosse!! Todos passaram a temê-lo. Daí a máxima latina “ *dura lex sed lex*”.

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	135	Cunda	palavra	N	Nome próprio	<p><i>Kunda</i> = venerar, adorar (Deus). É uma aldeia exclusivamente católica. Pela entrega e devoção a fé cristã passou-se a designar a aldeia por <i>Kunda</i>.</p> <p>Fonte: Coordenação da aldeia</p>	N5	Kunda

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	136	Mabiala	palavra	N	Nome próprio	<p>Termo originário do verbo <i>biala</i> = nomear, coroar (rei). Mabiala é aquele que é coroadado. É aí onde o rei foi coroadado.</p> <p>Fonte: Coordenação da aldeia</p>	N1	Mabiala

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	137	Bonde Grande	2 palavras	V + adj	Nome próprio	<p>Fruto dos atritos e conflitos religiosos entre protestantes e católicos, devido ao registo de “<i>status animarum</i>’ que era uma prática católica, os protestantes sentiam-se discriminado. Daí decidiram sair do Mabilia e criaram os <i>Bondes</i>. Eram dois irmãos, sendo que um ficou no Bonde Grande e outro fundou o Bonde Pequeno. <i>Bonde</i> vem do verbo <i>Bonda</i>, que significa consolação.</p> <p>Fonte: Padre Barnabé Lelo Tubi</p>	N4	Bonda Pequeno

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	138	Bonde Pequeno	2 palavras	V + adj	Nome próprio	Vd. Origem de Bonde Grande	N4	Bonda Pequeno

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	139	Macanga Grande	2 palavras	N + adj	Nome próprio	<p><i>Makanga</i> = planície. Sendo um lugar plano, os habitantes designaram o local de <i>Makanga</i>. Uns do outro lado da planície criaram outra aldeia a qual denominaram também <i>Makanga</i>. Assim ficou Grande e Pequeno.</p> <p>Fonte: Padre Barnabé Lelo Tubi</p>	N4	Makanga Grande

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	140	Macanga Pequeno	2 palavras	N + adj	Nome próprio	Vd. Makanga Grande	N4	Makanga Pequeno

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	141	Tchinsuá	palavra	N	Nome próprio	O termo vem de Nsi = terra, região; Y= da/do/de; Nswá = lei, norma, ordem; literalmente significa Terra da Lei. Nome dado no sentido de que quem fosse lá fosse habitar tinha o dever de respeitar as regras de boa convivência, assim como respeitar as	N7	Nsi Y Nswá

					<p>autoridades. Não se podia permitir desordem na comunidade.</p> <p>Fonte: Padre Barnabé Lelo Tubi</p>	
--	--	--	--	--	---	--

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica				Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	142	S. José Limano	3 palavras	N + N + N	Nome próprio	O topónimo S. José foi dado pelos missionários e conseqüentemente era uma localidade abundante em limoeiros. Na falta do termo limão, este foi ibindalizado por <i>limanu</i> , daí a designação.	N5	S. José Limanu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	143	Daniel	palavra	N	Nome próprio	Daniel é nome de um comerciante português, que naquela localidade vendia coconotes, óleo de palma, etc. Daí a designação. Fonte: Padre Barnabé Lelo Tubi	N1	Daniel

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	144	Chindende	palavra	N		Topónimo oriundo de um dos fundadores da aldeia que se chamava <i>Mandende</i> . (Fonte: Padre Barnabé Lelo Tubi). Era designado Nsi Mandende e os europeus passaram a grafar por Chindende.	N5	Nsi Mandende ou Nsi Ndende

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	145	Wangolo	palavra	N	Nome próprio, composto por aglutinação	Nome originário da palavra “ <i>mawa – ngulu</i> ” = rebelde, teimoso, incorrigível. O nome provém do fundador da aldeia de nome <i>Khonde Mpupulu Kibala</i> , que era acusado de feitiçaria. Aconselhado por muitos, mas não deixava as suas práticas e atribuíram-lhe o nome de Mawa Ngulu. Daí fundou a aldeia e foi assim designado. Fonte: Professores Ernesto Fiti e Horlando Matondo Tchiali – naturais da aldeia	N7	Mawa Ngulu Ou Wa Ngulu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	146	Santo Eugénio ⁷⁸	2 palavras	N + N	Nome próprio	Aldeia fundada pelo Padre Eugénio Bisch e em honra e memória a Santo Eugénio, denominou assim a aldeia. Fonte: Padre Barnabé Lelo Tubi	N1	Santo Eugénio

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	147	Fátima	palavra	N	Nome próprio	Designação atribuída pelos missionários a aldeia onde viviam os trabalhadores oriundos de Lândana para a construção da Igreja Católica de Lukula – Zenze, em honra e memória a Nossa Senhora de Fátima. Fonte: Padre Barnabé Lelo Tubi	N1	Nossa Senhora de Fátima

⁷⁸ O Padre Eugénio Bisch foi um grande povoador que apanhou gente de todos os cantos para povoar Lukula – Zenze. O Padre Eugénio Bisch, o grande impulsionador deste movimento missionário, baptizou uma aldeia da área da missão com o seu próprio nome. Trata-se da aldeia de Santo Eugénio (Tubi, p.142)

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	148	S. João	2 palavras	N + N	Nome próprio	Antigamente chamava-se <i>Nlimba</i> . Mas na política de evangelização daquela zona, os missionários atribuíram nomes de santos e figuras ligadas a igreja a as aldeias a volta da missão. Daí em honra e memória a S. João, surgiu essa designação. Fonte: Padre Barnabé Lelo Tubi	N1	S. João

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	149	Santa Marta	2 palavras	N + N	Nome próprio	Designação atribuída pelos missionários em honra e memória a Santa Marta. Fonte: Padre Barnabé Lelo Tubi	N1	Santa Marta

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	150	S. José	2 palavras	N + N	Nome próprio	Designação atribuída pelos missionários em honra e memória a S. José. Fonte : Padre Barnabé Lelo Tubi	N1	S. José

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	151	S. Miguel	2 palavras	N + N	Nome próprio	Designação atribuída pelos missionários em honra e memória a S. Miguel Arcanjo. Fonte: Padre Barnabé Lelo Tubi	N1	S. Miguel Arcanjo

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	152	Icazo	palavra	N	Nome próprio	Designação atribuída devido a existência naquela localidade de uma árvore chamada <i>Icazu</i> , cujo fruto é cola. Fonte: Coordenação da aldeia	N5	Icazu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	153	Buco Mazi	2 palavras	N + N	Nome próprio	<p>Topónimo oriundo das palavras Mbuku, que significa, porção, parcela e Mazi que significa água, rio. É uma zona a beira mar e que é atravessada pelo rio Lulonde.</p> <p>Na verdade e de acordo com um o informante, ancião Domingos Zeferino, o nome topónimo vem de “Mbungu Mazi” que significa caneca</p>	N7	<p>Mbuku – Mazi</p> <p>Ou</p> <p>Mbungu Mazi</p>

						de água. É naquela zona onde os viajantes (quer os que saiam do Norte para o Sul e vice-versa) paravam de forma obrigatória para carretar ou beber água. Pois, tratava-se de uma água pura. Daí Mbungu Mazi foi grafado Buco Mazi.	
--	--	--	--	--	--	--	--

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	154	Macanga	palavra	N	Nome próprio	Significa deserto, planície. Designação dada devido a realidade geográfica da zona, isto é, plana. Fonte: Coordenação da aldeia	N5	Makanga

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	155	Mbanda Sala	2 palavras	N + V	Nome próprio	De acordo com o ancião e autoridade tradicional Manuel Gomes, Mbanda é a designação atribuída as aldeias à margem do rio Lulundu. A aldeia chama-se Sala, que significa trabalho ou trabalhar. Por estar localizada nas margens do rio Lulundu, mereceu a designação de Mbanda.	N1	Mbanda Sala

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	156	Tchifuli	palavra	N	Nome próprio	Não identificado	N0	Sem proposta

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	157	Santa Teresa Ncana	3 palavras	N + N + N	Nome próprio	A aldeia designa-se <i>Ncana</i> = seria ou podia. Devido a existência de uma capela cuja padroeira é a Santa Teresa do Menino Jesus, passou a chamar –se Santa Teresa Ncana. Fonte: Coordenação da aldeia	N5	Santa Teresa Nkana

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	158	Siadede	palavra	N	Nome próprio, composto por aglutinação	Nsi = país, terra, aldeia, povoação, freguesia, região, pátria, território; dede = adj. Que significa verdadeira, real, honrosa, digno (a), maravilhosa, valiosa...; adv. Verdadeiramente, certamente, dignamente; loc. Prepositiva : na verdade, de facto,) logo diríamos esta é	N7	Nsi Dede

						verdadeira aldeia ou aldeia de honra, terra digna.		
--	--	--	--	--	--	--	--	--

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	159	Tchele	palavra	N	Nome próprio	Tchele = ramo; “ tchele cibá” =, ramo de palmeira, que é símbolo de vida. Fonte: Coordenação da aldeia	N1	Tchele

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	160	Luvuá Licubo	2 palavras	N + N	Nome próprio	Não identificado	N0	Sem proposta

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	161	Mazengo	palavra	N	Nome próprio	De acordo com o coordenador da aldeia senhor João Liberal Tibúrcio, os habitantes da atual aldeia de Mazengo vieram dum mata a que denomina <i>lbundu</i> . Depois da chegada dos portugueses, estes obrigaram todas as tribos ou clãs que lá viviam para se aproximarem na via principal. As tribos eram Mpuel, Nfinga, Maka e Mazengu. Depois desta movimentação formaram uma só aldeia que é hoje <i>Mazengu</i> . Mazengu vem de “ Mazengu – ka – Zenga nzila, querendo dizer, não se pode passar a Nthandu – Nzinzi sem passar por Mazengu. O termo mazengu é oriundo do verbo <i>zenga</i> =	N5	Mazenga Ou Mazengu

						cortar, esquivar, rachar.O fundador de <i>Mazengu</i> chamava-se <i>Kuekuama</i> .		
						Fonte: Coordenação da aldeia		

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	162	Pove	palavra	N	Nome próprio	Não identificado	N0	Sem proposta

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	163	Bumelambuto	palavra	N	Nome próprio	Segundo o coordenador desta aldeia, senhor João Francisco Zau, os fundadores desta aldeia viviam numa mata que se chama <i>Ibindu</i> , onde tem uma lagoa que se chama <i>Ilombu</i> . O chefe máximo da aldeia chamava-se	N1	Bumelambutu

						<p><i>Lusuzi Ybunzi</i>. No entanto, o responsável da aldeia, quando as mulheres fossem a lagoa lavar roupas, ele ia todo despido, assustando as mulheres dos outros, o que era considerado um grave atentado ao pudor e aos costumes da região. As mulheres informavam o que sucedia aos maridos, até que estes entenderam mudar de habitat. Pengado, Cadeca e Nfuka – Muenge em 1706, saíram do Ibindu criaram uma nova aldeia a que denominaram “ <i>Bumelambutu</i>” que significa saíram de uma pedra grande para uma pedra pequena .</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	164	Chinguingili	palavra	N	Nome próprio	Segundo o coordenador da aldeia senhor Domingos Cristo Tati, o primeiro chefe desta aldeia saiu do <i>Ngunga</i> e chamava-se Rei Luemba. O seu primeiro filho chamava-se José Mbundu Makongu (Ntenze). Estes quando saíram do Ngunga, fixaram-se no Nthandu – Malembe. Pela intervenção dos missionários e dos portugueses, estes povos em 1936 saíram	N7	Tchingingili

						do interior para se fixarem na estrada principal, tendo denominado a nova zona de Tchingingili, que significa cautela; saber mandar. São considerados fundadores da referida aldeia os senhores José Mbundu Makongu (Ntenze) e o chefe Makuebo.	
--	--	--	--	--	--	--	--

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
SC	165	Tando - Zinze	2 palavras	N + N	Nome próprio	De acordo com o Regedor do Bumelambutu, de Cabassango até ao Zenze – Lukula não havia nenhuma aldeia quando a picada foi aberta, pois, todas estavam no interior. A população de Nthandu Nzinzi vivia numa planície, cujos responsáveis eram o <i>Mbuku Tchitchiola</i> e <i>Nkunganzi Mantumba</i> . Com a chegada dos Portugueses, é aí construído um posto e com a presença dos missionários, as aldeias que estavam no interior da picada, foram obrigadas a sair para estrada principal. Ai na ocupação dos lotes de terra para a construção, durante os trabalhos de capinação, saiam muitas moscas picantes (<i>nzinzi</i>) e lamentavam-se pelo facto de saírem	N7	Thandu Nzinzi Ou Nthandu Nzinzi

da sua planície para um lugar com várias moscas picantes; daí a designação *Nthandu* (planície) e *Nzinzi* (mosca).

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	166	Bungo Cubo	2 palavras	N + N	Nome próprio	Bungu = odor; kubu = cabra-monte (um animal selvagem de espécie dos mamíferos das montanhas, abunda nas savanas tropicais). Bungu ikubu = odor de cabra – monte. Presume-se essa realidade teria originado o topónimo. Fonte: Padre José Bassanza	N5	Bungu Ikubu

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	167	Lucula	palavra	N	Nome próprio	Designação atribuída devido a existência de um rio naquela localidade denominado Lukula. Fonte: Padre Barnabé Lelo Tubi	N5	Lukula

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	168	Mbucu	palavra	N	Nome próprio	<i>Mbuku</i> = parte, parcela, lote, porção. Situado na zona Norte da cidade capital, limitado com as zonas do Chinga a Norte e Mabele a Sul. Por ser uma parcela pouco extensa, designou-se <i>Mbuku</i> . Fonte: Coordenação da aldeia	N5	Mbuku

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	169	Chinga	palavra	N	Nome próprio	Encontra-se na zona Norte da cidade capital. É a terra de onde é oriunda parte dos nobres de Cabinda, com destaque a família dos Franques. De acordo com o soba António Lourenço Dei, o topónimo tem a sua origem no termo “ Nsinga” = corda. Nsinga são as cordas que se usava para a pesca. Presume-se ainda que o termo tenha a sua origem em “ Nsi Nga” (terra alheia) ou “Ki Nga” (alheio) ⁷⁹ . Os cabindas acreditam que a terra é pertença de um ser ou ente superior ao homem. É esse ente ou ser que é o criador e dono da terra e de todas as coisas e não o homem. Daí a designação, que foi erroneamente grafado por Chinga.	N7	Nsi Nga ou Ki Nga Ou Nsinga

⁷⁹ D. Manuel Lambi, baptizado posteriormente por D. José Manuel da Conceição Baptista Franque em 25 de Dezembro de 1898 na Missão Católica de Cabinda, com idade possível de 13 anos. Natural de Kinga (Chinga), apresentava-se como herdeiro directo dos Franques e passou a residir na Avenida de Residência Real “ Duque do Chiazi. (cf. Kandimbafilms. Blogspost.com/2012/11/puna-i-barão-de-cabinda-quanto-tempo.html, consultado no dia 22 /07/2019 às 12 h 00. <http://www.carlosduarte.ecn.br/franquejosepuna.htm>)

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	170	Chiazi	palavra	N	Nome próprio	Designação hipocorística, dada em homenagem a D. José Manuel da Conceição Baptista Franque ⁸⁰	N1	Chiazi

Topónimo			Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica
MC	Tabela n°	Designação	N° de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	171	Caio – Litoral	2 palavras	N + N	Nome próprio	Cabinda em toda sua extensão abunda o antropónimo e o topónimo Caio ⁸¹ ou Kayu. Não nos foi possível identificar a origem desse nome. Mas quanto ao topónimo em estudo, por se encontrar na zona litoral, isto é, costeira	N4	Kayu Litoral

⁸⁰ D. José Manuel da Conceição Baptista Franque, conhecido também por «Duque de Chiázi», falecido a 16 de Abril de 1966. E, sem dúvida, não é muito fácil compreender como de simples Manuel Lambi se passou para José Manuel Lambi Baptista Franque e depois, não se sabe a partir de que data, para Dom José Manuel da Conceição Baptista Franque, «Duque de Chiázi» e a viver na «Avenida de Residência Real Duque de Chiázi». (cf. Kandimbafilms. Blogspost.com/2012/11/puna-i-barão-de-cabinda-quanto-tempo.html, consultado no dia 22 /07/2019 às 12 h 00. <http://www.carlosduarte.ecn.br/franquejosepuna.htm>)

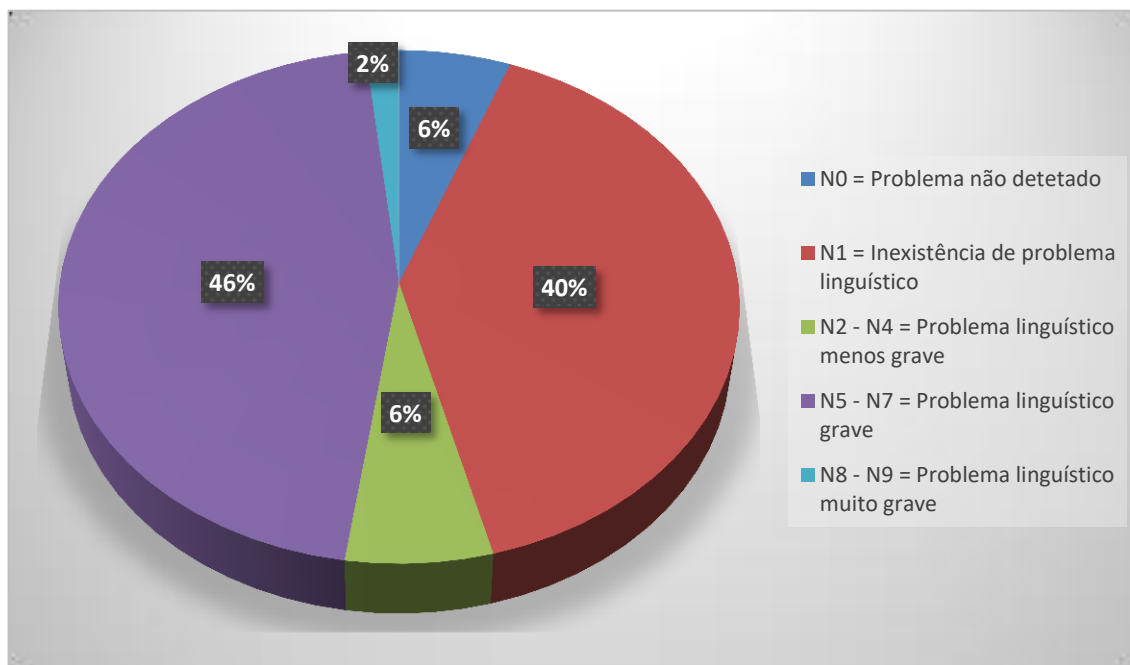
⁸¹ cf. anexo n° 8 (Caio – Guembo, Caio - Viedi – Município de Belize; Cruzamento do Caio, Caio Poba – Município do Bucu Zau; Caio Cacongo – Município do Cacongo; Caio Caliado, Caio Litoral – Município de Cabinda).

ou ribeirinha, recebeu a designação de Caio – Litoral.

Topónimo		Análise lexicológica/lexicográfica			Análise sociolinguística		Proposta gráfica	
MC	Tabela nº	Designação	Nº de unidades lexicais	Estrutura (classes de palavra)	Subclasse	Informação semântica e sociofuncional	Categorização	
A	172	Mbanda Sanvi	2 palavras	N + N	Nome próprio	<i>Sanvi</i> é a denominação da aldeia, que significa “ramo” na língua local. Por estar nas costas ou margens do rio Lulondo, mereceu a designação de Mbanda	N1	Mbanda Sanvi

Da análise sociolinguística feita, o gráfico seguinte traz algumas notas explicativas.

Gráfico 4: Grau problemático da toponímia residencial do Município de Cabinda



Partindo da categorização feita, foi possível verificar que o corpus em estudo, tem um nível problemático variado; sendo que 2% é considerado muito grave, 6% menos grave. Igualmente 6% dos topónimos não analisados, pelo facto de não termos tido informações precisas das suas origens e significações, cujos motivos espelhamos nas páginas 69 e 80.

Chama-nos especial atenção os 40% em que se revela inexistência de problemas linguístico. Como nos referimos anteriormente, a presença dos homens na vida social, económica, política e cultural, etc. deixa marcas. Essas marcas muitas vezes são reconhecidas. O art. 10 da Lei nº 14/16 de 12 de setembro fala das regras para atribuição dos topónimos. Na alínea a) do nº 1 do citado artigo e diploma diz: “ a atribuição de topónimos deve evocar figuras ou instituições com importância local, nacional ou internacional”. Como é do conhecimento geral, a história pré-colonial, colonial e pós-colonial registou nomes de figuras e de instituições. Com o intuito de se cumprir o estipulado no art. 4º al. e)⁸² da Lei nº 14/16 de 12 de setembro, vários antropónimos passaram para topónimos. Daí a intrínseca relação entre a antroponímia e a toponímia. Como sabemos, os nomes de pessoas não devem ser traduzidos. Devem ser escritos tal como são na sua originalidade. E porque grande parte da

⁸² Perpetuar nomes de personalidades nacionais e estrangeiras e de edifícios históricos.

toponímia residencial do Município de Cabinda é originária dos antropónimos⁸³, isto possibilitou os 40%, justificando assim a inexistência de problemas linguístico.

O caso preocupante é dos 46% considerados graves⁸⁴. Graves porque parte desses topónimos foram grafados por gente⁸⁵ que desconhecia a língua local ou originária do topónimo. É nosso entendimento que os topónimos e antropónimos devem ser grafados na língua originária, como bem se observa no art. 7º noº 2 da Lei nº 14/16 de 12 de setembro, sob pena de distorção do seu conteúdo etimológico, semântico, sintático e morfológico. Os problemas detetados, pela sua gravidade linguística padecem e urgem a devida solução. Pelo que um trabalho conjunto entre os técnicos de língua, sociólogos, historiadores, autoridades tradicionais, membros de sociedade civil e outros atores sociais (como o consagra o art. 6º nºs 1, 2 e 3 da Lei de bases da Toponímia), em colaboração com as autoridades político – administrativas competentes, nos termos do art. 5º nºs 1, 2 e 3 do referido diploma legal, seria para nós o caminho ideal para a resolução da gravidade problemática da toponímia residencial do Município de Cabinda, ao invés de ser um problema de competência exclusiva dos políticos, conforme se verifica atualmente.

⁸³ Em grande maioria nomes de figuras da história colonial portuguesa; nomes de figuras ligadas a Igreja Católica. O facto de serem nomes escritos em Língua Portuguesa e pelos portugueses, permitiu a sua correta grafia.

⁸⁴ Nota-se que há casos com duplo problema, mas por questões metodológicas, foram inseridos numa única categorização. A título de exemplo temos as tabelas nºs 24, 96, 139 e 140 que também poderiam ser categorizados com o N5. Vale neste caso a proposta gráfica de cada topónimo.

⁸⁵ Os Europeus (Portugueses) ouviam e mimeticamente foram grafando, não na língua originária, mas sim de acordo com a grafia portuguesa (vd. as tabelas nºs 69, 127); e em casos de dificuldades de pronúncia e de escrita, vários processos linguísticos como a síncope, a aférese, apócope entre outros, eram postos em prática (vd. a título de exemplo os tabelas nºs 1, 72, 100, 153), só para citar alguns.

CONCLUSÃO

Ao longo das páginas precedentes, procuramos trazer à luz a caracterização da Província de Cabinda, desde a origem etimológica deste termo, a sua realidade histórico-linguística, assim como a sua situação toponímica. Impõem-se agora algumas conclusões:

Sobre a origem do nome Cabinda, sem desprimor para outras versões já divulgadas, é para nós defensável que é oriundo da aglutinação euro-mimética “Ku-Mbinda”. Daí a mimetização europeia de “K’Binda” ter resultado em Cabinda, com a silabação euromimética ou eurolusa, óbvia do [K’], pela inserção do [a].

Sobre a língua de Cabinda, pela sua importância cultural e identitária, impõe-se mais estudos. A sua indefinição e falta de reconhecimento oficial interpela-nos. A não identificação dos seus falantes com o termo Fioti, por o julgar pejorativo e imposto, e com a necessidade de se identificarem linguisticamente como um povo uno e indivisível, leva-nos à apologia de uma designação congregadora das variantes linguísticas de Cabinda, a que propomos chamar Ibinda. No entanto, Ibinda é considerado o elemento congregador de todas as variantes linguísticas angolanas de origem africana atualmente faladas em Cabinda, cujo impulso e desenvolvimento, é uma tarefa acometida a todos habitantes daquela região e dos estudiosos, sobretudo os da área da linguística.

Relativamente à toponímia, cabe-nos dizer que os topónimos, independentemente da sua origem, são uma verdadeira contribuição no mundo lexicológico e lexicográfico, pois, trazem à tona palavras que nos remetem a decifrar a sua origem e significação. Pela sua natureza, são uma área imprescindível no campo onomástico.

No que tange à toponímia do Município de Cabinda, como notamos, ela tem origem em vários aspetos, com maior saliência nos antropónimos, dirrematopónimos, hierotopónimos, sociotopónimos, hidrotopónimos e dimensiopónimos. A lógica é entendida pela sua cultura linguística, histórica, social, cultural, tradicional e pela natureza. Cabinda é terra de língua e cultura. Essa língua e cultura exercem uma forte influência em toda vida comunitária e em todos os setores. A toponímia local é fortemente caracterizada pela sua cultura e pela sua língua. Por isso, uma correta grafia da mesma, revela para muitos um viver e reviver da sua história e da sua realidade. Essa realidade identifica-os. Por isso escrevem Fernandes e Ntongo (2002, p. 98) : “o contexto atual exige a reposição linguística

dos topónimos com base no sistema fonológico em que são designados, de forma a inseri-los na sua cultura ou história respetiva.”

Como notamos e assim o confirma Lino et al. (2010, p. 188), o fenómeno de alteração fonológica e gráfica dos topónimos é o resultado do contato de línguas entre povos com culturas diferentes, no nosso caso o Português. Para nós, esse fenómeno foi ainda agravado pelo facto de na maior parte dos casos, os denominadores não terem sido letrados, assim como a sua própria língua ser ainda ágrafa. A gravidade desta desvirtualização é assumida, visto que esses topónimos foram grafados por gente que desconhece a língua local, os seus fenómenos e o seu funcionamento. Ora, havendo hoje estudos a respeito dessas línguas, é mister repor a verdade linguística, cultural, histórica e identitária, corrigindo os topónimos mal grafados, fazendo *jus* ao art.º. 7º nº2 da Lei de bases da Toponímia, pois como diz o adágio latino “*Errare humanum est sed perseverare diabolicum*”. Iguamente esse estudo, permitiu – nos identificar alguns problemas linguísticos reais da toponímia residencial do Município de Cabinda. Estes problemas devem ser analisados, estudados e solucionados, sob pena de sermos perseverantes no erro.

Em suma, deixamos um repto às entidades decisórias sobre a matéria, no sentido de assumirem a peito essa empreitada e fazerem valer a verdade linguística e científica, “*corrigindo o que está mal e melhorando o que está bem*”⁸⁶

Pela natureza e pertinência temática, terminamos a nossa reflexão sugerindo:

1. Que todas as administrações municipais e comunais, em parceria com a Secretaria Provincial da Cultura e órgãos afins, trabalhem com o intuito de recolher toda a toponímia residencial e não residencial para a sua catalogação numa base de dados e posterior publicação. Pois estes dados são úteis para vários estudos científicos e até para atração turística. Iguamente são dados valiosos para uma melhor gestão urbanística, administrativa ou autárquica, num momento em que o mundo caminha para as chamadas “*smart cities*”⁸⁷.
2. Como reza o art.º. 7º nº2 da Lei de Bases da Toponímia, é preciso que as autoridades administrativas competentes adequem a grafia dos topónimos à sua língua de origem, grafando-os convenientemente, para se evitar a distorção do conteúdo semântico, histórico, linguístico ou cultural dos mesmos;

⁸⁶ Slogan adotado pelo partido MPLA durante a campanha eleitoral de 2017 em Angola.

⁸⁷ Cidades inteligentes ; cidades sustentáveis

3. Que se cumpra o estipulado nos artigos 9º e 10º da Lei da Toponímia quanto aos procedimentos das propostas toponímicas e as regras para a atribuição de topónimos, evitando-se assim nomes descontextualizados, nomes sem significado nem sentido e até nomes que lesam a moral pública e social;⁸⁸
4. Que as autoridades competentes trabalhem no resgate dos topónimos que dizem respeito à vida cultural, social, histórica ou que intrinsecamente estiverem ligados ao povo de Cabinda, para que não pereçam de forma definitiva. Pois, ao longo desta pesquisa constatamos uma enorme ignorância ou desconhecimento do historial e do significado toponímico do seu *habitat* por parte da população e até de algumas autoridades tradicionais e administrativos, o que constitui um grande perigo.
5. Que as Administrações Municipais e Comunais criem boletins do município, para facilitar a comunicação e a interação com os municípios. Através destes boletins, publicar os topónimos oficiais, isto é, reconhecidos pelas entidades administrativas, assim como a sua devida grafia, evitando-se assim a disparidade gráfica dos mesmos; de acordo com o plasmado no art.º. 12º da Lei da Toponímia.
6. Que as administrações municipais e comunais envidem esforços para a afixação de placas toponímicas em todas as áreas, sobretudo as residenciais, com o intuito de facilitar a localização e o conhecimento dos nomes oficiais dessas zonas; nos termos previstos no art.º. 13º n.ºs 1 e 2 da Lei da Toponímia.
7. Que as autoridades administrativas competentes requalifiquem e atualizem os bairros, zonas, povoações, aldeias e outros, tendo em consideração ao seu crescimento demográfico, habitacional, social, económico, etc.
8. Sugere-se mais estudos e pesquisas sobre as línguas de Cabinda nos seus mais variados aspetos, assim como a sua inserção no sistema de ensino o mais breve possível. Pelo que a participação e contribuição de todos é indispensável.
9. Que seja oficialmente aprovada o Ibinda como a designação do nome que congrega as variantes linguísticas de Cabinda, fazendo valer a vontade soberana do seu povo.

⁸⁸ Exemplo: existe em Cabinda uma zona com suposto nome de “Tira Biquini” no Bairro 4 de Fevereiro. As autoridades governamentais e outras, as vezes ficam embaraçadas ao se referirem daquela zona com essa designação, mas no entanto, nada fazem para inverter a situação, deixando a critérios impróprios a designação de Bairros, zonas ou aldeias.

BIBLIOGRAFIA

- Alexandre, H. P. (2015). *Proposta de Harmonização Gráfica da Toponímia de Angola. O Caso do Município de Malanje*. (Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão de Informação de Especialidade) Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Andrade, K. dos S. (2010). *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins: Atito*. Goiás: Ed. da PUC.
- Andrade, K. dos S. (2012). Os nomes de lugares em rede: um estudo com foco na Interdisciplinaridade. *Revista Eletrônica de Linguística Domínios de Linguagem*, v. 6, n. 1, 205–225.
- Arnau, H., Bastons, C., Domènech, M., Jordà, F. L., Solanas, V. L., Ruiz, F., & Sariol, J. (1997). Dicionário Terminológico. In *Dicionário*. Barcelona: Ediciones Vicens Vives, S.A.
- Baptista, F. P. (2016). *Por Amor à Língua Portuguesa* (2ª Edição). Lisboa: Instituto Piaget.
- Barros, A. L. (2018). *Sebenta da Língua Portuguesa, Linguística Portuguesa 5, Temas de Linguística Histórica*. Braga: Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.
- Batsikama, P. C. M. (2010). *As Origens do Reino do Kongo*. Luanda: Mayamba Editora.
- Bembe, M. D. (2013). *A Questão de Cabinda Uma Visão Estratégica, Evolução da situação e cenários de futuro*. Luanda: EAL - Edições de Angola, Lda.
- Bonnemaison, J. (2000). *La Géographie Culturelle*. Paris: Éditions du C.T.H.S.
- Cabinda 52: Elementos Históricos Sobre os Reinos de Cabinda, seus Usos e Costumes, 28 de Maio - dia da cidade*. (n.d.).
- Carreira, A., & Quintino, F. (1964). *Antroponímia da Guiné Portuguesa* (Vol I). Lisboa: Memórias da Junta de Investigações do Ultramar.
- Carvalhinhos, P. de J. (2003). Onomástica e Lexicologia: O Léxico Toponímico Como Catalisador e Fundo de Memória. Estudo De Caso: Os Sociotopônimos De Aveiro (Portugal). In *Revista USP, São Paulo*, n. 56, p. 172-179, Dez.-Fev. 2002. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i56p172-179>
- Chicuna, A. M. (2015). *Portuguesismos nas Línguas Bantu. Para um Dicionário Português - Kiyombe* (2ª Edição). Lisboa: Colibri.
- Claval, P. (2001). *A Geografia Cultural*. (2ª Edição). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

- Constituição da República de Angola.* (2010).
- Correia, M. (2009). *Os Dicionários Portugueses.* Lisboa: Caminho.
- Correia, M., & Lemos, L. S. P. (2009). *Inovação Lexical em Português.* Lisboa: Colibri.
- Costa, A. C. (n.d.). *Filosofia Tradicional do Casamento no Mayombe/Philosophie Traditionnelle du Mariage au Mayombe (em bilingue: Português e Francês).* Luanda: Ponto Um, Indústria Gráfica.
- Cubola, F. (2019). *Comunicação Pessoal sobre a origem do termo Ibinda, no dia 22 de Fevereiro em Lisboa.* Lisboa.
- Declaração Universal dos Direitos Linguísticos. Barcelona.* (1996).
- Decreto – Lei nº 571, de 24 de Fevereiro de 1934.* (n.d.).
- Dick, M. V. P. A. (1975). O problema das taxionomias toponímicas. (Uma contribuição metodológica). *Língua e Literatura*, 4. Pp. 373-380
- Dick, M. V. P. A. (1987). Toponímia e Imigração no Brasil. *In VI Congresso Brasileiro de Imigração e Integração.*
- Dick, M. V. P. A. (1990). *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira.* São Paulo: Arquivo do Estado.
- Dick, M. V. P. A. (1992). *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos (2ª Edição).* São Paulo: FFLCH - USP.
- Dick, M. V. P. A. (1998). Os Nomes como Marcadores Ideológicos. *In Acta Semiótica et Lingüística*, 7, 97-122. USP - FFLCH.
- Dick, M. V. P. A. (2008). Etnia e etnicidade. Um novo modo de nomear. Projeto ATESP/ATB. In A. Isquerdo, A., & Finatto, M.J. (Eds.), *As Ciências do léxico* (p. v. IV) (pp. 177–198). Campo Grande: UFMS.
- Dubois, J. et al. (1973). *Dicionário de Linguística, trad. de Izidoro Blikstein (coord).* São Paulo: Editora Cultrix.
- Fernandes, J., & Ntongo, Z. (2002). *Angola: Povos e Línguas.* Luanda: Editora Nzila.
- Futi, J. M. (2012). *Essai de Morphologie Lexicale du Cissundi du Cabinda (Angola).* Paris: Editora L` Harmattan.
- Gaudin, F., & Guespin, L. (2000). *Initiation à la lexicologie française - De la néologie aux dictionnaires. Champs linguistiques, Colletion dirigée par Dominique Willems et Mare Wilmet.* Bruxelles: Éditions Duculot.
- Hricsina, J. (2013). Evolução do Sistema Vocálico do Latim Clássico ao Português Moderno (Tentativa da Verificação In Corpora). In projeto “Program rozvoje vědních oblastí na Univerzitě Karlově. P10

- Lingvistika*”, subprograma “Románské jazyky ve světle jazykových korpusů”. Études Romanes de Brno 34,2.
- Instituto Nacional de Estatística (I.N.E.). (2016, March). *Resultados Definitivos do Recenseamento Geral da População e Habitação em Angola - 2014*. Luanda: I.N.E.
- Iriarte, À. S. (2001). *A Unidade Lexicográfica, Palavras, Colocações, Frasesmas, Pragmatemas*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos.
- Isquerdo, M. A. N., & Seabra, M. C. T. de C. (2010). A trilha dos “buritis” no vocabulário onomástico-toponímico: um estudo na toponímia de Minas Gerais e de Mato Grosso do Sul. In *Barros, Lídia Almeida; Isquerdo, Maria Aparecida Negri(Org.). O léxico em foco*. São Paulo: Acadêmica Cultura.
- Janson, T. (2012). *História das Línguas: Uma introdução*. Galiza: Através.
- Kukanda, V. (2012). Dialectologia. In *Ministério da Educação : Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento de Educação (INIDE)*. Cabinda: INIDE.
- Lei nº 14/16, de 12 de Setembro : Lei de Bases da Toponímia*. (2016). Luanda: Diário da República de Angola, I Série - Nº 155.
- Lino, M. T. R. da F. (1979). *Importância de uma Lexicologia Contrastiva*. In *Letras Soltas 1*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Lino, M. T. R. da F. (1984). *Análise Léxico - Semântica*. In *Letras Soltas 2* (F. de C. H. Secção de Linguística, Ed.). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Lino, M. T. R. da F., Medina, D., Gross, A. P., & Chicuna, A. M. (2010). Neologia, Terminologia e Lexicultura. A Língua Portuguesa em Situação de contacto de Línguas. *Revista de Filosofia e Linguística Portuguesa, 42(2)*. Universidade de São Paulo, Indexada Em Latindex.
- Martins, J. (1968). *Sabedoria Cabinda: Símbolos e Provérbios*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.
- Martins, J. (1972). *Cabindas, Histórias, Usos, Crenças e Costumes*. Cabinda: Comissão de Turismo da Câmara Municipal de Cabinda.
- Mazunga, S. (2011). *Gramática Elementar de Ibinda. Zabizi Utuba Ibinda?* Luanda: Editora Mayamba.
- Mbunga, H. (n.d.). *Angola e a Crise Pós - Independência: Cabinda (1975-2006)*. Luanda: Editora Chá de Caxinde.
- Mello, J. B. F. de. (2011). A humanística perspectiva do espaço e do lugar. In *Revista ACTA Geográfica, Ano v, n. 9, p. 7-14, Jan.-Jun.* Disponível em: <<http://revista.ufr.br/index.php/actageo/article/view/429>>. Acesso em: 24 out. 2018. R
- Menezes, B. K. (2015). *Harmonização da Grafia Toponímica do Município de Benguela*. Dissertação de

- Mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa
- Milando, J. (n.d.). Actores «Invisíveis» do Desenvolvimento em África: o kindoki na racionalização de comportamentos no meio rural de Cabinda (Angola). *Centro de Estudos Africanos – ISCTE*, 83–98, Lisboa.
- Mingas, A. A. (1989). *I. Bibliographie et Analyse Critique de Quelques Description Anterieures du Kikoongo, II. Porjet de These, III. Esquisse Phonologique de L 'Oyo (Angola)*. Travail présenté pour le D.E.A. de linguistique sous la direction de Mr le Professeur Emilio BONVINI. Paris: U.F.R. de Linguistique Générale et Appliquée du Universite Rene Descartes
- Mingas, A. A. (2000). *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*. Porto: Xá de Caxinde.
- Muaca, E. A. (2001). *Breve História da Evangelização de Angola*. (2ª Edição). Luanda: Conferência Episcopal de Angola e S.Tomé (CEAST), Comissão da Cultura.
- Muanda, V. (2009). *A Importância da Missão Católica do Maiombe para a Expansão da Administração Colonial em Cabinda: o Maiombe (1922 – 1975)*. Belgrado: Stampa.
- Mue-Nlimba, & Troesch, J. (1953). História Política do Maiombe. *In Portugal Em África, 1953, Janeiro – Fevereiro, N° 55, Pp. 18-25., 1ª Parte*, 18–19.
- Nzau, D. G. N. (2004). *Contributo para o Estudo de Ibinda*. (Dissertação de Mestrado em Língua, Cultura Portuguesa e Didática). Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Nzau, D. G. N., Venâncio, J. C., & Sardinha, M. da G. d' Almeida. (2013). Em torno da consagração de uma variante angolana do português: subsídios para uma reflexão. *In Limite: Revista de Estudios Portugueses y de La Lusofonía. Universidad de Extremadura Edición*, (7), 159–180.
- Oliveira, A. C. (2007). *Perfil do Município de Cabinda - Esboço*. Cabinda. Cabinda: DW- Development Workshop.
- P.IEL - Angola, C. (2014, January). *Seminário sobre o Levantamento da Situação Linguística de Cabinda 06 à 17 de Agosto de 2012. Estratégia de Inserção das Línguas Nacionais no Ensino Primário*. Cabinda
- Pavel, S., & Nolet, D. (2002). *Manual de Terminologia* (T. Faulstich, E., Ed.). Canadá: Direção de Terminologia e Normalização Departamento de Tradução do Governo Canadense.
- Paz, O. (1993). *Claudde Lévi-Strauss ou o Novo festim de Esopo*. São Paulo: Perspectiva.
- Pedro, J. D. (n.d.). *Material de apoio do Balanço sobre a Utilização dos Alfabetos em Línguas Nacionais*.

- Pedro, L. T. (2015). *Proposta para uma Harmonização Gráfica da Toponímia da Comuna de Ondjiva: Aldeias, Bairros e Ruas*. Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa
- Pereira, C. M. R. B. (2013). *Geografias de mundo reveladas nas canções de Chico Buarque*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Perfeito, A. A. B., Castro, A., Morgado, A., Gomes, A., Carvalho, A. A. P. de, Bordalo, À. et. al. (2009). *Dicionário da Língua Portuguesa 2009*. Porto: Porto Editora.
- Pigafetta, F., & Lopes, D. (2002). *Le Royaume de Congo et les Contrées Environnantes (1591), Traduité de l'italien, annotée et présentée par Willy BAL*. Chandeigne: éditions Unesco.
- Pinto, A. O. (2003). *Nós os Cabindas, Domingos José Franque e a História Oral das Linhagens de Cabinda*. Lisboa: Novo Imbondeiro.
- Ramos, R. T., & Bastos, G. R. (2010). Onomástica e possibilidades de releitura da história. *In Revista Augustus, Ano 15, N. 30, Agosto de 2010, Semestral*, 86–92. Rio de Janeiro.
- Salgueiro, A. M. M. (2016). *Topónimos no Espaço da CPLP: O Vocabulário Toponímico*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação, ISCTE – IUL, Lisboa
- Seabra, M. C. T. C. (2004). *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
- Seemann, J. (2005). A toponímia como construção histórico-cultural: o exemplo dos municípios do Estado do Ceará. *In Vivência. 29*, 207–224. Ceará.
- Serrano, C. M. H. (1979). *O Poder Político no Reino Ngoyo. Um Estudo Sociológico*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo
- Suami, J. (2019). Língua Nacional Ibinda. *In Jornal de Angola. Ano 44. N.º 15799, de 3 de Novembro de 2019*.
- Tati, R. (2017). *Cabinda: Orfã da descolonização do ultramar português*. Cascais: Principia.
- Tomás, J. M. N. (2015). *Harmonização Gráfica da Toponímia da Província do Uije*. Dissertação de mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Tuan, Y.-F. (2012). *Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel Editora.
- Tubi, B. L. (n.d.). *Missão do Lucula Zenze 120 Anos de História 1893-2013*. Separata.

- Tubi, B. L. (1993). *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda, 1873-1973*. Cabinda: Biblioteca da Diocese de Cabinda.
- Tubi, B. L. (2010). *Padre Eugénio Bisch 1869 -1910: Apóstolo do Lucula-Zenze - Cabinda - Angola*. Prior Velho: Paulinas Editora.
- Tubi, B. L. (2018). *Cabinda Capital TCHIOWA, Carta Aberta aos Deputados da Assembleia Nacional*. Prior Velho: Paulinas Editora.
- Ullmann, S. (1987). *Semântica: Uma introdução à ciência do significado*. (5ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vansina, J. (2010). *Being Colonized, The Kuba Experience in Rural Congo, 1880-1960*. Wisconsin: University of Wisconsin Press.
- Vaz, J. M. (1970). *No mundo dos Cabindas. Estudo etnográfico*. Lisboa: Editorial L.I.A.M.
- Vilela, M. (1994). *Estudos da Lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Visseque, A. (1890). *Dictionnaire Fiot-Français*. Paris: Maison-Mère.

Outras fontes

https://br.images.search.yahoo.com/search/images?p=mapa+de+cabinda&fr=mcafee&imgurl=http%3A%2F%2F2.bp.blogspot.com%2F-ZZL7_s07Ho%2FU-ohzcBOs5I%2FAAAAAAAAJf4%2FbxWfTgziuTo%2Fs1600%2Fcabinda9.png#id=0&iurl=http%3A%2F%2F2.bp.blogspot.com%2F-ZZL7_s07Ho%2FU-ohzcBOs5I%2FAAAAAAAAJf4%2FbxWfTgziuTo%2Fs1600%2Fcabinda9.png&action=click

[Kandimbafilms. Blogspot.com/2012/11/puna-i-barão-de-cabinda-quanto-tempo.html](http://Kandimbafilms.blogspot.com/2012/11/puna-i-barão-de-cabinda-quanto-tempo.html)

Robotica-autismo.dei.uminho.pt

www.carlosduarte.ecn.br/franqueiosepuna.htm

https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Viegas_Gago_Coutinho

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaime_Silv%C3%A9rio_Marques

https://pt.wikiquote.org/wiki/Boaventura_de_Bagnoreggio

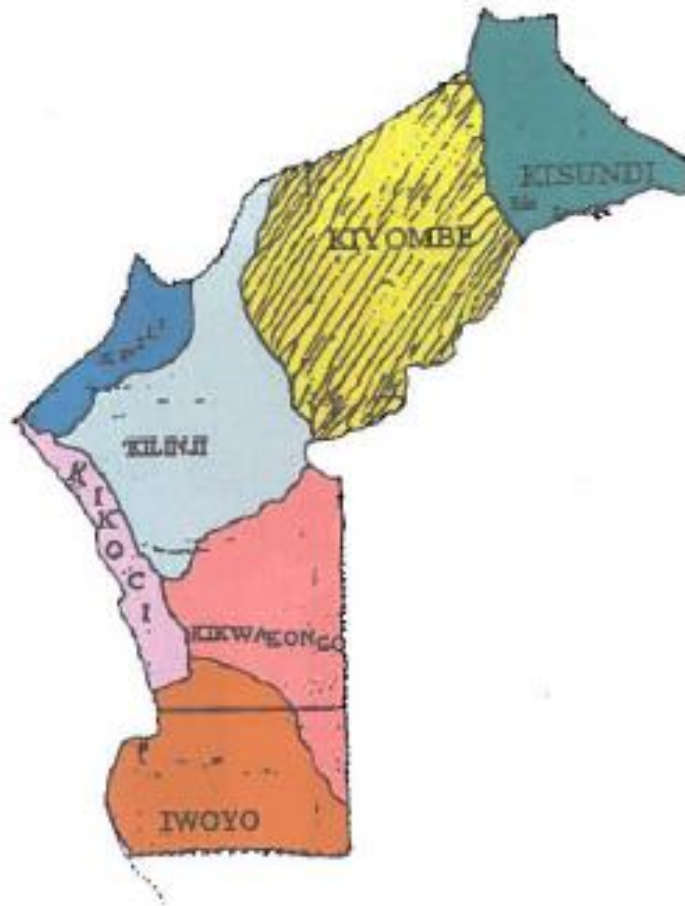
https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Elias_Garcia

https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Craveiro_Lopes

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_II_de_Portugal

Anexos

Anexo nº 1: Mapa linguístico das variantes do Ibinda



Fonte: (Chicuna, 2015)

PARA A LÍNGUA FALADA EM CABINDA

Linguistas aprovam a designação “Ibinda”

Estudiosos e investigadores linguísticos de Angola e do Reino da Bélgica concluíram, em Cabinda, que “Ibinda” é a designação acertada, em detrimento de “Fiole”, para a língua falada na província mais a Norte do país, por reflectir melhor a realidade sociolinguística e cultural do povo de Cabinda. A conclusão foi defendida na 1ª Conferência Internacional sobre a língua falada em Cabinda, seu ensino e investigação, promovida a 25 de Outubro pela Associação de Comunicólogos Angolanos, em parceria com a Universidade 11 de Novembro, e que decorreu no anfiteatro do Instituto Superior Politécnico de Cabinda



Joaquim Saumi / Cabinda

Os participantes concluíram, igualmente, que existem condições humanas, técnicas e científicas para assegurar a implementação da língua Ibinda no sistema do ensino geral, a partir do próximo ano lectivo, na província de Cabinda. Os conferencistas concluíram, também, que as autoridades competentes devem criar um instituto de língua Ibinda que se ocupe de pôr em prática e de orientar o seu estudo, bem como do seu desenvolvimento em toda a região de Cabinda. Os linguistas concluíram ainda que o estudo do Ibinda não se deve cingir apenas aos aspectos técnicos e gramaticais, mas, sobretudo,

nas acções socioculturais. O conclave concluiu que a designação Fiole, como a de Ibinda, estão bem documentadas pela literatura linguística, e por unanimidade, os participantes concordaram que a expressão Ibinda é a que reúne as propriedades para representar Cabinda, quer do ponto de vista sociolinguístico como cultural. Concluíram igualmente que o Ibinda possui sete variedades de fala que incidem nos aspectos fonéticos.

Os participantes à conferência internacional recomendaram a criação de um instituto de ensino da língua Ibinda, em Cabinda, a nível nacional, e a nível provincial, através do Rádio Nacional de Angola, Rádio Comercial de Cabinda, Televisão Pública de Angola e a Rádio Local a terem programas, em horas nobres,

para o ensino da língua Ibinda, como acontece noutros países africanos. Recomendaram, também, aos locutores de rádio e televisão a terem um conhecimento aprofundado da língua falada em Cabinda, para se evitar o seu aporuguesamento. Os investigadores linguísticos recomendaram as famílias a ensinarem o Ibinda aos seus filhos, porque é no lar onde as crianças passam a maior parte do seu tempo, e também, pelo facto da língua não ser apenas um instrumento de comunicação, mas possuir valores patrimoniais.

Durante a conferência, foram debatidos os temas “Introdução das línguas locais no subsistema do ensino na província de Cabinda”, “Um olhar ao mapa das variantes

faladas em Cabinda”, “Que designação atribuir à língua falada pelos cabindas”, “Fiole: estudo sobre o prefixo nasal silábico nas variantes linguísticas de Cabinda”, “Um olhar à construção da gramática em Ibinda”, “Relação entre língua oficial e línguas locais na escola” e “Alienação dos cabindas as línguas faladas localmente”.

Especialistas aprovam “Ibinda”

O professor de estudos literários e linguísticos Ezequiel Bumba disse que a realização da 1ª edição internacional sobre a língua falada em Cabinda, seu ensino e investigação vai despertar atenção das autoridades competentes para pensarem seriamente na implementação das línguas nacionais no sistema de ensino geral. O professor universitário defende que é preciso que se ensine línguas num modelo de ensino bilingue. “Serão adotarmos o sistema de ensino bilingue, em que temos o ensino das línguas nacionais juntamente com o ensino da língua portuguesa, vai ser muito difícil conseguir o que se pretende para o ensino que se quer”, disse.

Para o linguista, as crianças das zonas mais recônditas dominam melhor a língua local, que é o Ibinda, em relação ao português, por isso, segundo ele, ao lhes ser ensinada a língua portuguesa firm maiores probabilidades de terem dificuldades de compreensão. Já com a presença do Ibinda no ensino terão mais facilidades de superarem as dificuldades em português. Outro linguista e igualmente professor universitário, Domingos Nêlé, referiu que com a realização do evento vai-se reduzir alguns ruídos que ainda pairavam quanto à denominação da língua falada em Cabinda. Fois que todos os participantes ao encontro concordaram que a expressão Ibinda reúne propriedades para representar conflagramente Cabinda, quer do ponto de vista sociolinguístico como cultural.

A discussão sobre a denominação Ibinda como a língua falada em Cabinda surge numa altura em que o Ministério da Educação vai introduzir, a partir do próximo ano lectivo, as línguas nacionais de origem africana

Fonte: Jornal de Angola

Anexo nº 3: Foto dos participantes á I Edição da Conferência Internacional sobre a língua falada em Cabinda

Domingo
3 de Novembro de 2019

IDIOMA 7

Ponto de vista dos comunicólogos

O presidente da Associação dos Comunicólogos Angolanos, André Silva, disse que a conferência sobre a língua falada em Cabinda serviu para preparação das condições humanas, técnicas e científicas para a introdução do Ibinda no sistema de ensino geral a partir do próximo ano lectivo.

"Esta conferência é de grande importância porque o Estado já exarou um diploma que indica que a partir do próximo ano haverá a inclusão das línguas nacionais no subsistema de ensino, e esta conferência serviu de antecâmara para que as instituições ligadas ao sector da Educação tenham uma ideia concreta daquilo que se pode desenvolver, quanto à introdução da língua Ibinda no sistema de ensino", disse.

Cabinda, segundo ele, é uma das poucas províncias do país que antes da realização do evento ainda não tinha definido a designação a atribuir à língua a ser ensinada nas escolas do ensino geral. Agora que está definida, adiantou, o Ibinda passa a ser a denominação oficial da língua local.

De referir que, desde a criação da Associação dos Comunicólogos Angolanos, no ano passado, que integra pessoas formadas em Comunicação, Jornalismo, Relações Públicas e Marketing, foi assinado um convénio com o Fundo das Nações Unidas para a população na abordagem, em conjunto, das questões da população e desenvolvimento. No dia 12 de Agosto deste ano, a associação assinou um convénio com a UNESCO, para trabalhar em matérias ligadas à literacia da media, com vista a ajudar a população a compreender o que se veicula nos meios de comunicação social.

"Estamos acertados que o Ibinda é o nome da língua falada em Cabinda e acreditio que vamos avançar e não vamos recuar na decisão, por isso, vamos em frente com o termo Ibinda"

"Devemos trabalhar para que as línguas locais não se percam, mas, infelizmente, os jovens e as crianças não falam o Ibinda, o que, no meu entender, não é por culpa dos mesmos, mas se calhar por culpa dos pais que não se preocupam em ensinar os filhos", disse.

A Heiga Helide Gomes, formada em língua e culturas africanas, que está a pesquisar o grupo de 40 a 50 variantes da língua Kikongo, falada do Sul do Gabão ao Norte de Angola, disse que a conferência foi um sucesso porque serviu para ouvir várias contribuições para melhor investigação das variantes faladas em Cabinda. Para a investigadora, o evento serviu também para ouvir as reacções das pessoas quanto ao nome a atribuir à língua falada em Cabinda.

"A minha pesquisa está mais virada para a RDIC, por lá existir muita literatura em Kikongo. Em 2015 estive em Cabinda, Lige e Luanda, mas optei por ficar em Cabinda por causa da situação sociolinguística e das diferentes variações da língua Ibinda. Aqui as variantes não têm muita diferença. Por exemplo, o Iwoto, Iko chi e Kwacongo não têm muita diferença, e se existe e pouca a diferença", disse, referindo que o Ibinda é o nome acordado para representar a língua local do povo Cabinda.



Fonte: Jornal de Angola

Anexo nº 4: Fotos depois do encontro com as autoridades tradicionais, anciãos e membros da Regedoria do Liambo, em agosto de 2018



Anexo nº 5: Fotos depois do encontro com as autoridades tradicionais, anciãos e membros da Regedoria do Liambo, em agosto de 2018



Anexo nº 6: Credenciamento da Secretaria Provincial da Cultura



REPÚBLICA DE ANGOLA
GOVERNO DA PROVÍNCIA DE CABINDA
SECRETARIA PROVINCIAL DA CULTURA

CREDECIAL

Para efeitos de pesquisa e recolha de dados aos diferentes organismos e autoridades afectos a Cultura para a fase de preparação da dissertação cujo tema “**DESCRIÇÃO TOPONÍMICA NA PROVÍNCIA PROPOSTA PARA A SUA HARMONIZAÇÃO**” ,a Secretaria Provincial da Cultura de Cabinda credencia o senhor **ERNESTO MILANDO FITI**, estudante inscrito no Curso de Mestrado em Ciências de Linguagem, sob o nº PG35554, na universidade de Minho em Braga- Portugal.

_____ Por ser verdade emite-se a presente credencial que vai por mim assinada e autenticada com o carimbo à óleo em uso nesta Secretaria.

_____ SECRETARIA PROVINCIAL DA CULTURA DE CABINDA, em Cabinda, aos 08 de Agosto de 2018.



Anexo nº 7: Credenciamento da Administração do Município de Cabinda



REPÚBLICA DE ANGOLA
GOVERNO DA PROVÍNCIA DE CABINDA
ADMINISTRAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CABINDA

C/C

AO

- CDI

SR. ERNESTO MILANDO FITI

CABINDA

V/ Referência

S/Comunicação

N/ Referência

636 /G.ADMCAB/18

Assunto: AUTORIZAÇÃO

Respeitosos cumprimentos.

Acusamos a recepção do vosso pedido de recolha para elaboração de dissertação com o tema: Descrição Toponímica da Província de Cabinda, Proposta para a sua Harmonização gráfica.

Sobre o assunto, Sua Excelência, Administrador do Município de Cabinda tomou conhecimento e por seu Despacho de 13 de Agosto de 2018, encarrega-nos informar que está autorizado, devendo para o efeito, contactar o Centro de Documentação e Informação.

Sendo tudo de momento, reiteramos os protestos de mais alta estima e consideração.

GABINETE DO ADMINISTRADOR DO MUNICÍPIO DE CABINDA, em Cabinda, 14 de Agosto de 2018.

A CHEFE DE GABINETE,

BEATRIZ NTHONÁ PEMO TATI

Anexo nº 8: Quadro geral da toponímia residencial da Província de Cabinda

Nº	TOPÓNIMOS DO MUNICÍPIO DE CABINDA	TOPÓNIMOS DO MUNICÍPIO DE CACONGO	TOPÓNIMOS DO MUNICÍPIO DE BUCO - ZAU	TOPÓNIMOS DO MUNICÍPIO DE BELIZE
01	Cabinda	Cacongo	Buco-Zau	Belize
02	Av. Dr. António Agostinho Neto	Chinfuca	4 de Fevereiro	Bairro Central
03	Av. 28 de Maio	Zenga	Deolinda Rodrigues	Anibal Rocha
04	Av. Duque de Chiazí	Muba	Cuca Muno	Hombe de Cima/ Keba Diela
05	Rua do Comércio	Bêmbica	Galileia	Bula Macuco
06	Rua da Índia	Ibovo	1º de Maio	Hombe de Baixo
07	Rua de Moçambique	Chibédica	Terra Nova	Panga de Baixo
08	Rua de Timor	Liamboliona	Chimbaianga	Bairro Mbungo
09	Rua da Missão Católica	Weca	Dizena	Mongo Conde
10	Rua das Forças Armadas	Lico – Pequeno	Bata Milomba	Panga de Cima / Ntoco Siala

11	Rua Gago Coutinho	Lico- Grande	Inglês	Matembo
12	Rua Silvério Marques (Actual Rua da Policia)	Caio – Cacongo	Alzira da Fonseca	Mbata Maba
13	Rua Irmão Evaristo	Cumbo Liambo	Sassa Zau Novo	Terra Nova
14	Rua Daniel de Oliveira	Lelenge	Lufuinde Pequeno	Mienze
15	Rua Governador Jaime Bezanol	Boma Tati	Tando Nhundo	Nsaca
16	Rua Rui de Sousa	Icóba	Lufuinde	Bitina
17	Rua S. Boaventura	Buco – Sócoto	Sassa Zau Velho	Mbamba Kibuendi
18	Rua Elias Garcia	Pecesse	Conde Mbumba	Mazinga
19	Rua dos Franques	Sócoto	Bembo Bote	Kindamba
20	Rua Irmão Ventura	Chintumbo	Cruzamento do Caio	Massamba
21	Rua Comendador Henrique Serrano	Tchinganda Nculo	Muel	Panga I
22	Rua de Macau	Mpali	Mamanha Macala	Bombo Peni

23	Rua Povo Cristão	Vosso Fuila	Ncomo	Bombo Sequi
24	Rua Tchinzembo (ex Rua Papa Ngoma)	Tuba Cácata	Penecácata	Suco – Vula
25	Rua Pioneiro Zeca	Manata Ntima	Chivonde	Dibindo
26	Rua do Luvassa	Tchinfuca	Mongo Mbuco	Conde Luquiengui
27	Rua da Missão Evangélica	Santo Muno	Chimbete	Loango Luquiengui
28	Travessia do Centro de Saúde 1º de Maio	Balananga	Sanga Mongo	Mongo Luquiengui
29	Travessia do Matadouro	Bº 4 de Fevereiro	Mbundo	Tsuco Kingubi I
30	Rua Mbalala Tchizo	Dinge Velho	Mintombo Novo	Ganda Cango
31	Rua da Comarca	Chiloango	Chilito	Buco Luemba
32	Rua Craveiro Lopes	Mabembe	Binga Grande	Lombe
33	Rua D. João II	Cochiloango	Binga Pequeno	Bongo Zimuno

34	Fortaleza	Mandjeno	Lucucuto Novo	Pângala
35	Sende	Chilelo	Chincavo	Tsaca
36	Ngoio	Chimongo	Sinde	Viede
37	Chinganga	Túmuna	Muanza	Caio – Viede
38	Yabi Centro	Bamanga	Tando Matiaba	Tando Masselele
39	Nquete	Buli	Tando Conde	Quissungu
40	Cabo – Lombo	Buzinda	Micuma II	Mbata – Cango
41	Chipita	Chivovo	Ntoto Wola	Mbengo
42	Nganzi	Tchissanga	Micuma I	Tsuco Kingubi II
43	Muana – Fula	Ngomongo	Luveche	Conde Luali
44	Ntumba	Chiluti	Chivolo	Congo Velho I
45	Ntendequele	Tando Zabi	Micuma III	Malemba
46	Chinzazi	Chibueti	Bongo Zimuno	Congo Novo

47	Nhungo – Velho	Chicamba/ Buala	Quissamano	Zala de Baixo
48	Nhungo – Novo	Chicamba/ Comercial	Buco Mabela	Kindimba
49	Lombo – Lombo	Chicamba / Residencial	Cata Buanga I	Quissoqui II
50	Deolinda Rodrigues	Chicaca	Cata Buanga II	Massala
51	A Resistencia	Manenga	Cata Buanga III	Ngunda
52	Marien Ngouabi	Simulinconde	Vemba Chionzo	Quissoqui I
53	Amilcar Cabral	Sango	Conde Lite	Ditadi
54	Comandante Gika	Dala	Caio Lite	Zala de Cima
55	A Luta Continua	Tchississi	Cata Lite	Congo Velho II
56	A Victória é Certa	Boca do Rio	Buco Lite	Wanda Conde
57	1° de Maio	Tando Pala	Chienze Lite	Cungo Muanda
58	4 de Fevereiro	Chiela	Chionzo	Loango Kimbama
59	Mpunzi Nzau	Mongo Ntando	Izizaltina	Vaco I

60	Tchizo	Loango Pequeno	Cuidado	Vaco II
61	Povo Grande	Mpuela	Mbuda	Caio Guembo
62	Chiweca	Tungo	Numbi	Quissoqui
63	Mbaca	Mandarim	Cruzamento do Bata Sano	Sanga Planicie
64	S. Pedro	Tchiafi	Londo	Zombo
65	Santa Catarina	Tchimbingo	Ncodo	Kicócolo
66	Chimbolo	Icazo	Conde Grande	Matangui
67	Cotra	Bitchiequete	Conde Pequeno	Bulo
68	Cafongo	Tchiafi	S. José de Luali	Buco Congo
69	Simulambuco	Chiafumo	Amaro Tati	Matsanga
70	Cabassango	Tenda	Chimpemba	Nhadi
71	Vala	B° 1° de Maio	Tando Malela	Kingombungo
72	S. Vicente	B° Hoji-Ya-Henda	Vito Novo	Bitina

73	Buco Ngoio	B° 4 de Fevereiro	Boma Lubinda	Kibuende
74	Tchimuntiaco	B° Cte Mingas	Panga Mongo Buala	Kimbedi
75	Zongolo		Panga Mongo Fazenda	Sanda Kimbedi
76	Tali Sumbi		Seva da Buala	Kifuma
77	Terra Nova		Seva da Fazenda	Maloango Zau
78	Ncaca		Tando Macuco	Londe Lubonge
79	Cungo		Piadinge	Sanga Loando
80	Lelo Mau		Tando Caio	Tidi Tunga
81	Papela		Tando Bulassi	Binheco
82	Chipita Liambo		Conde Lintumbe I	Tsuco Mvanzi
83	Ncamba		Conde Lintumbe II	Kicumba – Congo
84	Tchichiaco		Benfica	Mbamba Mambuco
85	Simindele		Conde Lintene	Kitsatsa Poba

86	Chibodo		Mongo Macongo	Sanda Massala
87	Nganzi		Lucanga	Kinganzi
88	Subantando		Caio Contene	Tsuco Ncazi
89	Bungo Fuana		Yema Lintene	Bamba Cuanga
90	Mbanda Ngiembo		Toco Siala	Cungo Tadi
91	Siampurico		Bata Cato	Buco Sanga
92	Telma		Bêmbica	Conde Cavunga
93	Siamazi		Pinto da Fonseca	Kiloamba
94	Susso		Chivata I	Bamba Quipongui
95	S. José de Ngongo		Chivata II	
96	Cinto Macanda		Bata Lemba	
97	Luavo		Chimpanze	
98	Talicuma		Tando Ponge	

99	Talibeca		Bata Casa	
100	Zalangó		Bata Pondila	
101	Prata		Buco Chivana	
102	Nglesio		Cata Chivana	
103	Chingundo		Cosso Wenda I	
104	Lenga		Cosso Wenda II	
105	Chimbuandi		Chinvula	
106	Chivólica		Mongo Lima	
107	Nhobo		Bata Caso	
108	Inama		Tando Bôcoto	
109	Ntchieze		Chiaca	
110	Macamba Nzila		Vito da Planicie	
111	Sinabumuno		Vito Nkueto	

112	Caio Congo		Mbata Missinga	
113	Ngovo		Tsinzombe	
114	Luciesse		Conde Malonda	
115	Cácata		Cungo Bitumo	
116	Chibula Ngunga		Caio I	
117	Chiobo		Buco Cango	
118	Nludo		Bata Manenga	
119	Ntamba		Caio II	
120	Ntoto Wola		Siala Singa	
121	S. Pedro Cota		Siala Chimbanze	
122	Cinto Mbutianga		Vemba Siala	
123	Ndungo Buba		Cata Massela	
124	Caio Caliado		Nsales	

125	Fútila		Caio Poba	
126	Malembo		Pumbo Chionzo	
127	Sassa Zau		Caio Panzo	
128	Sáfica		Conde Lintombe I	
129	Bissassanha		Lintombe II	
130	Chinfinbo		Chimbenza I	
131	Lelo		Chimbenza II	
132	Tando Cungo		Chimbenza III	
133	Macongolo		Buta Ntu	
134	Chimuanda		Terra Nova	
135	Cunda		A Resistencia	
136	Mabiala		Vitória é Certa	
137	Bonde Grande		Lubessi	

138	Bonde Pequeno			
139	Macanga Grande			
140	Macanga Pequeno			
141	Tchinsuá			
142	S. José Limano			
143	Daniel			
144	Chindende			
145	Wangolo			
146	Santo Eugénio			
147	Fátima			
148	S. João			
149	Santa Marta			
150	S. José			

151	S. Miguel			
152	Icazo			
153	Buco Mazi			
154	Macanga			
155	Mbanda Sala			
156	Tchifuli			
157	Santa Teresa Ncana			
158	Siadede			
159	Tchele			
160	Luvuá Licubo			
161	Mazengo			
162	Pove			
163	Bumelambuto			

164	Chinguinguili			
165	Tando - Zinze / Sede			
166	Bungo Cubo			
167	Lucula			
168	Mbuco			
169	Chinga			
170	Chiazi			
171	Caio – Litoral			
172	Mbanda Sanvi			

Fonte: Administrações dos municípios de Cabinda, Cacongo, Buco – Zau e Belize / Julho de 2018